

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Marcley Alves Santana

**Os cordões carnavalescos na imprensa carioca (1898-1912)**

Nova Iguaçu

2015

Marcley Alves Santana

**Os cordões carnavalescos na imprensa carioca (1898-1912)**

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Surama Conde Sá Pinto.

Nova Iguaçu

2015

Marcley Alves Santana

**Os cordões carnavalescos na imprensa carioca (1898-1912)**

Monografia apresentada ao curso de História como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Surama Conde Sá Pinto (Orientadora)

---

Profa. Dra. Lucia Helena Pereira da Silva

---

Prof. Dra. Tatiana de Souza Castro

Nova Iguaçu

2015

## Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada sobre os cordões carnavalescos que desfilavam nas ruas da cidade do Rio de Janeiro na década de 1900. O objetivo é focar na visão que a imprensa carioca tinha sobre esses grupos. Primeiro iremos discutir como os cordões carnavalescos aparecem nas bibliografias, fazendo um debate historiográfico com o auxílio da imprensa.

No segundo momento, iremos trabalhar diretamente com a imprensa. Trata-se em observar as críticas aos cordões carnavalescos. Qual era a reação da imprensa sobre as apresentações dos cordões nos dias de carnaval. No entanto, entender as críticas, vai além dos dias de folia. Envolve o momento que passava a cidade. O Rio de Janeiro passava por uma transformação. As ruas dos centros se modernizavam, ao mesmo tempo, as favelas cresciam. O carnaval carioca envolvia vários atores sociais. As elites econômicas e intelectuais tinham suas maneiras de brincar carnaval, com os bailes e as grandes sociedades. A classe mais pobre também, com os ranchos, cordões e outros grupos carnavalescos. No momento de tensão social em que vivia a cidade, todos esses personagens se encontravam na folia.

Os cordões carnavalescos estavam longe de representar o carnaval desejado pela alta sociedade. Sofriam algumas críticas ofensivas, eram olhados por desconfiança pelas autoridades policiais. No entanto, eles eram os donos das ruas nos dois primeiros dias de carnaval. Para vencer a batalha, era preciso dialogar. Durante grande parte da década de 1900, eles conseguiram, e a imprensa teve uma grande contribuição para isso.

Palavras chaves: Cordões. Carnaval. Imprensa.

## Sumário

Introdução .....	6
Capítulo 1: A literatura sobre os cordões .....	17
1.1 Definições sobre os cordões .....	17
1.2 A associação do nome cordão a determinados grupos carnavalescos .....	32
1.3 Surgimentos dos cordões carnavalescos.....	35
Capítulo 2: Os cordões carnavalescos na imprensa carioca .....	43
2.1 As críticas na imprensa aos cordões carnavalescos.....	43
2.2 A Gazeta de Notícias e “ A festa dos cordões” .....	57
2.3 Cordões e ranchos carnavalescos .....	61
2.4 Os cordões e o chefe de Polícia Alfredo Pinto Vieira.....	67
2.5 Conflitos entre os cordões carnavalescos .....	73
Conclusão .....	78
Referências .....	82
1. Periódicos .....	82
2. Documentos.....	82
3. Livros, artigos e dicionários .....	82
4. Sites e artigos citados .....	83
Anexos .....	84

## Introdução

Rio de Janeiro, capital federal, início do século XX. A cidade era o maior centro comercial e populacional do país, e dona da maior rede ferroviária nacional<sup>1</sup>. Esses fatores tornavam a cidade atraente para as indústrias, já que forneciam mão de obra, consumo e a possibilidade de ampliação do mercado.

Entretanto, a cidade precisava passar por um processo de remodelação, a velha estrutura urbana não atendia às demandas dos novos tempos. O antigo cais era um empecilho para a atracarem dos grandes navios. Além disso, “as ruelas estreitas, recurvas e em declive, típicas de uma cidade colonial, dificultavam a conexão entre terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e estabelecimentos dos comércios de atacada e varejo da cidade” (SEVCENKO, 1995, p.28).

Doenças e epidemias, muitas delas provocadas pelas áreas pantanosas, atingiam grande parte da população. Febre tifóide, impaludismo, varíola e febre amarela eram as mais comuns. As ruas estreitas e as moradias tipo cortiço ajudavam a propagar algumas das doenças. O centro da cidade era habitado por negros, libertos, lavadeiras, mulatos, ambulantes e desempregados, que trazia um ar de suspeita para as elites econômicas e intelectuais da cidade, e também para os europeus<sup>2</sup> (SANTUCCI, 2008, p.18).

Para alinhar-se a cidade com o seu crescimento econômico e ainda passar uma imagem de credibilidade era preciso mudar a sua estrutura. Abriu-se “guerra” contra os cortiços, apontados como grandes causadores da difusão de doenças. O primeiro grande cortiço que foi demolido, em 1893, era conhecido como Cabeça de Porco. Segundo SANTUCCI (2008, p.27), chegou a abrigar cerca de 4 mil pessoas um ano antes da demolição.

---

<sup>1</sup> Para Nicolau Sevcenko, a cidade do Rio de Janeiro iniciava o século XX com uma expectativa promissora. O Rio já recebia investimentos industriais. Como centro político do país acumulava recursos no comércio e nas finanças. A cidade contava com o maior núcleo da rede ferroviária nacional, colocando diretamente em contato com o Vale do Paraíba, São Paulo, Estados do sul, Espírito Santo, Minas Gerais e Mato Grosso. Mantinha relação de comércio de cabotagem com o Nordeste e o Norte até Manaus. Era sede do Banco do Brasil, da maior Bolsa de valores e da maior parte das grandes casas bancárias nacionais e estrangeiras. O Rio na virada do século tinha o 15ª maior porto do mundo em volume do comércio, sendo que na América, só perdia para Buenos Aires e Nova Iorque. (SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 27)

<sup>2</sup> Para Jane Santucci, a imprensa teve um papel importante para provocar um ar de suspeita sobre esses grupos. Descrevia sobre os lugares (seja pela violência ou pelas doenças) e os moradores como perigosos. Para os lugares, usavam expressões do tipo: antro, covil, boca de inferno e oficinas da peste. Para os moradores: desocupados, desordeiros, facínoras e capadócios (SANTUCCI, Jane. Cidade Rebelde: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p.18).

No entanto, a cidade que já estava começando a viver novos tempos com a chegada da iluminação a gás, bondes elétricos, máquinas a vapor e crescimento comercial, precisava de mais reformas. As principais ruas do centro, a Gonçalves Dias, a Ouvidor, a Rosário e a Uruguaiana, que contavam com cafés, bancos, escritórios e redações de jornais, eram ruas estreitas, e passaram a ter um trânsito intenso de carroças, charretes e bondes de tração animal. Essas ruas por serem os centros comerciais e intelectuais atraíam muitos pedestres que disputavam as calçadas com vendedores ambulantes (SANTUCCI, 2008 p.23). A solução viria com a construção de uma grande avenida: a Avenida Central, inaugurada em 1904. Para Sevcenko (1999, p.30), a inauguração da avenida, juntamente com a promulgação da vacina obrigatória no mesmo ano, foi a concretização do sonho dos ideais da elite econômica e a intelectual. A cidade estava pronta para o progresso, e tinha como modelo a Europa. O Rio vivia a sua Belle Époque.

Se a cidade já estava preparada para o progresso, a população deveria acompanhar. Essa era a visão da elite intelectual. Os hábitos antigos não eram compatíveis com a nova cidade. A serenata e a boemia e, o seu instrumento principal, o violão, passa ser sinônimo de vadiagem. Os hábitos ideais eram os europeus, na vestimenta o correto para os homens era o paletó e sapato. A imprensa passa ter um papel fundamental para divulgar os novos hábitos. Sevcenko (1995, p.38) cita o figurinista e colunista da Gazeta de Notícias, Figueredo Pimental, como o principal responsável por ditar a moda feminina e masculina da alta sociedade carioca, através de sua coluna social, O Binóculo.

O carnaval não poderia ser diferente, o ideal era a versão europeia. Alerquins, pierrôs e colombinas são as desejadas. As populares como as dos diabinhos e Pai João passam a ser criticadas e depois ignoradas pela imprensa. As dos índios são criticadas, porém, despertavam simpatias, e teve seus defensores.

Com todo esse cenário, imaginem agora, alguns grupos de pessoas formados por maioria de homens negros, vindo dos morros, subúrbios e arrabaldes, muitos deles removidos do centro pelas reformas urbanas, desfilando no carnaval com as fantasias criticadas, e instrumentos de origem africana. Pessoas que para parte das elites eram consideradas “classe perigosa”. Imaginem também, que alguns desses grupos, tinham como nome Destemidos do Inferno, Terror da Chamma, ou nomes que faziam a imprensa os associarem aos maltas de capoeira, como Flor de “alguma coisa” ou Lyra de “alguma coisa”. E se um desses<sup>3</sup> desfilassem com a seguinte música:

---

<sup>3</sup> Cordão Triunpho da Glória, no carnaval de 1902.

Triunpho da Glória  
Faz tremer terra  
Iça-Bandeira  
Declarando Guerra (Jornal do Brasil, 12 de fevereiro de 1902, edição manhã, p.2)

Qual seria a reação da imprensa e das autoridades policiais? Pois bem, esses grupos foram sendo denominados durante a década de 1900, de cordões carnavalescos. Na imprensa, as críticas aos cordões algumas vezes foram ofensivas. Adjetivos como bárbaros, selvagens e fétidos foram usados. As autoridades policiais tomavam muitas precauções. A polícia determinava o roteiro a ser seguido por esses grupos, para evitar conflitos, que às vezes aconteciam. Os integrantes dos grupos eram revistados na saída de suas sedes nos dias de carnaval. Entretanto, os cordões não se deixavam intimidar, e sabiam negociar. E já no final do século XIX procuravam a se aproximar dos jornais cariocas. Deixavam os seus estandartes expostos nas redações dos jornais, faziam músicas e cartões em homenagem à imprensa. Os sócios subiam nas redações para cumprimentar os jornalistas. A tática deu certo, até certo ponto, e parte da imprensa saía em defesa dos cordões, vistos por seus defensores como os legítimos representantes do carnaval popular. E até mesmo os jornalistas que pareciam não gostar dos grupos, ou pelo menos de alguns deles, evitavam as ofensas. Nesse caso, preferiam usar a ironia ou palavras que tinham duplo sentido.

Os cordões também sabiam negociar com as autoridades policiais. A primeira medida foi transformar o grupo em “sociedades carnavalescas”, inspirados nas grandes sociedades carnavalescas: Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos. Essa transformação começa com os grupos criando as suas sedes, em que faziam os seus ensaios, reuniões para o carnaval e, alguns grupos, ainda tinham bailes. Vimos aí, não só uma tentativa de negociação com a polícia, mais também um diálogo com as elites intelectuais e econômicas ao tentar se aproximar do modelo, em parte, das grandes sociedades. Para poder funcionar durante o ano era preciso um estatuto, e os cordões os utilizavam também para negociar com as autoridades policiais. Nos seus estatutos, a maioria dos cordões se denominava como sociedades ou clubes carnavalescos. Os nomes dos cordões eram precedidos de Sociedade Carnavalescas (S.C), Sociedade Dançante ou Dansante Carnavalesca (S.D.C), Club Carnavalescos (C.C), Gremio Carnavalesco (G.C), Gremio Familiar Carnavalesco (G.F.C), Sociedade Dançante ou Dansante Familiar Carnavalesca ( S. F. C) e Gremio Recreativo Carnavalesco.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Baseamos pela imprensa. Também nos estatutos e pedidos de licença ( disponíveis no Arquivo Nacional) que eram enviados a polícia, para o funcionamento das sedes ou para as saídas de carnaval.



Mesmo aqueles que utilizavam Grupo Carnavalesco (G. C) em seu nome, faziam questão de ressaltar a função de sociedade carnavalesca, um exemplo é o estatuto do cordão Grupo Carnavalesco Estrella de Engenho Velho. No Capítulo 1 e artigo 1º, ficou estabelecido:

art1º – Fica installada uma sociedade recreativa carnavalesca com o nome Grupo Carnavalesco Estrella do Engenho Novo.  
(Arquivo Nacional, GIF, 6C171)

Mesmo após a metade da década de 1900, em que a imprensa já classificava esses grupos como cordões com mais nitidez, a palavra cordão<sup>5</sup> não era utilizada nos nomes dos novos grupos. Nesse caso, acreditamos que os novos grupos evitavam se chamar de cordão, por seguir a tentativa de diálogo com a imprensa, a sociedade e as autoridades policiais. Além de fugir, agora, da expressão pejorativa em que aparecia às vezes na imprensa e nas autoridades policiais.

Nos estatutos, os cordões faziam questão de destacar que só poderiam ser sócios, pessoas sem antecedentes criminais<sup>6</sup>, o exemplo é o estatuto de 1900 do cordão Grupo Carnavalesco Sereno de Ouro, que tem no capítulo 2, artigo 3º e parágrafo 1ª e 2ª, a seguinte norma:

Artigo 3ª- Para ser sócio.  
§ 1º - Ser de bom comportamento.  
§ 2º - Não estar seu nome envolvido em questões criminais.  
(Arquivo Nacional, GIF, 6C51).

O diálogo com a imprensa e com as autoridades policiais garantiram aos cordões o predomínio das ruas nos dias de carnaval. Em números, eles eram os maiores grupos carnavalescos da década de 1900. No levantamento feito por Maria Clementina Cunha, no livro *Ecos da Folia* (2001), entre 1901 até 1910, 189 cordões desfilavam na cidade do Rio de Janeiro, sendo que o segundo maior eram os ranchos, com 98 grupos<sup>7</sup>.

Quando iniciamos a pesquisa do trabalho, a nossa intenção era estudar como a imprensa carioca retratava os cordões carnavalescos em suas páginas. Através dos relatos dos desfiles buscaríamos os aspectos culturais dos grupos, que seriam importantes para fazer uma definição das características dos cordões. Iríamos confrontar os traços culturais do grupo com o

<sup>5</sup> Quanto utilizarmos a palavra cordão antes dos nomes dos grupos, vai ser por nossa iniciativa.

<sup>6</sup> Outros exemplos é o estatuto de 1900 do Grupo Carnavalesco Estrella de Engenho Velho ( Arquivo Nacional, GIF, 6C171), e o estatuto de 1908 do cordão Sociedade Carnavalesca Paz no Cattete ( Arquivo Nacional, GIF 6C249).

<sup>7</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das letras. 2001.p.163).

momento em que a cidade do Rio de Janeiro passava na década de 1900. E com isso, entender as críticas que a imprensa fazia aos cordões carnavalescos. A principal linha de pesquisa seria história cultural. Fizemos isso em parte.

No entanto, ao pesquisar a imprensa carioca, foi possível ir além dos aspectos culturais dos cordões carnavalescos. Sem dúvida que as críticas que os cordões sofriam envolviam também a parte cultural. Os cordões representavam uma cultura a ser esquecida, não digna de lugar civilizado, na visão de parte da elite intelectual e a econômica. Entretanto, ao analisar as críticas com o momento que passava o Rio de Janeiro, nos aproximamos da história social. As críticas negativas, com ofensas aconteceram, porém, não era a tônica que dominava as páginas dos jornais. Como já foi dito, os defensores dos cordões, os declaravam como representantes do carnaval popular, e mesmo que muitas vezes os elogios não parecessem sinceros, mostra que esse grupo soube dialogar. Ao se aproximarem da imprensa, os cordões carnavalescos garantiram o seu espaço na folia. Ao seguir as normas das autoridades policiais, e se transformando em “pequenas sociedades carnavalescas”, dialogaram com as autoridades policiais e com a sociedade.

É a visão da imprensa e a sua relação com os cordões carnavalescos que serão discutidos no nosso trabalho. Iremos seguir a linha teórica da história social, tendo como referência Maria Clementina Cunha, na sua obra *Ecos da Folia: Uma história social do Carnaval entre 1880 e 1920*. CUNHA (2001) trata da questão dos conflitos existentes no carnaval entre os diferentes grupos, que buscavam espaço na folia carioca. Com isso, a autora busca no seu livro: “esmiuçar as dimensões de classe, raça, gênero e todas variantes que dissociavam os grupos mutáveis de indivíduos que disputavam espaço a cotoveladas nas estreitas ruas do Rio antigo” (CUNHA, 2001, p.16). A autora ver o carnaval de forma heterogênea, isto é, várias maneiras de brincar, sendo que as características de uma podem influenciar nas outras. Com isso, a historiadora descarta uma linha evolutiva do carnaval, que tenta sempre buscar uma única origem da brincadeira.

No capítulo 3 que tem o título, *Mandirobas, Pés espalhados e o Ameno carnaval dos resedás*, a autora trabalha com os ranchos e cordões carnavalescos. Mostra que esses grupos utilizavam todas as artimanhas para se manterem na festa. Usava como tática, a aproximação com imprensa e com as autoridades policiais. A autora cita que no começo do século não havia uma distinção entre os ranchos e cordões na imprensa. Isso só começou a surgir, a partir da metade da década de 1900. Os ranchos com as suas letras mais elaborados e os instrumentos de sopro que exigiria certa complexidade, seriam modelos para as elites intelectuais como uma forma civilizada de brincar o carnaval em comparação aos tambores dos cordões, considerados

instrumentos primitivos. O modo diferente dos desfiles dos ranchos e dos cordões, sendo que os primeiros seriam mais complexos para imprensa, influenciou na visão que os jornalistas tinham nos integrantes dos dois grupos. Os ranchos seriam formados por pessoas honestas e trabalhadoras e os cordões por malandros e selvagens.

Entretanto, CUNHA (2001) trabalha com uma visão muito negativa da imprensa em relação aos cordões carnavalescos. Parte da imprensa tinha essa visão realmente e não fazia questão nenhuma de esconder, porém, outra parte não pensava assim ou pelo menos tentavam disfarçar nas críticas. E vai ser nesse ponto que iremos distanciarmos um pouco da Maria Clementina Cunha.

No nosso trabalho acreditamos que parte da imprensa via nos cordões carnavalescos como representantes do carnaval popular. Mesmo que alguns não vissem um desfile esteticamente bonito, baseado no padrão desejado da época, defendiam o direito dos cordões de estarem presentes no carnaval. Acima de tudo, defendiam o direito das classes pobres de brincarem o carnaval.

Apesar do nosso trabalho adotar o campo da história social, não ficaremos presos nela. Iremos dialogar sempre com a história cultural. Ao aproximarmos esses dois campos de pesquisas, ficou mais fácil de entender a visão da imprensa sobre os cordões e as relações que ela tinha com esses grupos. É fundamental para tentar entender como a relação entre eles ajudaram no predomínio dos cordões carnavalescos na década de 1900.

A imprensa contribui para que os cordões fossem os maiores grupos carnavalescos em quantidade, só que essa mesma imprensa também contribuiu para o seu desaparecimento na década seguinte. Questões sociais e culturais ajudam a tentar entender essa contradição. A imprensa que defende os cordões, ou melhor, a classe social a qual fazia parte, é a mesma que pauta os modos culturais desejados na época. Os cordões estavam longe disso. Então, era preciso “conduzir” a maneira das suas apresentações. É no reconhecimento da imprensa do direito da classe social que representava os cordões de brincar o carnaval e dos modos desejados da época que serão responsáveis pelo desaparecimento desse grupo.

No lado negativo das críticas, os aspectos culturais e sociais também dialogam. Por exemplo, qual o motivo que o barulho dos tambores dos cordões incomodava alguns jornalistas? Seriam os tambores e os instrumentos de batuques africanos, que faziam lembrar um carnaval antigo, e não seriam dignos de um carnaval civilizado? Então como explicar que o barulho dos tambores não os incomodavam quando eram tocados pelas grandes sociedades ?

A história cultural é importante para saber que os instrumentos de batuques africanos já eram utilizados pelos antigos Cucumbis no carnaval do Rio de Janeiro. E que os tambores

vêm da tradição dos antigos Zé Pereiras<sup>8</sup>, por sinal, esse era o nome que muitas vezes a imprensa tava para a ala que vinham nos grupos tocando os instrumentos de batuque. Só a história cultural não poderia responder essas perguntas. Não são apenas os instrumentos de origens africanas e os batuques dos antigos Zé Pereiras que lembravam o carnaval popular do Império, que incomodavam, e sim, quem os tocavam.

Como metodologia de pesquisa, utilizamos com fonte principal a imprensa. Utilizando a hemeroteca digital da biblioteca nacional pesquisamos a imprensa de 1898 até 1912. Apesar do foco principal ser a década de 1900, achamos importante estender o período de pesquisa para buscar mudanças de uma década para outra. Nesse caso foi importante, verificamos, por exemplo, que até no final do século XIX a imprensa não classifica nenhum grupo como cordões. Já no começo da década de 1910, observamos que os cordões já perdiam espaços na imprensa para os ranchos carnavalescos.

Os jornais pesquisados foram: o Jornal do Brasil (1898 – 1912), a Gazeta de Notícias (1898- 1912), O Paiz (1898-1912) e o Correio da Manhã (1901-1912)<sup>9</sup>. Nos anos de 1900 até 1903, o Jornal do Brasil circulou com a edição da manhã e da tarde, fizemos a pesquisa em ambos, porém, a edição da tarde era mais curta com 4 páginas no máximo, e o espaço para o carnaval era pequeno. Focamos nos dias de carnaval (domingo, segunda e terça), nos dias antecedentes (sábado, sexta e quinta) e nos dias posteriores (quarta e quinta). Nas edições de segunda, terça e quarta foram importantes pelas descrições dos desfiles dos cordões, crônica sobre o carnaval, além do balanço do carnaval nas ruas do Rio de Janeiro. Domingo foi importante porque era noticiada a ida dos cordões nas redações para a busca dos estandartes, mostrando que esses grupos já estavam presentes nas ruas desde sábado. Também tinha crônicas sobre o carnaval. Sábado e sexta era noticiado os estandartes que estavam expostos na redação. Também utilizamos a função busca de palavras para encontrar textos sobre os cordões publicados fora da época do carnaval. Utilizamos as palavras “cordão”, “cordões”, “carnaval” e “ranchos”. Nessa busca foi possível observar que os cordões estavam presentes nas ruas nos dias 24, 25 e 31 de dezembro para festejar o natal.

---

<sup>8</sup> Não se sabe muito bem como surgiu a expressão Zé Pereira para denominar as pessoas ou ala de grupos que saíam com seus tambores no carnaval carioca. A jornalista Eneida Moraes, na sua obra História do Carnaval Carioca, defende que o nome é baseado no sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes. No carnaval de 1846 teria saído nas ruas da cidade do Rio de Janeiro batendo tambor. Moraes cita duas versões para o nome Zé Pereira envolvendo o sapateiro. Uma delas é que Zé Pereira seria o nome que se tava em uma região de Portugal, localidade natal do sapateiro José Nogueira, para o tambor tocado pelo sapateiro português. A outra versão, é que as pessoas se confundiam e trocavam o nome do sapateiro de Zé Nogueira por Zé Pereira (MORAES, Eneida. História do Carnaval Janeiro. Rio de Janeiro: Record, 1987, p.38 – 40). Independente da versão apresentada por Eneida, no imaginário do carnaval carioca, é que o Zé Pereira foi introduzido na folia brasileira pelo sapateiro português José Nogueira tocando o seu tambor no carnaval da Cidade do Rio .

<sup>9</sup> O jornal Correio da Manhã começou a circular no dia 15 de junho de 1901.

No ano de 1912, um fato curioso, foi preciso pesquisar dois carnavais, a do calendário oficial em fevereiro, e outro em abril, permitido pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Os dois carnavais aconteceram provocados pela morte do Barão de Rio Branco, ocorrida no dia 10 de fevereiro, uma semana antes do carnaval. As páginas dos jornais lamentavam a morte de Rio Branco e, segundo a imprensa, comoveu a população. Abaixo assinados eram entregues nas redações dos jornais para que o carnaval fosse transferido (Jornal do Brasil, 15 de fevereiro de 1912, p. 11). O presidente da “grande sociedade carnavalesca” Tenentes do Diabo se reuniu com o prefeito da cidade para pedir o adiamento do carnaval. O prefeito argumentou que não podia adiar uma festa tão popular, mas ampliava a licença de todos os grupos carnavalescos até 9 de abril. Sendo que os desfiles deveriam acontecer no dia 6, 7, 8 e 9 de abril (Jornal do Brasil, 15 de fevereiro de 1912, p.11).

Na verdade adiar o carnaval não seria tão simples, não existia uma unanimidade. Sem falar no prejuízo que causaria no comércio. No entanto, no dia seguinte da reunião, as outras grandes sociedades, Democráticos e Fenianos, anunciaram que iriam acompanhar os Tenentes do Diabo e iriam sair no dia 9 de abril, e que seus bailes também estavam sendo adiados para abril (Jornal do Brasil, 16 de fevereiro, p.11). Muitos ranchos, cordões e grupos carnavalescos noticiavam na imprensa que acompanhariam a decisão das grandes sociedades em sair em abril, em respeito ao Rio Branco e também em solidariedade as grandes sociedades, (Jornal do Brasil, 18 de fevereiro de 1912).

A expectativa era de fracasso, porém, não foi assim, mesmo com poucos grupos carnavalescos nas ruas, os jornais noticiavam um grande número de pessoas fantasiadas (Gazeta de Notícias, 19 de fevereiro de 1912, p.2) . As ruas do centro do Rio estavam lotadas nos dias de folia de fevereiro. As grandes sociedades saíram no dia 9 de abril. Os ranchos, cordões e outros grupos carnavalescos, saíram nos quatro dias propostos pela prefeitura. Assim, em abril, os grupos saíram para as ruas e a população também. Em 1912, a cidade do Rio de Janeiro teve dois carnavais.

Pesquisamos também as revistas. Foram elas: a Fon Fon! (1907-1912), Kosmos (1904-1909), O Malho (1902-1912), Revista da Semana (1900- 1912) e Tagarela ( 1902-194). A revista da Semana era vinculada ao Jornal do Brasil, e saía aos domingos. As revistas Fon Fon, da Semana, Tagarela e O Malho foram semanais. Focamos na semana de carnaval, duas anteriores e duas posteriores. A revista Kosmos era mensal, e pesquisamos no mês do carnaval, dois antes e dois depois. Também utilizamos a ferramenta de busca por palavras. Foram utilizadas as palavras “cordão”, “cordões”, “ranchos” e “carnaval”. Com exceção da Tagarela,

as páginas das revistas não eram numeradas, por isso que os números das páginas não irão aparecer nas referências.

Pesquisamos também nos arquivos disponíveis no Arquivo Nacional. Neles encontramos os pedidos de licença dos grupos carnavalescos para o funcionamento das suas sedes e para os desfiles nos dias de carnaval. Fizemos observações importantes nesses arquivos. Os pedidos de funcionamento anual das sedes eram acompanhados dos estatutos dos grupos, ao que tudo indica, uma exigência das autoridades.

Nos estatutos, além dos já citados artigos que proibiam pessoas que tivessem antecedentes criminais de serem sócios, outros artigos chamaram a nossa atenção. Um deles era a exigência do pagamento de matrícula para os novos sócios e de mensalidade para todos. Provavelmente para a manutenção da sede, acentuando a função de clube carnavalesco. No final dos estatutos constavam os nomes da diretoria. Esses nomes serviam para a polícia fazer um levantamento nas fichas criminais nas delegacias da localidade do grupo, para verificar se alguém tinha antecedentes criminais. Nos cordões carnavalescos ainda incluíam nos seus estatutos que os sócios tinham que sair incorporados, isto é, fantasiados.

Nos pedidos de licença para os dias de carnaval, observamos que os grupos carnavalescos pediam para sair nos três dias de carnaval e mais no sábado para buscar os estandartes nas redações dos jornais. Nos arquivos também verificamos um grande número de pedidos de licença dos cordões para saírem nas ruas nos dias 24, 25 ou 31 dezembro<sup>10</sup>. Os pedidos eram aceitos, porém, não era permitido o uso de fantasias.

Na bibliografia consultada, destacamos, além do Livro de Maria Clementina Cunha, a obra do geógrafo Felipe Ferreira, *Inventando Carnavais*. O capítulo mais importante para o nosso trabalho foi o 1<sup>a</sup>, *Traçados e Tensões: A formação do Carnaval carioca entre 1840 e 1930*. FERREIRA (2005) analisa o papel que as elites culturais e econômicas tiveram no processo “civilizatório” no carnaval carioca no século XIX. O jogo do entrudo<sup>11</sup> das ruas incomodava parte das elites. A brincadeira de jogar água nas pessoas não era aceita por todos. As elites tomam a iniciativa ao combate do jogo. Para vencê-lo era precisa mostra alternativas

<sup>10</sup> Entre os vários pedidos que verificamos para saídas nos dias 24, 25 ou 31 de dezembro de 1908, podemos citar os que estão no pacote “GIFI, 6C251” do Arquivo Nacional. Como exemplo, citaremos o pedido do cordão Club Carnavalesco Triumpho Dois Diamantes para desfilar no dia 31 de dezembro. Nesse pacote também inclui o pedido de autorização da polícia para que o grupo possa desfilar, destacando que a licença era concedida, porém, sem o uso de fantasia. No Documento que pedia a autorização o grupo dizia que era de Piedade, já no da Polícia identifica como sede do grupo o bairro de Encantado. Vários outros pedem, porém, é não é possível identificar pelos nomes se todos eram cordões. A imprensa noticiava que os ranchos também estavam presentes, isso já era fácil de supor. Por isso concluímos que a maioria dos pedidos seria de ranchos e cordões.

<sup>11</sup> Iremos abordar um pouco sobre o entrudo no capítulo 2. Caso o assunto despertasse interesse ver o artigo de Débora Paiva Monteiro, *O mais querido “fora da lei”*: Um estudo sobre o entrudo na cidade do Rio de Janeiro (1889-1910).

de brincadeiras. A primeira surge com os grandes bailes baseado no carnaval francês, porém, essa medida apenas isolava as elites das ruas nos dias de carnaval. Para acabar com o estruído das ruas era preciso mostrar outro modelo de carnaval e, para isso, era preciso ocupá-las. A solução também viria no carnaval francês através dos desfiles luxuosos em carreata. O luxo mostraria um carnaval civilizado e evoluído. Assim surgem as primeiras sociedades carnavalescas, tento o papel de “civilizar” o carnaval carioca.

Outro livro em destaque é obra da jornalista Eneida Moraes, *A história do Carnaval Carioca*. O livro é de fácil leitura, importante para quem está começando a se interessar por temas ligados ao carnaval. Eneida não se preocupa em fazer uma análise cultural ou social do carnaval. Simplesmente descreve as principais características das brincadeiras. Entretanto, o livro de Eneida tem que ser lido de maneira cautelosa. Eneida trabalha as brincadeiras de carnaval desde origem traçando uma linha evolutiva. Eneida vai buscando as origens das brincadeiras, desconsiderando que o carnaval tinha várias formas de brincar e, que as características de uma, poderiam influenciar na outra. Cada capítulo é um tipo de brincadeira. Para Eneida, as escolas de samba seriam a evolução dos ranchos, e esses, a evolução dos cordões. No entanto, a leitura de Eneida é obrigatória para quem começa a se interessar por algum assunto que envolva o carnaval.

O nosso trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo será apresentado como é discutido o tema cordões carnavalesco nos livros, recorrendo, sempre que possível, à imprensa carioca de 1898 até 1912 para enfatizar os argumentos dos autores.

Primeiro apresentaremos as definições sobre os cordões, buscando desde o dicionário de língua portuguesa de 1899, para verificar se já era comum o conceito de cordões como grupo carnavalesco antes do século XX, até as visões de jornalistas, folcloristas e historiadores.

No segundo momento será discutido como o nome cordão acabou sendo associado a determinados grupos carnavalescos que eram considerados por parte da sociedade como “menos civilizados” que outros, já no começo do século XX. Na terceira parte discutiremos o surgimento dos cordões carnavalescos, buscando o período do surgimento e as possíveis influências adquiridas.

No segundo capítulo, *Os cordões carnavalescos na imprensa carioca*, iremos discutir como os cordões carnavalescos eram retratados na imprensa carioca de 1898 até 1912. Na primeira parte desse capítulo, *As críticas na imprensa aos cordões carnavalescos*, serão analisadas as críticas que os cordões carnavalescos sofriam pela imprensa, discutindo os diferentes tratamentos dados pelos jornalistas em seus textos. Na segunda parte, *A Gazeta de Notícias e “a festa dos cordões”*, dedica-se ao concurso realizado pela Gazeta de Notícias a

partir de 1906 com o objetivo de controlar a maneira de desfilar dos cordões, mostrando o papel empenhado que a imprensa tinha no processo “civilizatório” em que a cidade vivia. Na terceira parte, Cordões e ranchos carnavalescos, refere-se na comparação de tratamento que a imprensa tinha aos cordões carnavalescos em relação a outro grupo formados por negros, pobres, vindo das favelas, subúrbios e arredores do centro, que são os ranchos carnavalescos. A quarta parte, Os cordões e o chefe de polícia Alfredo Pinto Vieira, dedica-se em analisar as medidas tomadas pelo chefe de polícia Alfredo Pinto Vieira, que tinham como objetivo atingir os cordões. E como a imprensa via essas atitudes. No caso, a proibição dos apitos e a dos índios. Na quinta parte, Conflitos entre os cordões carnavalescos, refere-se às brigas relatadas na imprensa, mostrando qual o tom usado pela imprensa nas reportagens. Tentaremos discutir os motivos que poderiam ocasionar as brigas.



## 1. A literatura sobre os cordões

### 1.1 Definições sobre os cordões

Para definir os cordões carnavalescos de maneira generalizada, vamos utilizar as características gerais desses grupos apresentadas em livros, buscando desde a definição de cordões encontrada no dicionário no final de século XIX, passando também por conceito hoje contestado, até as definições de livros mais atuais.

No *Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa*, de Candido de Figueiredo publicado em 1889, há várias definições para a palavra cordão, mas, como era de esperar, não há uma definição sobre cordão compreendido como grupo ou manifestação carnavalesca. Figueiredo define cordão como: “corda delgada; fileira; série de postos militares para evitar contágio; objecto ou organ, que tem semelhança com uma pequena corda” (FIGUEIREDO, 1889, vol. I p 347).

Já a versão atualizada do *Novo Diccionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1913), além das definições da versão anterior, aparece também a palavra cordão como manifestação ou grupo carnavalesco. Nesse sentido, a definição de Figueiredo sobre corda é: “certo cortejo ou grupo carnavalesco”. O autor destaca que essa definição refere ao Brasil, Rio de Janeiro (FIGUEIREDO, 1913, vol. I, p.455).

Nota-se que na 1ª edição do *Novo Diccionário da Língua Portuguesa* de 1889 não tem o significado da palavra “cordão” associada a grupos carnavalescos. Isso já era esperado, já que essa associação vai surgir de maneira mais ampla no final do século XIX, e de maneira mais específica, associada a determinados grupos carnavalescos, no começo do século XX. Se de um lado, a ausência de significado é importante para entender, as poucas referências à palavra cordão no sentido grupos de carnaval na imprensa do século XIX, os significados de cordão, no sentido de objeto, a corda, ou no sentido de fileira, podem servir como base para a origem da associação de “cordão” a alguns grupos carnavalescos<sup>12</sup>.

No *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Câmara Cascudo (2012), a definição de cordão é dividida em dois: uma manifestação carnavalesca, que para o autor, em uma definição rápida, pode ser entendida com “grupo de foliões com roupas de fantasia, cantando e dançando, mais ou menos ritmicamente”; e uma manifestação de festa religiosa, por exemplo, São João (CASCUDO, 2012, p. 225).

---

<sup>12</sup> Esse assunto será discutido em “A associação do nome cordão a determinados grupos carnavalescos”

Na acepção de cordão como manifestação de festa religiosa, CASCUDO (2012) entende o grupo que faz a encenação, como “cordão de bicho” descrevendo-o como “grupos com fantasias de animal, são populares na Amazônia”. Para uma definição mais ampla sobre o “cordão de bicho”, Cascudo utiliza a descrição elaborada por Renato Almeida<sup>13</sup>.

Dançado na época da festa joaninas na Amazônia e conhecido também em outros lugares da América, são uma dança dramática, que se baseia no princípio geral da morte e da ressurreição do totem. Sai o cordão da Onça, do Povão, da Garça, ou de outro qualquer animal, cantando até chegar ao local da representação. O bicho foi morto por um caçador desprevenido, que é preso e levado ao rei ou à rainha do cordão, por dois vistosos índios. Desculpa-se o caçador, mas o soberano só lhe restituirá a liberdade se ele ressuscitar o bicho. Sai afoito o caçador em busca dum doutor medicina, que encontra finalmente. Mas esse não consegue o milagre, que o animal está morto. Aconselha então que se procure um pajé, capaz do sortilégio. Nova corrida do caçador. Descobre o curandeiro e este faz a sua entrada, agitando o maracá. Começam as visagens e os passes mágicos. O pajé avisa que o animal está semimorto, dorme apenas e, depois de muitas artimanhas, o bicho de estimação se ergue e retoma-se a dança com ele à frente. Depois de muita cantoria, o cordão se vai, entoando a despedida.” (ALMEIDA, 1941, p.278 apud CASCUDO, 2012, p.266)

Para definição de cordões como grupo carnavalesco, Cascudo também toma como base, a descrição de Renato Almeida<sup>14</sup>, feita em 1941.

Eram grupos de mascarados, velhos, palhaços, diabos, rei, rainha, sargento, baianas, índios, morcegos, mortes, etc. Vinham conduzidos por um mestre, a cujo apito de comando obedeciam todos. O conjunto instrumental era de percussão: adufes, cuícas, reco-recos, etc. Os “velhos” faziam seus passos, que se chamavam letras, cantavam marchas lentas e ritmadas, do tipo do ó raio, ó Sol, suspende a Lua! Enquanto os palhaços cantavam chulas e ritmo acelerado como o Quêre, Quêrê, Quêre, ó Ganga. E assim atravessam as ruas, nos dias e noites de carnaval (o autor escreve 1941), esses cordões se foram transformando e melhoraram, nascendo assim os ranchos (ALMEIDA, 1941, p. 201 apud CASCUDO, 2012, 226).

Da mesma forma que Câmara Cascudo, o jornalista Sergio Cabral (1978), no livro *As escolas de Samba do Rio de Janeiro*, também toma como base a definição de Renato Almeida. Além disso, CABRAL (1978) divide os cordões carnavalescos em dois grupos: o dos *velhos* e os *Cucumbis*, destacando que ambos têm predominância absoluta de negros. “Os cordões dos

<sup>13</sup> ALMEIDA, Renato. História da música brasileira. 1941 in CASCUDO, Luís da Câmara, Dicionário do Folclore Brasileiro, 12.ed. São Paulo: Global, 2012.

<sup>14</sup> Renato Almeida nasceu na Bahia, no município de Santo Antônio de Jesus, em 1895. Ainda adolescente veio com a família para cidade do Rio de Janeiro. Em 1915, formou-se em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Trabalhou como advogado e jornalista. Em 1947, foi um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore. Foi nomeado diretor executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Publicou vários livros sobre música e folclore, entre eles: "História da Música Brasileira" (1926/RJ); "Compêndio de História da Música Brasileira" (1948/RJ); "Inteligência do Folclore" (1957/RJ); "O I.B.C.C. e Os Estudos de Folclore no Brasil" (1964/RJ); "Música e Dança Folclórica" (1968/RJ). Foi membro-fundador efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som (MIS), a partir de 1966. Faleceu em 25 de janeiro de 1981, no Rio de Janeiro. (Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira), disponível em < <http://www.dicionariompb.com.br/renato-almeida/biografia>>. Acesso em: 20/06/2015.

Velhos tinham como característica dos seus integrantes, o jeito de dançar curvados, geralmente apoiado num pedaço de pau ou bengala, imitando o velho” (CABRAL, 1978, p.22). Já os Cucumbis eram mais ricos, tanto na dança quanto na variedade rítmica, e na música que cantavam, tendo como origem os congos, congadas, quilombos e Cucumbis do Nordeste, que no Rio de Janeiro adquiriram características próprias (CABRAL, 1978, p.22, 23).

A exemplo de CASCUDO (2012) e CABRAL (1978), a jornalista Eneida Moraes (1958), na obra História do Carnaval Carioca, também utiliza como base a descrição de Renato de Almeida para definir cordões como grupos carnavalescos. Para Eneida, nenhuma definição parece mais verdadeira que a do referido autor (MORAES, 1958, p.101).

Felipe Ferreira, em O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro, também divide os cordões em dois grupos: os cordões violentos e os cordões tranquilos. Nos cordões violentos, o autor usa a denominação usada por CABRAL (1978) para definir um dos tipos de cordões, os cordões de Velhos. A diferença é que Sergio Cabral não define cordões de *velhos* como violentos, inclusive, o jornalista não faz esse tipo de separação, de violentos e tranquilos. Para FERREIRA (2004), os cordões de Velhos eram grupos mais violentos dos cordões formados por brigões, que saíam fantasiados de Velhos, que tinham ligação com os capoeiras.

A denominação de velhos, dada aos rapazes que saíam em muitos cordões, e dança de velhos a sua coreografia, aponta para uma forte ligação entres esses grupos e a capoeira que infestou o Rio de Janeiro até o final do século XIX. Afinal, “dança de velho” fora praticamente sinônimo da capoeiragem no jargão dos participantes da luta. Além disso, essa dança era composta por “letras”, termo também usado para definir os “passos” da capoeira ( FERREIRA, 2004, p.287).

Já os cordões tranquilos, definido por FERREIRA (2004), eram grupos preocupados em conquistar apoio da imprensa, e das ruas, com desfiles ligados à ideia de formação de uma nacionalidade brasileira (FERREIRA, 2004, p.294). Infelizmente, o autor não entra em detalhes sobre essa definição, apenas cita que havia uma tentativa desses grupos em separar dos mais violentos, o que ocorreu lentamente ao logo das três primeiras décadas do século XX.

Embora FERREIRA (2004) faça essa divisão, ele defende que os dois tipos são considerados cordões, e define de maneira geral esses grupos como “conjuntos predominante de negros que se divertiam no carnaval sintetizando várias expressões de sua herança cultural”. O autor destaca também, os passos de capoeiras e os passos da dança dos “velhos”, além dos estandartes, das fantasias de índios e dos instrumentos de batuques. (FERREIRA, 2004, p. 283).

Sem dúvida, houve uma tentativa por parte de alguns cordões em agradar a imprensa, e assim legitimar a sua participação no carnaval carioca. Uma das estratégias dos cordões<sup>15</sup> nesse sentido era expor os seus estandartes nas redações dos jornais que faziam a cobertura do carnaval de rua.

O jornal Correio da Manhã, para citar um exemplo, no carnaval de 1905, na edição de domingo, ao noticiar os grupos que passaram na Rua Moreira Cesar, em frente a sua redação, fez um agradecimento especial ao cordão Grêmio Recreativo Carnavalesco Flor da Primavera<sup>16</sup>, que foi buscar o seu estandarte no sábado de carnaval, deixado exposto na redação do jornal. O Correio da Manhã agradece o grupo pela preferência dada:

Foi o primeiro que passou em nossa redação. A heroica rapaziada vinha buscar o estandarte depositado, desde o dia 2, na nossa sede.  
Agradecemos a gentileza da preferência que nos deram, como resposta, obtivemos o sincero apoio dos operários ao nosso jornal, que disseram elles, é o defensor dos desprotegidos da sorte.  
Obrigados! Bons rapazes, obrigados! (Correio da Manhã, 5 de março de 1905, p.2)

Outra maneira de agradar a imprensa era fazer música ou cartões com saudações aos jornais. O cordão Flor do Propósito, no domingo de carnaval de 1900, enviou cartões para os jornalistas do Jornal Do Brasil, com a seguinte saudação:

O grupo Flor do Propósito  
Vem alegre e juvenil  
Dar vivas ao carnaval  
E ao jornal do Brasil (Jornal do Brasil, 26 de fevereiro de 1900, edição manhã, p.2).

Já o cordão Lyra do Catumby fez uma música em saudação ao Jornal do Brasil, no carnaval de 1901<sup>17</sup>.

Ao Jornal do Brasil  
A folha mais popular  
A Lyra do Catumby  
Aqui vem cumprimentar (Jornal do Brasil, 16 de janeiro de 1901, edição manhã, p.2)

Algumas vezes, os cordões ao buscarem os estandartes expostos nas redações, aproveitavam e cantavam em homenagem aos jornais. No carnaval de 1906, o cordão Grêmio

<sup>15</sup> Não só os cordões deixavam os seus estandartes expostos nas redações dos jornais, os ranchos e os outros grupos também.

<sup>16</sup> O Grêmio Recreativo Carnavalesco Flor da Primavera tinha sua sede na Rua das Laranjeiras, nº 12.

<sup>17</sup> Antes de noticiar a música feita pelo cordão Lyra do Catumby, o Jornal do Brasil faz referência ao grupo como sendo formado de “uma rapaziada fina e escovada, fazendo coisa do arco da velha, desengonçando as suas nervosas pernas”. Verifica-se aí, expressões típicas que a imprensa utiliza para noticiar a passagem dos cordões, “pernas nervosas” e “rapaziada escovada”, que faz uma associação do grupo aos capoeiras.

Carnavalesco Triumpho da Saúde<sup>18</sup>, pertencente ao bairro da Saúde, foi buscar o estandarte na redação do jornal Gazeta de Notícias, na Rua Gonçalves Dias, cantando a seguinte música:

Marcha:

Triumpho da Saúde  
Das morenas corações  
Vamos cumprimentar  
A todas as redações

Chula:

Bella moreninha  
Onde hontem ias  
O nosso estandarte

Na rua Gonçalves Dias ( Gazeta de Notícias, 25 de fevereiro de 1906, p.6)

FERREIRA (2004) faz a separação entre os cordões que são chamados de violentos e aqueles de pacífico que tentam agradar a imprensa, porém essas fronteiras não são bem definidas, já que o mesmo cordão pode participar de conflitos e também tentar agradar a imprensa. Um exemplo é o cordão Grêmio Recreativo Flor da Primavera que participou da famosa briga em 1902, com o cordão Grêmio Carnavalesco Filhos Estrella Dous Diamantes, deixando duas mortes<sup>19</sup>. Esse conflito teve grande repercussão nos jornais. Nesse caso, o cordão Flor da Primavera deveria entrar na classificação feita por FERREIRA (2004) como cordões violentos, entretanto, o Flor da Primavera é um dos cordões que deixavam expostos nas redações dos jornais os seus estandartes, então, nesse caso também poderia ser enquadrado na categoria de “civilizado”.

No mesmo ano do conflito mencionado anteriormente, ocorrido no domingo de carnaval, o Jornal do Brasil, na edição de sexta-feira, dois dias antes da briga, faz uma reverência ao cordão Flor da Primavera, por ter deixado exposto na redação o seu estandarte<sup>20</sup>:

Abri alas, ó foliões! Curvai-vos respeitosos e reverentes! O rutilante Gremio Recreativo Flor da Primavera na perde a occasião de dar a nota brilhante no carnaval de 1902. Suas sortes promettem ser extraordinariamente fora do commum e de tal modo repercutirão em toda a historia do carnaval que serão rememoradas por longas datas.

Vieram visitar-nos os alegres carnavalescos e deixar o seu estandarte em exposição no *Jornal do Brasil*. (Jornal do Brasil, 5 de fevereiro de 1902, edição manhã, p.3)

<sup>18</sup> O cordão Grêmio Carnavalesco Triumpho da Saúde pertencia ao bairro da Saúde, com sede na Rua da Saúde, tendo como ano de fundação 1901. ( Gazeta de Notícias, 25 de fevereiro de 1906, p6)

<sup>19</sup> G.R Flor da Primavera tinha sede no bairro das Laranjeiras, fundado em 1896 ( Jornal do Brasil, 5 de fevereiro de 1902, p.3) No capítulo 2, esse conflito será detalhado.

<sup>20</sup> O Jornal do Brasil chamando de bellissimo faz a descrição do estandarte, “ O bellissimo estandarte é negro, azul e vermelho. Ao centro uma linda Venus sobre um grande globo, embaixo do qual vê um barrete phrygio. De um lado um leão e do outro um índio”. (Jornal do Brasil, 5 de fevereiro de 1902,p.3).

Os conflitos entre os cordões eram noticiados quase todos os anos na imprensa da década de 1900, além das medidas de precauções adotadas para evitá-los. Os motivos dessas brigas devem ser melhor estudados e não será o foco desse trabalho entendê-los. O que se sabe, através das bibliografias ou pela imprensa, que existiam realmente rivalidades entre alguns grupos, e que as confusões envolvia o cotidiano e não uma maneira de “brincar” carnaval.

A historiadora Maria Clementina Cunha (2001) defende que não havia um padrão único de rivalidade, conforme defende, o conflito poderia ocorrer motivado por disputas pela primazia dos bairros, e até mesmo de uma fábrica, quando existia mais de um grupo formado (CUNHA, 2001, p.189). Também poderiam ocorrer brigas por desavenças de alguns membros de cordões diferentes que acabam envolvendo todo grupo.

Em sua descrição dos cordões, Maria Clementina Cunha (2001), em *Ecos da Folia*, não separa os cordões em grupos diferentes como fez CABRAL (1978) e FERREIRA (2004). A autora destaca que os cordões se caracterizavam, sobretudo, pela percussão acompanhada de cantoria, em que um ou dois dançarinos vestidos de índios entoando a copla, sendo que o coro dos integrantes, em sua grande maioria homens, com as suas fantasias diversas, repetia a chula. Os cordões muitas vezes contavam com um mestre de pancadaria<sup>21</sup>. (CUNHA, 2001, p.152).

Há aspectos interessantes que precisam ser destacados na definição da Maria Clementina Cunha. A copla, pela definição do dicionário do Cândido de Figueiredo, significa estrophe; pequeno grupo de versos; quadra (FIGUEIREDO, 1889, vol.I, p.345). Já a palavra chula, pelo mesmo dicionário, tem como significado, variedade de dança e música popular (FIGUEIREDO, 1889, vol.I, p.296). No caso da imprensa e de CUNHA (2001), tanto copla quanto a chula passam a ter o mesmo significado. Observando a imprensa, nota-se que são versos que na maioria das vezes, principalmente nos cordões, contendo uma ou no máximo duas estrofes.

A imprensa na década de 1900 utilizava mais o termo chula para descrever as músicas dos cordões do que copla, por exemplo, o jornal *O Paiz* em visita a sede do cordão *Gremio Filhos do Triunpho da Glória*, em 1907, cita uma das chulas que o grupo estava ensaiando:

Os guapos rapazes têm inventado mil coisas e a jugar pelo entusiasmo de que acham possuídos, vão fazer brilhaturas. Para amostra, ahí vai uma das chulas que estão ensaiando:

---

<sup>21</sup> Mestre de pancadaria era responsável por afinar o ritmo da percussão, isto é, comandar andamento dos sons produzidos pelos instrumentos de batusques tocados pelos integrantes dos grupos. (Cunha, 2001, p. 152).

Eu pretendo saber  
 A quem dei meu coração  
 Foi o Filhos de Triumpho  
 Com seu pavilhão (O Paiz, 9 de fevereiro de 1907, p.2)

Quando a imprensa não fazia a transcrição das músicas, comentava o que achava sobre elas, como foi feito em relação ao cordão Estrella dos Dous Diamantes pelo Jornal do Brasil no carnaval de 1908: “o pessoal desengonçado e de tradições gloriosas, passou ao som de lindas chulas, agradando geralmente.” (Jornal do Brasil, 1 de março de 1908, p.2)

Analisando a definição de *cordão de velhos* feito por CABRAL (1978) é possível notar que o autor considera esse grupo como sendo formado predominantemente por integrantes fantasiados de *velhos*, com um jeito característico de dançar curvado. O problema de chamar os *cordões carnavalescos* de cordões de velhos, é que se acaba reduzindo em muito o conceito dos *cordões carnavalescos*, ao atribuir a esses grupos essa característica como principal, já que além das fantasias de *velhos*, os cordões tinham um conjunto variado de fantasias: índios, diabinhos e palhaços, para citar alguns exemplos. A própria definição de Renato Almeida utilizada por CABRAL (1978) descreve essas fantasias.

O fato é que a imprensa no final do século XIX, quando fazia algumas descrições das fantasias dos grupos que depois seriam chamados de cordões, destacava as fantasias de *velhos*, como aconteceu na passagem do cordão Estrella do Engenho Velho em frente à redação do jornal O Paiz, na rua Moreira Cesar: “ Estrella do Engenho Velho, numeroso grupo de phanthasias desfraldando três belos estandartes e com quatro velhos dansarinos e alguns petizes alegres, também saudou-nos” ( O Paiz, 21 de fevereiro de 1898, p.2). Na edição do dia seguinte, O Paiz também destaca a presença das fantasias de velhos na passagem do cordão carnavalesco Flor da Primavera, em frente a sua redação: “enorme multidão de cabeças de velho e phantasias uniformes, em dansas e batuques estridentes, diabólicos e infatigáveis” (O Paiz, 22 de fevereiro de 1898, p.1).

Moraes (1987) também destaca a importância das fantasias de *velhos* nos cordões, utilizando como fonte a descrição feita pelo cronista Efegê:

Entre as figuras carnavalescas que mais entusiasmo despertaram nos antigos foliões, destacava –se sem dúvida o ‘velho’, que à frente dos cordões fazia ‘misérias’ na dança cadenciada que desenvolvia quando era ‘fechado’ por outro ‘velho’ em frente de outro cordão. Fantasiado de fraque, calças à inglesa, grande ‘carão’ cobrindo a cabeça e o rosto, manobrando grosso bastão na mão direita e enorme monóculo na esquerda, desenvolvia os passos da dança nervosa, de velho ‘reumático’, bem cadenciada pelo ritmo da bateria entusiasmada dos componentes dos cordões (EFEGE, apud MORAES, 1987, pg 83).

As fantasias de *velhos* e suas brincadeiras características, sem dúvida, foram uma marca dos cordões, porém, já no começo do século XX, outro tipo de fantasia começa a ganhar espaço na imprensa nas descrições dos cordões carnavalescos: a do índio. Vale à pena nesse sentido, reproduzir a descrição feita pelo Jornal do Brasil, no carnaval de 1901 na passagem do cordão Castelo de Ouro pela Rua Gonçalves Dias, em frente à redação do jornal no domingo de carnaval:

A frente, feroz e indomável, rompia a marcha um bravo e selvagem Pagé, ameaçador, terrível, de seta em riste, arco em punho.

“Eu Hei de amar  
A moreninha  
Eu hei de amar  
Até morrer”

Cantavam entusiasmamente os foliões, enquanto que alguns reis do diabo e alguns *velhos* em miniatura, desengonsavam as pernas em um maxixe infernal. (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1901, edição manhã.p.2)

Esses grupos na década de 1900, acabaram muito identificados na imprensa por suas fantasias de índios. Percebe-se que na maioria das vezes que a imprensa destaca a presença de *velhos* em um cordão, ela vem sempre acompanhada com a citação de índios. A Gazeta de Notícias, no carnaval de 1906, assim descreve a passagem do cordão Clube Carnavalesco Flor de Santa Luzia na Rua do Ouvidor: “ Grupos de índios, quatro velhos ricamente fantasiados, banda de adufes com as côres azul e vermelha, e um ruidoso Zé-Pereira” ( Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro 1906, p2).

Já no carnaval de 1907, na passagem do cordão Amantes de Sereno pela Rua do Ouvidor, em frente à redação do mesmo jornal, na segunda de carnaval, também é destacada a presença de índios e velhos: “Os *Amantes do Sereno* surgiram depois supimperrimos. Puchavam a fieira cinco índios pequenitos, dammados para as lettras difilceis e alguns *velhos*, ricamente vestidos”. (Gazeta de Notícias, 12 de fevereiro de 1907, p2). E o mesmo aconteceu com as descrições dos cordões Onça de Ouro com “dois índios, um velho e um príncipe”, os Destemidos da Cidade Nova “um rei, um velho, um clown e índios”, os Herões da Mocidade “quatro índios, um velho e uma colombina”, e o Castello da Cidade Nova “sete índios, uma colombina e um velho”. (Gazeta de Notícias, 12 de fevereiro de 1907, p2).

Já os outros cordões citados no mesmo exemplar, não aparecem às descrições dos *velhos*: o Prazer do Castello com “três índios e um rei”, os Diamantes da Conceição, “10 índios



e seis reis”, o Diamantes da Conceição, com “dez índios e seis reis”, o Flor da Primavera, com “quinze índios, três reis e duas rainhas”. (Gazeta de Notícias, 12 de fevereiro de 1907, p2).

Ao que tudo indica, a figura dos *velhos* foram perdendo espaços para as fantasias de índio, que eram sempre muito destacadas na imprensa, principalmente na metade da década de 1990. No carnaval de 1905, o Jornal do Brasil destacou os índios na passagem do Prazer de Ouro, “feroz índios abria a marcha do valoroso grupo Prazer de Ouro, que executou a nossa porta umas dansas selvagens e muito bonita” (Jornal do Brasil, 6 de março de 1905, p.2). Percebe-se aí, que os “índios” nos cordões passaram a ter como função, apresentar o grupo através de coreografias.

Jota Efegê, em Figuras e Coisas do Carnaval Carioca (1982), conta a história de um integrante da velha guarda do Império Serrano, Oseas João de Oliveira, que participava de desfiles desde criança no cordão Filhos da Estrela fantasiado de índio:

(...) a este monarca vem prestanto serviço desde o 12 anos de idade, no tempo dos cordões, quando saía no Filhos da Estrela, da Rua do catete, nº 300. Fantasiado de índio, dançando enfeitado de penas e com uma flecha na mão, vinha, com o pai e outros meninos, acompanhando o enorme estandarte de mais de dois metros de altura. Caminhavam na marcha cadenciada marcada pela batida dos pandeiros, grandes e pequenos... (EFEGE, 1982, p. 278).

Entretanto, tanto nos exemplos que mostram as fantasias de velhos sendo destacado no final do século XIX, e a dos índios no século XX, percebe-se que os cordões contam com uma variedade de fantasias. Por isso, chamar esses grupos, de cordões de velhos, dificultaria a caracterizar os cordões carnavalescos, igualmente, se esses grupos fossem chamados cordões de índios.

A fantasia de *velhos* já era comum nos carnavais do século XIX, em foliões avulsos, como é destacado por FERREIRA (2004) em sua citação da descrição feita pelo periódico O Mosquito, no carnaval de 1876:

Hontem eu vi na rua S. Joaquim, ao pé da escola das Artes e Offícios, um d’aqueles monumentaes mascaras de cabeça grande, calçado de chinellas de tapete, ao som d’um realejo, n’um sapateado que não sei se era dedicado ao Sr Bethencourt da Silva, constructor de director d’aquela escola, mas que deixava suppôr que o carnavalesco bailarino fazia d’aquillo officio- ou arte, porque a dança, ao que dizem, é arte (O Mosquito, 29 de fevereiro de 1876 apud FERREIRA,2004, p 288).

A figura de *velho*, como brincadeira de carnaval também como folião avulso, continua presente no começo do século XX, época em que os cordões se apresentavam em maiores números. Em o Rio de Janeiro do Meu Tempo, Luiz Edmundo, narrando as suas visões

sobre as ruas da cidade do Rio de Janeiro, no começo do século XX, cita a presença das fantasias de velhos em foliões avulsos, com suas danças características:

Se há princê ao lado ou próximo, o velho com ele dança-sem música, já se vê, apenas seguindo o compasso das palmas que lhe batem os que ali estão. Na falta do princê, dança sozinho. Dança a chula, sapateando de origem africana, mais dança de pés e de pernas que de tronco, uma vez que o busto tem que se manter ereto, os braços movendo-se, apenas, para estabelecer o equilíbrio da figura. É um exercício diabólico em que os pés ora resvalam, ora se entrecruzam, movimento agitado de pernas que se juntam e que ajustam, não raro caindo em desfalecimentos procurados para fazer tombar o corpo, que deve estar sempre no seu prumo majestoso e senhoril. (EDMUNDO, 2003, p 481,482)

Isso mostra que as fantasias de velhos, pelo menos até o início da década de 1900, eram populares e despertavam o interesse dos jornalistas, então, não é estranho que a imprensa passasse a destacar mais os velhos, do que as outras fantasias nos cordões carnavalescos.

Como foi visto, CABRAL (1978) e FERREIRA (2004) utilizam o termo “cordão dos velhos” para a definição de “cordões carnavalescos”. Não encontrei nenhuma referência a esse termo na imprensa na primeira década de 1900, nos dias de carnaval, para denominar os grupos que seriam conhecidos na bibliografia como *cordões carnavalescos*. Entretanto, na Gazeta de Notícias de 1906, incentivada pelo primeiro concurso que promoveria chamado de “Festas dos Cordões”, faz uma série de reportagens sobre os cordões carnavalescos. Em uma delas, chamada de Psicologia dos Cordões, o autor da reportagem faz a referência sobre o que ele chama de cordões de velhos:

Houve um tempo em que uma das características mais interessantes de nosso carnaval eram os cordões de “velhos” piruetando por essas ruas afora desde sábado até a madrugada de cinzas, atraindo a atenção do público pelas suas ricas vestimentas e suas famosas letras. Hoje os velhos são os que viram esses cordões. Quanto aos outros, desapareceram quase por completo e agora só se veem os Índios, os marinheiros, os tocadores de adufes. (Gazeta de Notícias, A Psicologia do Cordões, 1906)

Nota-se que o autor se refere aos *cordões de velhos* como um grupo de pessoas fantasiadas de *velhos*, e esse grupo seria a origem dos cordões carnavalescos. O que se observa na imprensa é que o termo cordão, algumas vezes, quando não é relacionado ao que hoje são conhecidos os *cordões carnavalescos*, isto é, grupos com presenças de fantasias variadas (índios, dominós, velhos, reis e africanos), presença de animais, coreografia de índios ou velhos, além de batucada com pandeiros e bumbos, cantando as chulas, é utilizado para caracterizar grupos com mesmas fantasias. É o que pode observa na presença de um grupo de

foliões fantasiados de macacos no carnaval de 1909, passando em frente à redação do Jornal do Brasil na Rua Gonçalves Dias:

O primeiro grupo que desfilou em nossa redação foi o Grupo dos Macacos. Imagine-se um grande cordão, composto de alentados macacos e macacas que passando à nossa porta dansaram e cantaram umas deliciosas melodias vibradas pelas suas gargantas (Jornal do Brasil, 23 de fevereiro de 1909, p4).

O Jornal do Brasil, no carnaval de 1906, noticia a presença na Avenida Central de um grupo “fantasiados de ratos” que passou em frente ao palanque do jornal e provocou muitas risadas pelo público presente. “Deu muita sorte o cordão dos ratos, provocando gargalhadas geraes” (Jornal do Brasil, 15 de fevereiro de 1905, p.6).

Com isso, a denominação cordão de *velhos* pode se referir ao grupo de foliões com as mesmas fantasias, apesar de não encontrar na imprensa a presença desse grupo, na década de 1900, ou aos *cordões carnavalescos*, nesse caso, tendo como referência FERREIRA (2004) e CABRAL (1978)

O que pode ter contribuído para o termo cordão de *velhos* não ser encontrado na imprensa, é que apesar da fantasia e brincadeira continuarem na década de 1900, e serem presentes nos cordões carnavalescos, tudo indica que foi perdendo aos poucos, a popularidade nas ruas do Rio como fantasias avulsas. Já em 1905, o Jornal do Brasil desenha fantasias que já não eram comuns nas ruas do Rio com o título de “O Carnaval de Antanho: figurinos cariocas que já lá se vão...”, e entre essas fantasias estão os *velhos* (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1906).

Também a revista Fon-Fon, de 1911, escreve sobre o desaparecimento dos Velhos, “O *velho*, dansador e ágil, remexendo os pés em movimentos impossíveis de agilidade, o Velho foi outro typo que desapareceu do nosso systema carnavalesco.” E completa:

Viamol-o pelas ruas com seu séquito espantado de diabinhos rubros, o seu carão abafador e horrível, a incrogruência da sua phantasia pezada, de velludo, seda, arminhos, grande capa a jeito das dos imperentes, calças curtas justas às pernas, meias longas, como nos tempos áureos de Luiz XV. Além distos, pedente ao pescoço, um enorme monóculo de pão, forado a papel de prata e um cajado alto de fetio interrogativo.

Paravam à rua, faziam roda, dançavam, essa dança maravilhosa de agilidade, tão nossa, tão complicada; e depois, partiam em pequenos passos arrastados, em mesuras de agradecimento e de elegância casquilha. (Fon-Fon, 24 de fevereiro de 1911)

CABRAL (1978) também faz referência ao que ele chama de “cordões de Cucumbis”. Infelizmente, o autor não aprofunda a descrição desses grupos, ficando um pouco difícil de

identificar o que levou a chamar esse grupo de cordão, já que “Cordões de Cucumbis” não era uma denominação comum na imprensa da Cidade do Rio de Janeiro, na década de 1900.

Diferentemente de CABRAL (1978) e FERREIRA (2004), a jornalista Eneida Moraes (1987), no livro *História do Carnaval*, não faz uma divisão entre os cordões, porém faz uma associação desses grupos com os cucumbis, chamando o grupo Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cucumbis, que desfilou no carnaval em 1888, de cordão, para a autora, o primeiro organizado da cidade do Rio:

(...) nesse ano de 88 desfilou a Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cucumbis, o primeiro cordão organizado na cidade. Eram negros fantasiados de índios, tocando instrumentos primitivos. No centro levava uma rainha com grande manto segurando por dois mascarados, “dois figurões”, políticos, possivelmente. Negros fantasiados de índios executando músicas de danças de africanos (MORAES, 1987, p 80).

Um fator que pode ter contribuído para MORAES (1987) atribuir o Triunfo dos Cucumbis como cordão carnavalesco, é que a presença dos Cucumbis no carnaval, segundo FERREIRA (2004), vem desde período colonial, porém, não como grupo carnavalesco, e sim como uma maneira de participar de comemorações realizadas durante o ano em várias cidades brasileiras, entre elas, a festa do Divino. Contudo, FERREIRA (2004) cita que, na edição de 29 de fevereiro de 1887, o *Jornal do Commercio* noticia a passagem dos grupos o Cucumbis Carnavalescos, o Iniciadores dos Cucumbis e o Filha da Iniciadora dos Cucumbis. Dois anos depois, destaca FERREIRA (2004), o mesmo jornal noticia a presença da Sociedade Iniciadora dos Cucumbis Carnavalescos (FERREIRA, 2004, p.285). Ao que tudo indica são grupos de Cucumbis formados para saírem no carnaval, considerando a presença dos nomes Carnavalescos e Sociedade Carnavalesca, em uma referencia às chamadas grandes Sociedades Carnavalescas, além disso, Ferreira afirma que os cucumbis tradicionais desaparecem na imprensa já na segunda metade do século XIX.

As características desses Cucumbis carnavalescos são marcadas pelo predomínio de negros no grupo, presença de grupos fantasiados de índios com penas, desfile em forma de cortejo procedido de um estandarte e a utilização de instrumentos de predomínio africano (FERREIRA, 2004, p.286). Esses grupos vão desaparecer no começo do século XX, não tendo descrições sobre eles no período de carnaval na imprensa. CUNHA (2001) em suas pesquisas sobre a presença dos tipos de grupos carnavalescos aponta que no período de 1881-90 havia cinco grupos de cucumbis carnavalescos, já no 1891-1900 o número cai para três, e na primeira década de 1901-10 não aparece nenhum. A autora e também Felipe Ferreira não entram em detalhes sobre o desaparecimento dos cucumbis, porém podemos notar que a formação de

grupos de cucumbis para fins carnavalescos não foi numerosa, e que ao mesmo tempo já tinha nas ruas em 1881 grupos que mais futuramente seriam classificados como ranchos e cordões, e tinham nos seus membros um predomínio de negros, além disso, os cordões, principalmente, tinham algumas características semelhantes aos cucumbis carnavalescos, incorporando também outras formas de brincadeiras de carnaval que era comum nas ruas do Rio no século XIX, ao que parece um atrativo a mais.

Não podemos esquecer também que os cordões carnavalescos ainda não eram definidos pela imprensa por esse nome, isso só começa na década de 1900, e mesmo assim, no início ainda era confusa essa definição, parte da imprensa ainda não se arriscava em classificar alguns grupos como cordões, ou acontecia ao contrário, colocava grupos com características diferentes, principalmente os ranchos, como cordões. Essas definições só começam a ficar mais claras a partir da segunda metade da década. Vale observar, que os grupos que seriam classificados como cordões já estavam nas ruas juntos com os cucumbis carnavalescos, agora, imagine a dificuldade que algumas pessoas tiveram para entender como deveriam classificar os grupos com características semelhantes.

Como vimos, os cucumbis carnavalescos faziam questão de colocar a palavra cucumbi nos nomes dos grupos, e através das suas apresentações acabam definindo as características do grupo, por outro lado, fica a dificuldade de definir os grupos que desfilam com características semelhantes aos cucumbis carnavalescos, e não só isso, inclusive a própria dificuldade em separar os tradicionais Cucumbis dos carnavalescos. É bem provável<sup>22</sup>, que muitos jornalistas e outros observadores tenham identificados os cordões carnavalescos naquele momento, como grupos de cucumbis carnavalescos, e com o seu desaparecimento tenha atribuído aos cucumbis carnavalescos, e nesse caso também aos cucumbis tradicionais, a origem dos cordões.

A jornalista Eneida Moraes segue essa linha de pensamento que entende que os cordões carnavalescos surgem a partir dos Cucumbis. Para a pesquisadora, “é fora de dúvida que os primeiros de nossos cordões nasceram dos Cucumbis, uma variante dos Congos” (MORAES, 1958, p.102). Eneida não faz uma diferenciação entre os Cucumbis carnavalescos com os tradicionais, e utiliza mais uma vez Renato de Almeida para defender que os cucumbis já estavam presentes nas festas de carnaval, com isso, seria um indicativo das origens dos cordões.

Os negros de várias tribos, de face lanhada e nariz deformado por uma crista de tubérculos que descia do alto da fronte ao sulco mediano do lábio superior, reuniam-se nas festas carnavalescas e natalinas em certas casas, em estrados construídos em praça ou ao lado das marujadas, cucumbis e outros. No Rio de Janeiro, até 1830, os

---

<sup>22</sup> Nesse caso precisaria de um estudo mais aprofundado que extrapola o período determinado para monografia.

cucumbis incorporavam aos cortejos fúnebres dos filhos de reis africanos, às centenas, sacudindo chocalhos, entoando melopeias responsórias. Esses cânticos, a princípio africanos, receberam, como os dos Congos, intercalações de versos e toadas portuguesas ( ALMEIDA apud MORAES, 1958, p.102).

Alguns fatos não foram considerados por Eneida Moraes ao afirmar que a origem dos cordões carnavalescos está relacionada aos Cucumbis tradicionais. Na própria citação, a autora verifica que esses cucumbis não participavam somente do carnaval, mais também de outras manifestações, além disso, Renato de Almeida destaca que outras manifestações de origens negras<sup>23</sup> estavam presentes no carnaval, entre elas, as marujadas. Vale lembrar também que na década de 1880, aparecem grupos de cucumbis que já se autotitulavam como Carnavalescos ou Sociedade Carnavalesca, em referência às grandes sociedades. A própria Eneida cita, como vimos, a Sociedade Carnavalesca Triunfo dos Cucumbis, isso é, um grupo formado para sair no carnaval, ao que tudo indica, a jornalista acaba ignorando esse fato.

Além de buscar a origem dos cordões carnavalescos nos cucumbis, Eneida defende que esses cordões passariam futuramente a ranchos carnavalescos, “muito do vestuário e muito dos personagens dos Cucumbis existiram nos cordões até já bem pouco tempo, mesmo quando se transformaram nos ranchos de hoje” (MORAES, 1958, p.103). Nesse caso, percebe-se uma linha sucessória construída pela autora, trabalhando com o conceito de evolução. Entre cucumbis e cordões, a evolução entra no sentido de mudança, e não necessariamente de melhorias, já entre os cordões e os ranchos, o sentido de evolução já entra no conceito de aperfeiçoamento, a autora utiliza mais uma vez Renato Almeida, agora para definição de ranchos:

Os ranchos eram cordões mais civilizados, por assim dizer, pelo menos mais completos, pois já era o elemento feminino. O conjunto instrumental era acrescido por instrumentos de cordas, violões e cavaquinhos, e de sopro, flautas e clarinetes. Ao mesmo tempo surgira o coro, para entoar a marcha do rancho. Havia um porta-estandarte e três mestres: um de harmonia para a orquestra. Outro de canto para o coro e um terceiro chamado de sala, para se ocupar com a parte coreográfica (ALMEIDA apud MORAES, 1958, p113).

Interessante notar a associação de “mais civilizados” com a presença feminina, nesse caso, a presença das mulheres seria um fator importante para os ranchos não entrarem em conflitos entre eles. Isso mostra como as imagens das brigas dos cordões, ajudou a esses grupos não serem aceitos por alguns jornalistas. Percebe-se também que aperfeiçoamento para os

---

<sup>23</sup> Felipe Ferreira (2004) em O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro cita outras manifestações de origens negras que estavam presente no carnaval: as festas de congos e maracatus.

autores está inclusive nos tipos de instrumentos utilizados pelos ranchos, os de cordas e sopro, esses seriam melhores por apresentarem certa complexidade em relação aos instrumentos de batuque utilizados pelos cordões.

Esse conceito de evolução é questionado por Felipe Ferreira (2005), no livro *Inventando Carnavais*. O autor defende que esse conceito foi um discurso utilizado na segunda metade do século XIX, pelas elites econômicas e culturais cariocas para terem o controle do carnaval da cidade do Rio de Janeiro, e com isso acabar com a brincadeira do entrudo. Para isso, era preciso ocupar as ruas, que aconteceria através dos desfiles de carruagens com pessoas fantasiadas com luxo pelas ruas do Rio, baseado no carnaval francês. FERREIRA (2005) chama esse processo, de “controle simbólico do espaço/poder carnavalesco, isso é, controlar o processo e a brincadeira de carnaval, através do domínio das ruas, eliminando assim o seu inimigo número 1, a brincadeira do entrudo. Com isso, Ferreira defende que essas elites vão impor o discurso de que a nova maneira de brincar carnaval é a evolução da festa, desqualificando outra forma de brincadeira, principalmente o entrudo.

Ferreira argumenta que esse conceito acabou influenciando na virada do século XIX para o XX a maneira de compreender o carnaval, tentando sempre buscar “uma evolução lógica de brincadeiras carnavalescas distintas e identificáveis, detentoras, cada uma delas, de uma origem e de uma história peculiar” (FERREIRA, 2005, p.128). Assim, a imprensa não entendia que as brincadeiras de carnaval surgiam espontaneamente, através do processo de interinfluência, defende o autor.

Como vimos, Eneida Moraes, no livro *História do Carnaval Carioca*, trabalha com esse conceito de evolução de carnaval. Para FERREIRA (2005), esse livro influenciou estudos futuros sobre a forma de entender o carnaval de maneira evolucionista.

A obra *História do carnaval carioca*, de Eneida de Moraes (1897), publicada pela primeira vez em 1957, marca a cristalização definitiva desta maneira evolucionista de se entender o Carnaval e serve como base para a grande parte de obras que abordam a festa a partir de então. A divisão da evolução do carnaval do Rio de Janeiro em categorias estanques como “entrudo”, “bailes”, “zé-pereiras”, “sociedades”, “máscaras e fantasias”, “cordões”, “ranchos”, “blocos” e “corso” (FERREIRA, 2005, p.128).

Para Felipe Ferreira, o livro de Eneida é importante para compreender o processo de categorização que as elites impuseram ao carnaval. Apesar da crítica sobre o conceito de evolução, Ferreira atenta pelo valor da obra, além de elogiar o texto da jornalista.

Vale à pena tecer algumas considerações sobre o debate entre Eneida Moraes e Felipe Ferreira. Nosso trabalho irá seguir o conceito defendido por Felipe Ferreira (2004), (2005) à

respeito das interações e influências nas formas de brincar o carnaval, e até mesmo de outras manifestações festivas, abandonando o conceito de evolução usado por Eneida Moraes e Renato Almeida. Chegamos a essa conclusão a partir do paralelo das características dos cordões carnavalescos citadas na bibliografia e as notas sobre esses grupos noticiadas na imprensa, principalmente nas descrições dos desfiles. Com isso, observamos que os cordões carnavalescos englobam influências de manifestações antigas, isto é, antes dos surgimentos dos cordões, além das interações com várias formas de brincar carnaval que estavam juntas nas ruas do Rio de Janeiro.

Temos que levar em consideração que Eneida Moraes, lança o seu livro, aqui citado, em 1957<sup>24</sup>, utilizando como referência bibliográfica alguns autores que trabalham com esse conceito de evolução<sup>25</sup>, como é o caso do folclorista Renato Almeida, citado pela pesquisadora em seus trabalhos sobre ranchos e cordões, ou do autor Jota Efegê<sup>26</sup>, citado no capítulo sobre as escolas de sambas, para defender que os ranchos se transformaram em escolas de sambas.

Entretanto, o livro de Eneida traz uma série de pesquisas em jornais cariocas do século XIX e do século XX, fazendo sempre citações de trechos desses periódicos, com isso, traz descrições importantes sobre o carnaval do Rio, indo desde o entrudo até as escolas de sambas<sup>27</sup>. E quando o seu texto é desenvolvido sobre essas reportagens, traz uma leitura fácil, porém detalhada, mostrando a qualidade e a importância do seu livro.

## 1.2 A associação do nome cordão a determinados grupos carnavalescos.

A palavra cordão acabou sendo associado a grupos carnavalescos que eram considerados “menos civilizados”. Os pesquisadores FERREIRA (2004) e CUNHA (2001) tentaram buscar os possíveis significados para palavra cordão associados a esses grupos.

FERREIRA (2004) supõe que cordão pode ser referência à corda ou ao tipo de desfile em filas que separava os integrantes das pessoas que não pertenciam ao grupo.

O autor destaca que a utilização de cordas para separar integrantes de grupos carnavalescos era uma prática comum no carnaval carioca, e também a forma de desfilar em

<sup>24</sup> A versão do livro utilizado como referência no trabalho é de 1982, porém a primeira versão é de 1957.

<sup>25</sup> Não se discute aqui a qualidade dos pesquisadores e de suas obras, e sim os seus conceitos de evolução no carnaval.

<sup>26</sup> Eneida usa como referência o livro de Jota Efegê, *Origem das Escolas de Samba* in *Diário Carioca*. 1957.

<sup>27</sup> Cada capítulo da obra de Eneida Moraes é um tipo de brincadeira de carnaval, entre elas, o entrudo, os bailes, o cordão, os ranchos e as escolas de sambas.



filas, porém, a palavra “cordão” acabou sendo associada de maneira mais específica as determinados grupos considerados “menos civilizados”, como forma de discriminação e denúncia<sup>28</sup>,

O nome “cordão” parece ser uma referência à corda que normalmente circundava o grupo carnavalesco, impedindo sua invasão por pessoas não pertencentes a ele e isolando os foliões, ou uma alusão do desfile em filas, como nos cordões de pastorinhas. Apesar de não ser exclusiva de um tipo específico de brincadeira, a denominação se tornaria cada vez mais ligada aos grupos de influência africana e, na maior parte das vezes, aos grupos de negros cujo cortejo tinha aspecto menos “civilizado”, menos refinado e, por conseguinte, associado a uma imagem de medo e violência” (FERREIRA, 2004, p 286).

Se, para FERREIRA (2004), “cordão” vem associado às cordas que cercavam os integrantes dos grupos e as desfile em fileiras, CUNHA (2001) busca associação aos temidos maltas de capoeiras, que, para imprensa, era sinônimo de ameaça à cidade (CUNHA, 2001, p.168). A historiadora destaca que essa associação aos capoeiras, já é encontrada no final do século XIX, citando como exemplo uma nota policial da Gazeta de Notícias, de 1897, cujo o título era “ o cordão desordeiro”

Anteontem demos ligeira notícia da prisão de um indivíduo conhecido por Chico Açougueiro e a propósito chamamos a atenção da polícia para um grupo de desordeiros que em gíria é denominado cordão, e do qual fazem parte uns tantos desocupados de alguns dos quais declinamos os nomes. Os tais comparsas do cordão vivem durante todo o dia nas portas das principais confeitarias da Rua do Ouvidor, embaraçando a circulação dos seus frequentadores e o que é mais sério, dirigindo chulas e provocações inconvenientes às famílias. (“o cordão desordeiro”, Gazeta de Notícias, 6 de fevereiro de 1897 apud CUNHA, 2001, p 168)

O cordão desordeiro que é título da reportagem da Gazeta de Notícias, logicamente não tem nada a ver com o grupo carnavalesco, porém, é uma indicação que a palavra cordão já era usada por alguns jornalistas para associar alguns grupos, no caso acima, dos maltas capoeiras.

Se lembrarmos que na citação de FERREIRA (2004), os cordões muitas vezes viam com passes de capoeiras, não é de se estranhar que a imprensa passe a associar esses grupos aos capoeiras. Essas habilidades algumas vezes eram destacadas pela imprensa. No carnaval de 1900, o Jornal do Brasil destaca o desfile cordão Filhos da Sereia na Rua Gonçalves Dias:

---

<sup>28</sup> Apesar de o autor afirmar que “cordão” ficou associado aos grupos de origem africana considerado “menos civilizados”, ele não entra em detalhe o motivo da associação, tentando buscar apenas o significado do nome “cordão”.

E os filhos da Sereia?

Oh! Estes nem precisam de *reclame*, porque todos sabem que as pessoas dali é o verdadeiro povo da *Lyra*, povo que tem pé leve e a perna ligeira.

Dansaram, espernearam e foram-se ( *Jornal do Brasil*. 27 de fevereiro de 1900, edição da manhã, pg 2).

Numa primeira impressão, pode-se associar o “pé leve e a perna ligeira” com apenas o jeito de dançar, porém, observando outros destaques na imprensa, a associação dos componentes com “ o povo da Lyra” sempre levar a entender também o sentido de capoeira, ou pelo menos algumas características. No mesmo dia do desfile dos Filhos da Sereia, o *Jornal do Brasil* destacou também o Flor da Gávea. “O grupo Flor da Gávea brilhou este anno como é o seu costume. O pessoal fino da Gávea, o povo da *Lyra*, poz-se em campo e mostrou que não era molle para essas lutas de maxixes e revelection (*Jornal do Brasil*, 1900, pg 2)”.

A associação da palavra “Lyra” com a capoeira é lembrada por CUNHA (2001). A pesquisadora destaca que os chefes das maltas mais prestigiadas eram identificados entres eles como a “turma da lira”, no século XIX (CUNHA, 2001, pg. 161). Maria Clementina Cunha também destaca que muitos cordões utilizaram lira nos nomes dos grupos, entre eles, destacamos o Lyra de Bangu, Lyra Operária, Rainha das Lyras, Filhos da Lyra, e Lyra do Brasil.

Apesar de CUNHA( 2001) destacar a associação direta de “lira” como gíria de capoeira, com os títulos de vários cordões, temos que lembrar que lira também é um tipo de instrumento musical. E se alguns cordões utilizaram no sentido de chefes de maltas, pelo menos no primeiro momento, outros faziam questão de separar essa associação, e aproximar ao sentido instrumental, e isso era comum de notar nas descrições feitas pela imprensa, dos estandartes que os cordões deixavam expostos nas redações dos jornais. Isso pode ser observado na descrição do *Jornal do Brasil* ao estandarte do Lyra de Brasil:

É de muito bom gosto artístico o estandarte que hontem veio expor no jornal do Brasil o grupo carnavalesco Lyra do Brasil, cuja sede é a Rua Barão de S. Felix n. 102. Compõem-se em tres faixas, em sentido vertical, amarelo encarnado e verde, guarnecidas de franjas de ouro e prata; uma formosa índia, com o seu cocar de pennas e a República Brasileira empunha uma Lyra de Ouro ( *Jornal do Brasil*, 1902, edição manhã, pg 3).

Apesar do esforço de alguns grupos em destacar a “Lyra” no sentido musical, algumas vezes era nítido que a imprensa utilizava o termo “turma da Lyra” para associar às danças e passos característicos de capoeira.

A pesquisadora também cita outros dois possíveis tipos de associação com a palavra cordão: uma com um tipo de formação militar usada nas guerras de infantarias, e outra a uma forma de dançar em fila indiana em situações festivas (CUNHA, 2001, p 187).

Com isso, tudo indica que a palavra “cordão” associado a determinados grupos carnavalescos, que hoje são identificados como cordões carnavalescos, não tem apenas uma origem. Como foi visto, a palavra cordão no Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FIGUEREDO, 1889) pode ter como significado um objeto, a corda, que vai ao encontro do que é defendido por FERREIRA (2004), quanto o sentido de fileira, que pode ser associado aos desfiles em fileiras citado por FERREIRA (2004) e CUNHA (2001).

### 1.3. Surgimento dos cordões carnavalescos

Já vimos que os cordões carnavalescos foram considerados por alguns pesquisadores como evolução dos grupos de Cucumbis. O jornalista João do Rio vai além, para ele os cordões vêm das festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, nos tempos da colônia<sup>29</sup>.

Os cordões saíram dos templos! Ignoras a origem desses grupos?  
Pois eles vêm da festa de Nossa Senhora do Rosário. Não sei porque os pretos gostam de Nossa senhora do rosário. Já naquele tempo gostavam e saíam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, de guardas, tocando instrumentos africanos, e paravam em frente à casa do Vice-Rei a dançar e cantar (RIO, Elogio ao cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906).

João do Rio completa sua descrição utilizando o conceito de evolução. “O Cordão da Senhora do Rosário passou ao cordão dos velhos, depois dos velhos Cucumbis. Depois dos Cucumbis, os Vassourinhas” (RIO, Elogio ao cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906)

Nas bibliografias atuais os pesquisadores não vão buscar as origens dos cordões tão longe. Vimos também que CUNHA (2001) e FELIPE (2004) (2005), não trabalham com o conceito de evolução, e sim com variedades de influências das formas de brincar carnaval quando se referem aos cordões.

Como já foi dito, a influência dos Cucumbis nos cordões é inegável, talvez explique porque os autores e até a imprensa associaram os cordões à evolução dos Cucumbis. Eneida Moraes cita uma interessante descrição dos Cucumbis feita por Renato Almeida,

---

<sup>29</sup> João do Rio faz essa definição através de uma crônica e nela ele passeia nas ruas do Rio em pleno carnaval com um amigo e é esse amigo, defensor dos cordões como a alma do carnaval carioca, que explica a origem dos cordões.

O vestiário dos Cucumbis se compunha de círculos de penas nos joelhos, à cintura, nos braços e pulsos; de cocar e plumas com pala vermelha; de botinhas enfeitadas com fitas e galões; de calças, camisas e meia cor de carne. No pescoço tanto homens como mulheres ostentava colares de miçangas, corias e dentes, às vezes com diversas voltas (ALMEIDA apud MORAES, 1958, p. 102).

Observa-se na descrição de um vestiário típico indígena, característica marcante dos cordões, que era muito citado pela imprensa. Na passagem do cordão Flor da Lyra do Bangu, pela Rua Gonçalves Dias no carnaval de 1902, o Jornal do Brasil destaca:

O grupo Flor da Lyra de Bangu, apresentou-se rico e deslumbrante. Suas patriotas fantasias realçavam dentre os finos e artísticos estandartes do grupo. Valorosos e aguerridos índios com as suas aljavas, repletas de flechas campo num *remeletion* desenfreado e doido (Jornal do Brasil, 10 de fevereiro de 1902, edição manhã, p 2).

Na continuação das características sobre os Cucumbis, Renato Almeida cita:

Os personagens comuns eram o Rei, a Rainha, o Feiticeiro (Quimboto), o Língua, um ou diversos mametos (crianças), o Caboclo, Princesas, Princesas, Embaixadores, Adivinhões e mais meia centena de comparsas: dançarinos, músicos e cantadores. Como instrumentos: ganzás, chequerês, chocalhos, tamborins, adufes, aggôg, maribas e pianos de cuaia. (ALMEIDA, apud MORAES, 1958, p 103).

Nesse trecho, como observa MORAES (1958, p103), várias fantasias foram utilizadas pelos integrantes dos cordões: os caboclos, reis, príncipes. As fantasias masculinas predominavam, já que os cordões eram compostos majoritariamente por homens (CUNHA, 2001, p.152).

Como já foi visto no carnaval de 1907, a Gazeta de Notícias destacava a presença de vários cordões com fantasias que também foram comuns nos Cucumbis. Os Teimosos da Gamboa, destacou a Gazeta, puxavam o cordão seis índios e cinco reis, já os Onças de Ouro veio com dois índios, um velho e um príncipe na frente do grupo. Apesar, como foi dito, de nos cordões ter dito o predomínio dos homens, as mulheres não foram impedidas de sair. A Gazeta citou a presença de duas fantasias de Rainha no Grupo Flor da Primavera: “Compunha-se o cordão de 15 índios, três reis e duas rainhas e uma forte pancadaria.” (Gazeta de Notícias 12 de fevereiro de 1907, p 2).

CUNHA (2001) cita outra característica marcante nos Cucumbis: a presença de animais, jabutis ou lagartos, que poderiam vir vivos ou empalhados, carregados pela representação de um feiticeiro, para mostrar o seu poder de contralar a natureza (CUNHA, 2001, p 42).

No carnaval de 1903, o Jornal do Brasil noticia a presença de animais na passagem do cordão Triunpho da Saúde em frente à redação do jornal, na Rua Gonçalves Dias. Com uma mistura de espanto e admiração descreve:

Tremendo e feroz o grupo Triunpho da Saúde, causou um sucesso inegalavel. Trazendo à frente duas enormes cobras, um ouriço, um jaboty e um jacaré, tudo vivo e bem vivo, os temíveis carnavalescos fizeram umas dansas exquisitas com a bicharada, ao passo que cantavam as suas trovas do sertão lindíssima. Bello e ruidoso grupo (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1903, edição manhã, p.2).

Era comum a descrição pela imprensa da presença de animais nos desfiles dos cordões carnavalescos. O Correio da Manhã, no carnaval de 1907, na passagem do cordão Triunpho da Saúde pela Rua do Ouvidor, noticiava que o grupo passava com uma jararaca viva da Amazônia:

Um dos cordões que mais lindamente se apresentaram à conquista de louros neste carnaval foi o Triunpho da Saúde, cujos sócios além de ultra-luxuosamente fantasiados, trazia como chefe um original mascarado portador de uma enorme jararaca do amazonas, vivinha a saltar (Correio da Manhã, 12 de fevereiro de 1907).

Uma boa nota para mostrar como era comum a presença de animais nos cordões, mesmo que muitas vezes não noticiado, vem do Jornal do Brasil, no carnaval de 1907. Ao descrever de maneira ampla as passagens dos cordões, o jornal cita:

Como todos os annos, predominava nos grupos a bicharada bravis, como que fugida dos arcamos das florestas da nossa fauna figurava largamente, incorporada aos grupos, dando-lhes aquelle aspecto de selvícolas, que perfeitamente imitam, em meio de cobras, jacarés taús, e toda a sorte de medonhos, bichos, volteando-se assombrados entre a pancadaria dos pandeiros e os captares característicos. (Jornal do Brasil, 11 de fevereiro de 1907, p 4)

Os relatos sobre a presença de animais nos cordões carnavalescos irão cessar em 1909, quando o chefe de polícia do Rio de Janeiro proíbe a presença de animais nos desfiles dos cordões. Se nos dias atuais poderíamos pensar que essa proibição se daria em função da proteção dos animais, não foi esse argumento utilizado na época. Para o chefe de polícia, a presença de animais ia contra a civilização, foi o que disse ao jornal do Brasil: “não seria decente a policia consentir que cordões carnavalescos continuassem a exhibir pelas ruas, cobras e jacarés, appresentando um attestado falso de nota de nossa educação, contrario ao nosso progresso material à nossa civilização” (Jornal do Brasil, 26 de Janeiro de 1909, p 2).

A presença das fantasias de príncipes nos cordões, comuns nos Cucumbis, também pode ter sido influenciada pelas brincadeiras de foliões avulsos. CUNHA (2001) cita que essa fantasia era muito popular no século XIX, que consistia em “máscara de arame, espadas de

madeira, capas de belbutina enfeitada com lantejoulas e penachos coloridos no chapéu” (CUNHA, 2001, p.34).

Outras variedades de fantasias que foliões avulsos utilizavam no carnaval desde século XIX que também estavam presentes nos cordões no começo do século XX, também eram observadas na imprensa. Além dos já citados, príncipe, Velhos e ainda os índios, também aparecem os palhaços, diabinhos, morcegos e colombinas. É o que podemos ver na descrição da Gazeta de Notícias, na passagem do cordão Clube Carnavalesco Destemidos do Inferno, no carnaval de 1906, pela Rua do Ouvidor: “À frente vinham dous ricos estandartes com as cores encarnados, amarelo e preto, seguindo-se quatro bandos de adufes com as cores da sociedade e brilhantes fantasias de morcego e rei do inferno” (Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, p.1).

CUNHA (2001) destaca que as fantasias de diabos eram antigas e que por muitas décadas foram preferidas pelas classes mais pobres. Eram tão populares, que também foram bastante utilizadas nos bailes nobres nos salões da cidade.

Não era só no passado e nos cordões que esse tipo de fantasia, em foliões solitários, ainda era comum no começo do século XX, e noticiado pela imprensa. No carnaval de 1906, o Jornal do Brasil do Brasil destaca: “Na Rua Gonçalves Dias, às 5 horas da tarde, um diabinho fez coisa do arco da velha. Parece que tinha sahido naquelle instante da região em que reino Satanaz e que corriam nas veias não sangue, porém chammas.” (Jornal do Brasil, 26 de fevereiro de 1906, p.2)

A revista Fon-Fon, em 25 de fevereiro de 1911, escreve dois artigos sobre as fantasias de diabinhos. A primeira com o título “diabinho” diz que a fantasia e a brincadeira alegrava o carnaval de rua, e amedrontava as crianças:

Era a debandada infantil, mal apparecia no extremo da rua aquella berrante figura vermelha, de rabo e mascara medonha.

Mas, o diabinho alegrava a Rua, apezar da insipidez do seu esperito, do seu gesto incomprehensivel .

Era uma nota bem carnavalesca, bem popular, na simplicidade do seu rubro metim barato, da sua mascara disforme e amedrontadora. (Revista Fon-Fon! , *Diabinhos*, 25 de fevereiro de 1911)

Nota-se o caráter bem popular e a facilidade de fazer a fantasia que o autor faz questão de ressaltar, que ajuda a entender a presença dos diabinhos nos cordões carnavalescos.

Já no segundo artigo, com o título de “diabinhos: notas de outr’ora”, o autor destaca que não sabe quando começou essas fantasias nas ruas, porém, afirma que, em 1867, quando

ainda era criança, já via os *diabinhos* no carnaval. O texto ressalta que as fantasias eram usadas por crianças para fazer medo às outras crianças:

Grande sarilho e correria quando surgiam os diabretes, ou diabinhos! A petizada partia aos gritos, e de longe acenava-lhes com caretas e gestos de vaias, e elles aos saltos tregeiteando o corpo, a roncar e guinchar rórr! rorrr! Como urros furiosos, de metterem medo, distribuiam rabadas a torto e a direito. A pancada porém, quando pancada havia era inofensiva, porque os rabos estavam cheios de algodão ou de estopa desfiada( Revista Fon-Fon, *Diabinhos: notas de outr'ora*, 25 de fevereiro de 1911)

Nota-se que o autor destaca a brincadeira feita pelos *diabinhos* como inofensiva, até então. A partir desse trecho citado, o artigo começa a destacar as transformações que os *diabinhos* sofreram. Se inicialmente era uma brincadeira de criança, passa, depois, atrair pessoas a quem o autor classifica de maus elementos:

Infelizmente veio se lhe juntar um máo elemento, a perversidade adolescente dos prodestinados dos politiqueiros de parochia, gente desabusada, cultivada no crime para os bons resultados eleitoraes. Em pouco tempo o diabinho era um demônio de mascara, de que se fugia. As caudas, que elles traziam cheias de algodão, transformaram-se em armas, revestindo calabrês, ou cheias de areia, e mais tarde cheias de pontas de prego. ( Revista Fon-Fon, *Diabinhos: notas de outr'ora*, 25 de fevereiro de 1911)

Verifica-se o caráter perigoso, destacado pelo cronista, que tornou os *diabinhos* no carnaval, transformando as fantasias em armas. É interessante que o autor já nesse trecho começa associar os “maus elementos” aos capoeiras ou às maltas capoeiras, quando cita “ os protegidos dos políticos de paróquia” “cultivado no crime para resultados eleitorais”. O texto faz alusão aos capoeiras que eram contratados pelos candidatos para intimidar eleitores para garantir bons resultados nas eleições no Império.

O artigo ressalta, talvez de forma exagerada, que não teve um capoeira que não tenha saído de *diabinho*, eles seriam responsáveis também, pelo surgimento de outra fantasia inspirada nos *diabinhos*, chamada de o Rei dos Diabos ou o Rei das Chamas, com intuito de intimidar. Vale lembrar, o aqui já citado anteriormente, a passagem, em 1906, do cordão Destemidos do Inferno com a presença da fantasia na qual a Gazeta de Notícias chama de o Rei dos Diabos.

No final do artigo é dada ênfase à ligação dos capoeiras e a fantasia do diabinho, e agora a sua associação aos cordões carnavalescos:

Era, então que se lhes percebiam as visagens duras, más de assassinos amadores, negralhões e mulataços de maltas, gentalha de eleições que a política protegia, embrutecidos dos vícios, e hospedes de calabouços. Uma horda de bandidos, donde sahiram mais tarde os celebres cordões, que se deglaviavam a navalha e a revólver. E tantos e taes crimes praticavam esses foliões da sangueira, navalhistas e tombos-certos(...) (Revista Fon-Fon, *Diabinhos: notas de outr'ora*, 25 de fevereiro de 1911).

É interessante notar que, para o autor do texto, a origem dos cordões vem das maltas de capoeiras, associando aos cordões carnavalescos a violência, chegando a chamar de foliões “da sangueira”. As críticas aos cordões vão ser comuns em alguns textos da revista Fon-Fon na década de 1900, e no começo da 1910<sup>30</sup>.

No carnaval de 1900, a Gazeta de Notícias descreve a passagem do cordão Flor do Propósito pela Rua Moreira Cesar, destacando que o grupo passa com as tradicionais variedades de fantasias, além das conhecidas dos diabinhos e dominós, aparece uma fantasia chamada Pai João. “Inumerosos mascarar a fantasias e algumas de muito gosto e riqueza e o clássico batalhão de Pai João, diabinhos e dominós de todas as cores, etc. etc”. (Gazeta de Notícias, 26 de fevereiro de 1900).

A revista Fon-Fon, edição de 24 de fevereiro, de 1911, faz uma descrição de maneira crítica do que foi a fantasia do Pai João, “arrebanhava as roupas velhas dos rapazes da casa, bezentava medonhamente a cara de pixe, arranjava uma vassoura velha e sahia para a rua a fazer carnaval popular e barato” (Revista Fon-Fon, 24 de fevereiro de 1911).

É importante notar o jornal chamando de fantasias clássicas, mostrando até então que elas eram populares, entretanto, a fantasia de Pai João, assim como a do diabinho, foi desaparecendo, ou ignorado pela imprensa, ao longo da década de 1900, porém, algumas vezes, era destacada pelos jornais, nos foliões avulsos. Em 1902, o Jornal do Brasil ao descrever a presença de máscaras avulsas cita, em sinal de reprovação, o jeito de brincar do folião:

Um terrível pae João dos que tocam em todas as vendas e botequins para tomar um trago da abrideira, amolou os ouvidos dos moradores da rua da Constituição.  
Tudo a que fazia, dizia ou cantavam, tinha como estribilho a seguinte quadrinha:

Em Niteroy  
Ninguem se metia  
Tem maribondo  
De cabeça preta.

(Jornal do Brasil, 10 de fevereiro de 1902, edição manhã, p2)

No ano seguinte, o Jornal do Brasil, cita uma curiosa situação envolvendo dois foliões na Rua do Theatro. Um folião brincava de jogar água nas pessoas quanto apareceu outro

<sup>30</sup> As criticas aos cordões serão discutidas no capítulo 2.



fantasiado de Pai João. Esse passou a contar sobre a vida do primeiro, que não gostando da brincadeira do fantasiado passou a fugir.

Munido de uma bisnaga, o troteado flanava pela rua do teatro, tomando parte do estruendo que ali houve, quando appareceu o endiabrado carnavalesco, fantasiado de pae João. A victima trajava no rigor da moda. Veio atacal-o foi obra de um instante. O pae João discorreu sobre o passado e presente do heroe, acompanhado-o por toda parte. Refugiando-se em um estabelecimento comercial, nem mesmo ahi teve seguro abrigo, pois o mascarado, da rua, poz-lhe á calva a mostra. Contou varias historia da vida do troteado, sendo o estribilho o “Tá bão, deixa!” (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1903, edição manhã, p.2).

Nota-se nas descrições sobre a presença do Pai João, uma visão negativa sobre a fantasia a de 1902, existe um sinal de reprovação nas brincadeiras de Pai João, fazendo questão de destacar que era frequentador de boteco. Na de 1903, o jornalista trata o folião que recebe trote do Pai João de vítima e também de herói, além de destacar que estava vestido ao rigor da moda. Isso mostra a reprovação no tipo de brincadeira que alguns mascarados faziam no carnaval do Rio, a do trote. Além do trote, a fantasia de Pai João era considerada de mau gosto, suja.

Como já foi citado, O Jornal do Brasil, em 1906, publicava desenhos de fantasias que já não apareciam no carnaval carioca<sup>31</sup>, com título, “O Carnaval de Antanho: figurinos cariocas que já lá se vão...”. No desenho da figura do Pai João, a legenda explicativa era, “Pae João- Estylo sujo. Vassoura e enfeites grotescos. Roupa em fiapos. Dizem que symbolizava o orçamento...” (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1906, p.2). Em 1909, a revista Fon-Fon também repete o Jornal do Brasil, e desenha as fantasias<sup>32</sup> que já não estão presentes no carnaval carioca, sobre o título de “Antigos Mascarados”. (Revista Fon-Fon, 18 de fevereiro de 1909, p 25).

A mesma revista Fon-Fon, em 1911, parece que decreta o fim dessa fantasia no carnaval, “Quem ha por ahi que não se recorde, ao menos, do velho typo de carnavalesco maltrapilho, que era o assaz popularizado Pae João?” (Fon- Fon, 25 de fevereiro de 1911, p.20) . Ao que tudo indica, a fantasia de Pai João não era muito aceita pela imprensa, se o Jornal do Brasil fala em “enfeites grotescos” a revista Fon-Fon chama a fantasia de tipo imundo, fruto de um carnaval barato: “ E o que é facto, que esse typo immundo, maltrapilho e bezuntado, foi

<sup>31</sup> As outras fantasias desenhadas são a do diabinho, Velho, dominó chocho, o Dr. Burro e a caveira (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1906).

<sup>32</sup> Além da fantasia do Pai João, são citadas a do diabinho, a do Velho e Dr Burro. (revista Fon-Fon, 18 de fevereiro 1909)

durante muito tempo, uma figura de saliência exótica no meio parco das nossas phantasias de carnaval barato” ( Fon- Fon, 25 de fevereiro de 1911, p.20)

Percebe-se que os cordões, além da influência dos Cucumbis carnavalescos e tradicionais, incorporam várias formas de brincar carnaval, e vão ser algumas delas que vão chamar a atenção da imprensa na primeira década de 1900. Se, para alguns, os cordões representariam o símbolo do carnaval carioca, para outros, representavam os costumes antigos que devem ser deixados para trás.

Cucumbis, índios, diabinhos, Velhos, príncipes, os passes de capoeiras, a presença de animais vivos e os instrumentos de batuques típicos africanos, todos esses elementos já vinham sofrendo críticas pesadas já no século XIX, já que não representavam o carnaval ideal pensado pela elite carioca, que era o carnaval francês. Além disso, a associação que a imprensa fazia entre esses grupos e os maltes de capoeira, aliados aos conflitos (algumas vezes mortais) só piorava as críticas aos cordões. Esses fatores irão contribuir em muito para que os cordões passem a ser tratados com desprezo por alguns cronistas.

## 2. Os cordões carnavalescos na imprensa carioca.

### 2.1 As críticas na imprensa aos cordões carnavalescos

Em 1898, uma crônica no jornal *Gazeta de Notícias* lamentava que o carnaval já não era como antigamente. O cronista Júlio Peixoto voltando às suas lembranças dos carnavais de 1868 e 1869 exaltava a participação na folia das sociedades carnavalescas, indo das primeiras até o surgimento, a partir daqueles anos, das chamadas grandes sociedades, Tenentes do Diabo, os Democráticos e os Fenianos. Essas últimas citadas, não somente ainda desfilavam no carnaval de 1898, como, para imprensa, o dia de suas apresentações, na terça de carnaval, era o mais esperado, e recebia grande destaque nas páginas dos jornais.

Então, o que incomodava tanto nosso cronista que o fez lamentar o carnaval do final do século XIX? Acontece que as grandes sociedades carnavalescas não estavam sozinhas nas ruas nos dias de folia, e disputavam a atenção e os aplausos da população que iam brincar o carnaval, com outros grupos carnavalescos, chamados algumas vezes pela imprensa até então, de *pequenas sociedades* ou simplesmente de *grupos carnavalescos*. É justamente esses grupos que “perturbam” o carnaval do nosso cronista, e ele não hesita em decretar o final do carnaval caso às grandes sociedades carnavalescas não saíssem mais pelas ruas, sobrando apenas os outros grupos carnavalescos.

Quando as sociedades carnavalescas se recolherem todas aos seus *poleiros*, estamos certos que o carnaval será enterrado n’esse dia ao som de alguma marcha fúnebre, tocada por algum Zé Pereira que, valha a verdade e ninguém faz mal. Então sim, os grupos de Cumcubys, de Cupidos de Ouro, de Mandiróbas, de Bahianinhas Filhas de Papagaio, e de Pés Espelhados hão levar o misero cadáver até à cova rasa que o espere!  
Pobre Carnaval! Quem ti viu e quem te vê!  
(*Gazeta de Notícias*, 20 de fevereiro de 1898, p.1).

O cronista não explicou o motivo que esses grupos carnavalescos citados acima o incomodavam tanto, porém, que o encantava nas grandes sociedades, ele fez questão de ressaltar: o luxo. Essa “qualidade”, que tanto o deslumbrava, estava distante dos pequenos grupos. Vale lembrar que o Rio de Janeiro já estava passando por um processo de mudanças. As elites culturais e econômicas sonhavam com uma cidade tipo europeia. O carnaval ideal, logicamente, seria o europeu. As grandes sociedades proporcionavam essa sensação. No entanto, não era só os tipos de fantasias e a cultura africana que incomodavam o nosso cronista.

A “classe perigosa” estava na rua e, nos dois primeiros dias de carnaval, eram os protagonistas da folia.

As sociedades carnavalescas, que tanto encanta o cronista, surgiram na cidade do Rio de Janeiro na tentativa de mudar o jeito de brincar a folia que incomodavam tanto a elite intelectual e econômica carioca: o entrudo. A brincadeira do entrudo é de origem das tradições carnavalescas portuguesas, que consistia em jogar algum tipo de projétil feito de cera, que era chamada de limões ou laranjas de cheiros, contendo água. Além desses objetos eram usadas também as jarras e as bacias para jogarem o líquido nas pessoas (FERREIRA, 2004). No Brasil, a brincadeira já era praticada desde século XVII (FERREIRA, 2004, p.80), e além dos projéteis de cera, das jarras e bacias, foram incorporadas as bisnagas e as seringas como forma de injetar água.

No século XVIII a brincadeira do entrudo já estava difundida em toda sociedade carioca, entretanto, a popularidade não significava um jogo homogêneo em que todos poderiam brincar de maneira igual. Nesse caso, existia a brincadeira que era praticada dentro dos lares das chamadas famílias distintas, restrita aos familiares, aos amigos e vizinhos mais próximos (CUNHA, 2001) e aquelas das ruas praticadas por negros, pobres, ambulantes, prostitutas, por exemplo, (FERREIRA, 2004). Leonardo Affonso de Miranda Pereira, no livro *Carnaval das Letras*, cita uma passagem do romance de Joaquim Manuel Macedo, *As Mulheres de Mantilha*<sup>33</sup>, que exemplifica bem de como o entrudo estava incorporado ao carnaval carioca:

O entrudo era durante os três dias que se chamam do carnaval o jogo delirante de todas as idades, desde o menino até o velho, de ambos os sexos, e de todas as classes da sociedade, de todas porque os escravos também jogavam entre si. O jogo consistia essencialmente em molharem-se uns aos outros; o exaltamento e o frenesi dos jogadores, uma vez travado o combate, não se limitava à água e com outros meios enxovalhavam, como podiam; naturalmente havia no jogo práticas delicadas, práticas rudes e práticas selvagens (MACEDO apud PEREIRA, 2004, p 64).

É interessante notar a citação escolhida por Pereira. Observa-se que a brincadeira que no início era praticada nas casas de famílias “respeitadas” passa a ser incorporada às ruas, inclusive pelos escravos<sup>34</sup>, isso ajuda a entender também a popularidade da brincadeira, sem falar que era um jogo acessível às classes de baixa renda. Mesmo aqueles que não tinham

<sup>33</sup> Ao escrever *As Mulheres de Mantilha*, romance histórico, Joaquim Manuel de Macedo pretendeu construir um texto com base em fatos reais que mostrasse, para os leitores do século XIX, a vida do Rio de Janeiro nos idos de 1769, durante o reinado do Conde da Cunha.

<sup>34</sup> Nas casas dos senhores, a participação dos escravos na brincadeira limitava a carregar as bandejas de limões ou laranjas de ceras a serem utilizadas pelos seus senhores. Já nas ruas quando não estavam presentes os seus senhores, poderiam brincar entre eles, jogando água, tinta e pó branco (CUNHA, 2001).

dinheiro para comprar os limões ou laranjas de cheiros, poderiam participar da brincadeira utilizando copos, cuias ou qualquer tipo de vasilhame.

Macedo cita que a brincadeira não limitava à água, sendo usados outros tipos de líquidos, aí que começa a separação entre o entrudo delicado e os rudes, como classifica o autor. O entrudo delicado é aquele praticado nas casas de “boas” famílias, que além das águas nos projéteis, também era usados líquidos perfumados. No entrudo rude, praticado nas ruas, os líquidos perfumados eram igualmente utilizados, porém, havia também a utilização de água suja, café, groselha, tinta, lama, além de ser incorporado o pó branco na brincadeira (PEREIRA, 2004, p.67). E foi justamente o entrudo das ruas que passam a incomodar as autoridades, e as elites econômica e intelectual.

Nas bibliografias (CUNHA, 2001) (MORAES, 1987) (PEREIRA, 2004) têm em comum o relato feito por uma educadora alemã Ina von Binzer<sup>35</sup> que morou no Rio de Janeiro de 1881 até 1884. A jovem educadora, em carta para uma amiga, relata a sua experiência com entrudo sofrida na Rua do Ourives, no ano de 1882, em sua ida para o dentista, dias antes de começar o carnaval. A educadora escreve para amiga relatando que foi atingida no rosto por um projétil duro contendo um líquido que parecia o aroma agradável de patchuli, antes mesmo de se recuperar, era atingida por outros projéteis iguais. Ao tentar se proteger em uma parede de uma casa, foi atingida por água vindo de uma janela. Indignada, a jovem escreve para a amiga:

Cercava-me rostos onde se refletia o atrevido contentamento de quem vê diante de si a manifestação de uma fúria impotente: senhores elegantes, mulatinhos sujos, caixeiros, vadios e até senhora nas sacadas pareciam transformado em demônios, rindo-se todos como se tivessem conspirado contra aquela pobre infeliz torturada pela dor de dentes, alvejando-a com os tais objetos resistentes e encharcantes. (BINZER apud CUNHA, 2001, p.55, PEREIRA, 2004, p.66)

Andar nas ruas nos dias de folia, e como vimos no relato, até nos que antecede os dias de carnaval, e ser atingindo por água e outros líquidos por desconhecidos não deveria ser uma sensação muito agradável para algumas pessoas. Segundo Ferreira, a primeira proibição ao jogo de entrudo no município do Rio de Janeiro é datada em 1838 (FERREIRA, 2005, p.32). Dois anos depois, cita o mesmo autor, o jornal Diário do Rio de Janeiro publica o código da

---

<sup>35</sup> A estrangeira Ina Von Binzer foi uma jovem alemã que, contando vinte e dois anos de idade, desembarcou no Brasil nos idos de 1881 permanecendo aqui até 1884. Enquanto esteve no Brasil trabalhou em um colégio de meninas e para famílias abastadas do Império. Sua experiência como professora e suas impressões da sociedade brasileira ficaram registradas nas cartas que enviava a sua amiga Grete – residente na Alemanha – e que foram reunidas na obra chamada Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil, publicada pela editora Paz e Terra. (CANTO, Tafenes do. Letra de professora: A educação brasileira oitocentista nos escritos de Nisia Floretas e nas cartas de Ina Von Binzer. XI Encontro Estadual de História; ANPUHRS, 23 a 27 de julho de 2012, FURG, Rio Grande do Sul, p.608-6019)

proibição do entrudo dias antes do carnaval. A pena de quem fosse pego brincando era de até oito dias de prisão, e, se fosse um escravo, era de cem açoites (Diário do Rio de Janeiro, 17 de fev 1841 apud FERREIRA, 2005, p 32). Junto com as proibições a imprensa passa vincular a brincadeira do entrudo à selvageria, recebendo apoio das elites.

A Gazeta de Notícias, em 1905, publicaria um artigo sobre a história do carnaval do Rio de Janeiro desde 1840. O autor da reportagem cita que o entrudo já provocava reclamação por parte da população antes de 1840, e que no ano seguinte não foi diferente. O texto relembra a campanha da imprensa contra o entrudo recebendo apoio dos eleitores:

Em 1841 também o foi e continuou por muitos outros anos a ser. Não faltaram naturalmente protestos. E os protestos eram unânimes. A imprensa clamava, o público clamava, a polícia expedia circulares e ... o Entrudo não morria. O *Jornal*, paladino do carnaval chic e civilizado xingava o Entrudo de “jogo selvagem”. Fallava-se na Hottentotia, na Cafraria, nos paizes mais abjectamente atrasados. O público batia palmas à campanha da imprensa ... e o jogo continuava. Também a imprensa não inventava outra coisa para os três dias!...  
(Gazeta de Noticias, 5 de março de 1905, p.7)

Na verdade existe um exagero por parte do autor ao dizer que o público batia palmas para imprensa. Parte das elites econômica e intelectual era realmente a favor do fim do entrudo, já a outra não era contrária ao fim total da brincadeira, principalmente as moças<sup>36</sup> e rapazes solteiros que viam no entrudo não apenas uma brincadeira de carnaval mais também um jogo de sedução, esses defendiam aquele praticado nos lares, entretanto, concordavam que o entrudo das ruas tinha que acabar, e é justamente nessa parte que as elites se unem para combater as brincadeiras nas ruas.

As elites passam apoiar a ação de repressão por parte da polícia. FERREIRA (2005, p. 36-37) cita as cartas enviadas aos jornais cariocas de leitores alertando as autoridades para não se esquecerem de combater o jogo do entrudo nas ruas<sup>37</sup>. Entretanto, combater o entrudo não era uma tarefa fácil, era uma brincadeira popular, como diz o artigo da Gazeta, não adiantava a reclamação da imprensa se a própria não inventava outra coisa para diversão, precisava então criar alternativa de brincar carnaval, e essa tentativa vem das elites, buscando como modelo o carnaval francês.

<sup>36</sup> Para Cunha(2001) as mulheres tinham uma preferência por esse tipo de brincadeira dentro das casas de “boas famílias”. Por questão de educação e etiqueta a maioria dos homens não tomava iniciativa de molhar as mulheres, com isso elas passam a ser as protagonistas das brincadeiras já que cabia a iniciativa. A brincadeira que a principio era de carnaval passa a ser também um jogo de sedução. As moças escolhiam os rapazes com quem as interessavam para começar a brincadeira, iniciando assim um contato de mais intimidade.

<sup>37</sup> Uma das cartas citadas por Felipe Ferreira, foi publicada no Diário do Rio de Janeiro em 2 de março de 1843. O leitor que assinou como “O Ofendido” reclamava: “na noite de terça- feira 28 do passado fui dar o meu passeio para tomar um pouco de fresco, mas quando me recolhia à minha casa (...) fui atrozmente molhado com muitas bacias de água do sobrado da rua do Ouvidor” ( FERREIRA, 2005,p.36).

A primeira iniciativa vem baseada nos bailes de máscaras parisiense. Em 1840 surgem os três primeiros bailes. Para o artigo da Gazeta, citado acima, o primeiro deles aconteceu antes do carnaval em 22 de janeiro, com iniciativa de uma italiana, esposa do proprietário do Hotel Itália, o baile voltaria repetir agora no carnaval no dia 20 de fevereiro. Em 1844 o baile do Hotel Itália já oferecia aos participantes ceia, vinho e refrescos, e a entrada das mulheres era franca (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1905, p.7). Em 1845, os bailes do Hotel Itália já ganhavam destaques na imprensa, sempre ressaltando que os bailes eram à fantasia (FERREIRA, 2005, p. 45). No ano de 1846, os bailes passaram a ser dados por uma sociedade dançante chamada de Constante Polka. Ao que tudo indica essa sociedade dançante foi organizada pelos proprietários do Hotel Itália (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1905, p.7) (MORAES, 1958, p. 29-30). No mesmo ano começam a surgir outros bailes mascarados. A atriz Clara Delmastro, organizou um baile no salão do Teatro de São Januário, sendo noticiado pela imprensa com grande entusiasmo, como é lembrando pelo o artigo da Gazeta de Notícias, “foi um assombro. O *Jornal* de 16 de fevereiro estampou longo rodapé que abrangia duas paginas e tinha por título Os bailes mascarados. Não podia ser maior o entusiasmos do cronista” (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1905, p.7). Se o baile organizado pela sociedade Constante Polka era apenas para os associados, o do teatro de São Januário é pioneiro no surgimento dos grandes bailes públicos, isto é, bastava ter o dinheiro para pagar o alto preço dos ingressos para participar. FERREIRA (2005, p. 46) cita que as notícias da época estimava que esse baile reuniu mais de mil pessoas. Outros bailes públicos irão surgir nos anos seguintes, entre eles, o do Teatro São Pedro de Alcântara, o do Teatro São Francisco e do Hotel União (FERREIRA, 2005, p. 46). Todos esses bailes tinham um código de etiqueta, que deixava bem claro a proibição ao jogo do entrudo.

Os bailes de máscaras passam a competir nas brincadeiras de carnaval com o entrudo. Entretanto, como já foi visto, existia para as elites, um mal maior a ser combatido, o entrudo das ruas, praticado, em maior parte, por aqueles que estavam longe dos grandes bailes. Era preciso ocupar as ruas, as máscaras e as fantasias dos grandes bailes passaram a ser uma solução, elas não deveriam ficar apenas nos salões, deveriam ser vistos por todos. A imprensa passa motivar a saídas dos mascarados às ruas.

No artigo já citado da Gazeta de Notícias sobre o carnaval antigo, o cronista lembra que o periódico o *Jornal*, em 1847, já incentiva a saída dos mascarados como solução para levar os bailes às ruas para aqueles que não tinham condições de pagar, e assim incentivariam uma nova forma de brincar esquecendo o entrudo:

O *Jornal* diz que os bailes dados nos theatros eram dispendiosos para o público. Sempre preocupado com as finanças do paiz e do povo, O *Jornal* lembrou então que se organizassem, para remediar a falta de bailes, bandos mascarados em correrias burlescas pelas ruas e praças, que o povo as seguiria esquecendo a água e o polvilho (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1905, p.8).

Interessante, é que o cronista da Gazeta, busca daí, a origem dos cordões carnavalescos. Para ele, ao incentivar a saída de mascarados, o *Jornal* foi o criador desses grupos. Nota-se na tentativa de buscar uma origem aos cordões, que 1905 já estavam construindo a ideia de cordões como grupos carnavalescos apresentando fantasias diversas. Atribuir ao periódico *Jornal* à origem dos cordões é um exagero, entretanto, não se pode negar, que a saída dos mascarados dos salões para as ruas e, assim, surgindo uma nova forma de brincar carnaval, acaba sendo uma das influências nos cordões carnavalescos.

Estimular a presença de mascarados nas ruas, não garantiu o fim do entrudo, acabou sendo mais uma forma de brincar, inclusive as duas brincadeiras poderiam se transformar em uma só, já que alguns mascarados não dispensavam o prazer de jogar águas nas pessoas. Então, para tentar disciplinar as ruas e comandar o carnaval era preciso algo mais grandioso e que ocupasse o maior número de ruas possíveis. A solução, mais uma vez, veio do carnaval francês, através do desfile de carros abertos. Em 1855, apareceu a primeira sociedade dançante a organizar um desfile pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, o Congresso das Summidades, criada em 1851 (FERREIRA, 2005, p.61), alcançando grande sucesso na imprensa e na sociedade. As Sumidades Carnavalescas fizeram sucesso pela variedade, luxo e elegância dos vestidos, fantasiados ou históricos (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1905, p.8).

O luxo e a elegância foi proposital. Para CUNHA( 2001), era necessário ser evidente a distinção de quem brincava nas sociedades carnavalescas em relação aos que brincavam nas ruas com o entrudo. Era preciso mostrar que o novo carnaval era a evolução da festa, e tinha um caráter civilizatório. Os desfiles da Summidade Carnavalescas viam acompanhados de distribuição de versos contra o entrudo. Já no ano seguinte, mais duas sociedades fazem companhia a primeira, a Sociedade Carnavalesca União Veneziana e o Club Carnavalesco. Outras sociedades vão surgindo e desaparecendo na segunda metade do século XIX, entretanto, já na década de 1890 e início do século XX, destacam-se na imprensa, três sociedades carnavalescas, os Tenentes do Diabo, os Fenianos e os Democráticos, que passariam a ser chamadas de grandes sociedades. Essas três sociedades, além das características iniciais (desfile em carros com a presença dos seus associados com fantasias de luxos ou vestido elegantemente) acabam sacramentando a presença de carros alegóricos, geralmente com uma sátira política, que foram chamados pela imprensa de “carros de crítica”. PEREIRA (2004)



destaca que esses carros de crítica vão ser responsáveis ainda mais pela admiração que o público tinha pelas sociedades. O povo se divertiam com as sátiras políticas, a imprensa e os literários já não viam essas sociedades só como uma arma contra o entrudo, e sim como uma forma inteligente de brincar carnaval.

Entretanto, nem o sucesso das grandes sociedades foi capaz de fazê-las reinarem absolutas nas ruas nos dias de folias. O entrudo, por exemplo, continuava, apesar do esforço da imprensa em decretar o fim do jogo. Até meados da década de 1900, ainda era possível ver notícia de foliões brincando em jogar água um nos outros, como foi relatado no *Jornal do Brasil* no carnaval de 1903:

Ao meio dia, já era grande a concorrência na rua do Ouvidor e outras ruas da cidade. O thermometro da loucura pelo entrudo, não accusou siquer uma casa de menos columna do enthusiasmo... Imperou o delírio, tendo as honras do dia e da noite seringas de grandes proporções. (*Jornal do Brasil*, 24 de fevereiro de 1903, edição manhã, p.2)

O entrudo continuava, porém, parecia que essa brincadeira já não era a maior vilã do carnaval carioca para alguns jornalistas. Vale lembrar a queixa no início do capítulo feita pelo jornalista Júlio Peixoto, que lamenta que, em 1898, as grandes sociedades não reinavam sozinhas no carnaval carioca. É interessante notar, voltando na crônica de Julio Peixoto, os grupos citados pelo o autor, os cumcubis, que poderiam ser os carnavalescos ou até mesmo os cordões (devido as características parecidas e a não definição desses grupos por esse nome), e as Bahianinhas, que eram grupos de mulheres vestidas de baianas, muito comum nos grupos que seriam identificados como ranchos carnavalescos. O autor ainda cita o Cupido de Ouro, grupos contendo “alguma coisa- de Ouro” eram comuns nos cordões e nos ranchos, entre eles podemos citar os cordões Serpente de Ouro e o Índio de Ouro. Os cumcubis carnavalescos, os cordões e os ranchos são grupos que têm em comum uma forte presença de negros trazendo uma forte influência africana, seja pelas roupas e danças das baianinhas, ou pelos batuques e danças nos cordões e cucumbis, e são justamente esses grupos formados por maioria de negros que passam a incomodar parte da imprensa.

Arthur Azevedo em uma crônica no jornal *Correio da Manhã*, com o título *O Dominó Peitudo*, não esconde a sua repulsa pelos grupos e os cordões:

O pequeno e vulgarismo caso que vou contar, passou-se n'esta ex-muito ideal e heroica cidade há trinta annos, quando o carnaval do Rio de Janeiro gosava os restos de sua fama universal, e ainda não havia, felizmente para os nossos Paes, esses *grupos e cordões*, que dão hoje à nossa festa mais popular uma nota, assás lamentável, de

estupidez e semsaboria (AZEVEDO, O Dominó Peitudo, Correio da Manhã, 22 de fevereiro de 1903, p.1).

Esses grupos, trazendo elementos africanos, como dança, canto e batuque, e no caso dos cordões, fantasias não mais desejadas com a dos velhos e diabinhos que eram associadas aos capoeiras, e outras consideradas maltrapilhos como a do Pai João, estavam longe de apresentar o carnaval francês representado pelas grandes sociedades.

Mais uma vez, Arthur Azevedo mostra a sua reprovação aos grupos com elementos africanos, agora em 1904, pelo jornal O Paiz, o literário escreve:

O estrangeiro, que não conheça esta cidade e nella desembarque nun domingo gordo, pensará, talvez, que por engano veio para n'alguma terra dominada por selvagens africanos; e, se lhe disserem que não se enganou, que efectivamente é esta a capital da Republica dos Estados Unidos do Brazil, julgará ter havido uma invasão de bárbaros! O Carnaval, como hoje o temos, não é uma festa: é um tripudio, indigno da civilização americana ( AZEVEDO, O Carnaval, O Paiz, 15 de fevereiro de 1904) .

O mau humor do literário atinge também as grandes sociedades carnavalescas. Para ele, esses clubes utilizavam mulheres seminuas nos carros alegóricos escandalizando a sociedade carioca, chegando a classificá-las como meretrizes. A presença feminina nas *grandes sociedades* era marcante e pode ser verificada nas descrições que os jornais fazem dos seus desfiles, entretanto, não aparecem menções a mulheres seminuas.

O que deve ser levado em consideração é o sentido de seminuas para Azevedo para o padrão da época. Na verdade, ele não era contra as grandes sociedades, defendia a retirada das mulheres com “poucas roupas” dos desfiles, assim, essas sociedades fariam um carnaval digno de um país civilizado, e é claro, com o banimento dos grupos com influência africana.

Não é de se estranhar o comportamento de Arthur Azevedo. Como já foi dito, as grandes sociedades surgiram para representar um carnaval civilizado, baseado no carnaval francês, contra o entrudo considerado bárbaro. Apesar das proibições, o entrudo continuava, porém, com as novas formas de brincar carnaval. Sair fantasiados nas ruas e formar pequenos grupos carnavalescos eram outras alternativas de participação nas festas, diminuindo o jogo do entrudo nas ruas.

Entretanto, o que poderia parecer uma vitória, com o surgimento de outras brincadeiras de carnaval, e conseqüente à diminuição do entrudo, acaba incomodando às elites. As sociedades carnavalescas queriam ser absolutas nas ruas, o exemplo de carnaval civilizado, e os pequenos grupos de influência africana estavam longe de ser o carnaval europeu tão sonhado

por alguns. Pelo contrário, representava no final do século XIX e começo do XX aquilo que muitos queriam abominar.

Na mesma edição, da crônica do Arthur Azevedo, existe outra sobre os cordões, só que ao contrário de Azevedo, o cronista que assina como J. Reporter, faz uma defesa desses grupos, que já começa pelo título, Viva o cordão! Esses grupos são visto pelo cronista como representantes de uma festa popular, ao contrário das grandes sociedades que, com seus luxos e elegância, seriam representantes da aristocracia do carnaval. O jornalista defende que os cordões e as grandes sociedades, são duas formas legítimas de brincar carnaval, sendo que os cordões, são os verdadeiros representantes do povo:

O carnaval, sem os cordões, seria assim coisa artificial e fria como a inolvidável batalha de flores do campo de Sant'Anna. Graças aos cordões é a única festa popular; a única tradição que permanece viva, a única expansão de alegria da lama de conselheiro que esta população irritantemente melancólica, um arco Iris fulgurante, aberto de repente sobre a cinzenta monotonia da gravidade do rio.

Viva o Cordão!

( Viva o cordão! O Paiz, 15 de fevereiro de 1904)

A crônica vai além. Reclama dos cronistas que zombam desses grupos “O cordão devia ser, não o alvo da troça dos cronistas, mas o ponto de convergência de seus aplausos mais carinhosamente animadores” (Viva o Cordão! O Paiz 15 de fevereiro de 1904). O autor deixa aparecer que ele acha que os cordões fazem um carnaval simples e até confuso de entender, entretanto, isso não é problema, já que existe o carnaval luxuoso das sociedades e dos bailes com as suas fantasias caras, e mais uma vez mostra a defesa de várias formas de brincar nos dias de folia. O que o faz admirar nos cordões, é alegria dos participantes, que o contagia. Na visão do cronista, o carnaval é uma válvula de escape para os problemas do dia-dia, é a forma de escapar da tristeza de todo ano. O carnaval, como válvula de escape para esquecer os problemas do país, faz justamente alguns jornalistas vê-lo como uma forma legítima do povo se manifestar, e é isso que será usado na defesa dos cordões ou grupos por parte da imprensa.

Nota-se a diferença de tom utilizado por Artur Azevedo e Júlio Peixoto comparado ao cronista que assina como J.Reporter. Apesar dos três serem defensores das grandes sociedades e seus desfiles de luxo e elegância, os dois primeiros são implacáveis com os grupos de influência africanas, classificados por eles como selvagens, não digno da civilização. Isso mostra que o projeto civilizatório identificado nas grandes sociedades influencia a visão dos dois primeiros cronistas sobre o carnaval, já o terceiro defende os cordões como manifestação legítima de participar da festa. Vão ser esses dois tons diferentes de ver esses grupos que irão aparecer na imprensa.

Apesar dos exemplos citados como crítica negativa dos grupos de influências africanas terem sido tirados dos jornais<sup>38</sup>, esse tipo de linguagem não era comum nos diários, e quando aparecia, era nas revistas. Essas últimas usavam os adjetivos mais pejorativos para classificar esses grupos, como pode ser observado no artigo de Américo Fluminense para Revista Kosmos em 1907:

Enquanto assim corria o carnaval, os Cucumbis, como o Zé Pereira n'outro tempo, mudavam o aspecto dos folguedos, communicando a sua selvageria aos instintos rudes do povo. Dir-se-ia uma afinidade. Delles nasciam os cordões, esses horríveis, fétidos, bárbaros *cordões*, que dão ao nosso Carnaval de hoje algo de boçal e selvagem com a sua immutavel melopéa de adufes e pandeiros e a babugem desbocada de suas cantinelas.  
(AMERICO, Fluminense. O carnaval do Rio, Revista Kosmos, fevereiro de 1907).

O artigo fala dos antigos carnavais exaltando as grandes sociedades e a sua tentativa de acabar com entrudo, e faz uma crítica negativa às fantasias de diabinhos, da morte e dos morcegos associando aos capoeiras. O que chama atenção, já é a reprovação do cronista com aparição dos Cucumbis no carnaval, que daí sairia os cordões com seus adufes e pandeiros.

Os jornais quando queriam fazer críticas aos cordões, utilizavam a ironia, através de uma falsa tentativa de exaltação. Em 1906, a Gazeta de Notícias publicou uma crônica com o título Arte dos cordões, falando sobre os compositores dos versos cantados por esses grupos. O autor utiliza uma linguagem dando a impressão de exaltação dos compositores, por ele chamados de poetas, representante de uma poesia popular, os comparado com todos os poetas. No entanto, para o autor da crônica, os compositores dos cordões seriam melhores, já que saíam pelas ruas suados e tocando tamborim nos seus grupos para divertir o povo. Nota-se a fina ironia sempre que o autor tenta demonstrar uma situação de inveja dos poetas frente aos compositores dos cordões:

A verdade é que a alma do povo não se illude e os poetas dos cordões vibram mais na sua grande alma que os poetas nephelibatas, os que usam luneta e uma flor à lapella, e passam as tardes aos humbres das portas a fazerem de notabilidades perfeitamente anonyms e desconhecidas.  
( As artes nos cordões: A poesia. Gazeta de Notícias, 24 de fevereiro de 1906) .

Nesse caso os poetas teriam inveja dos compositores dos grupos por não terem o reconhecimento do público. Algumas vezes é difícil identificar se os jornais usam ironia, incentivo, ou uma forma de admiração nas descrições da passagem dos cordões carnavalescos,

---

<sup>38</sup> O texto de Julio Peixoto foi publicado pela Gazeta de Notícias em 1898,. O primeiro texto citado de Arthur Azevedo foi do Correio da Manhã em 1903, e o segundo de texto do Arthur Azevedo no Jornal O Paiz em 1904.

já que algumas expressões usadas podem ter duplo sentido, as mais usadas são “turma da Lyra”, “valentes foliões”, “os destemidos”, “endiabrados” e “rapaziada escovada”. Luiz Sergio Dias, no seu artigo *A turma da Lira*, explica que expressões como “povo da lira”, “povo sacudido” e “povo escovado”, foram denominações, e não se sabe por quem, “para designar grupos específicos de negros e mulatos capoeiristas e apreciadores, em muitos casos, de violão e de cantorias” (DIAS, 1997, p 331).

Não era de se estranhar que os jornais cariocas tenham mostrado certa preocupação no teor das críticas aos cordões. Primeiro como já foi citado, alguns jornalistas viam nos grupos com influências africanas, os representantes de um carnaval popular, como podemos ver novamente: “O valente pessoal do cordão, alma do carnaval nas ruas, já homtem fez proezas com seus retumbantes Zé Pereira, danças características e cantigas interessantíssimas” (*Correio da Manhã*, 25 de fevereiro de 1906, p.3). Além disso, existia uma relação mais próxima dos integrantes desses grupos com os jornalistas que cobriam o carnaval. Os grupos tentavam legitimar as suas presenças nas ruas com a tentativa de agradar os jornais. Como já foi ressaltado, os estandartes eram expostos nas redações:

Esteve lindamente attrahente até hontem a noite o nosso escriptório. Attrahente e lindo, porque nelle estiveram expostos os mais lindos estandartes, confexionados este anno para os grupos, clubs e sociedades carnavalescas, pouca distinção se pode fazer entre elles: eram todos dignos de grandes elogios. (*Gazeta de Notícias*, 1 de Março de 1908, p.5).

Nota-se, na citação anterior, que não eram só os cordões e os ranchos que deixavam seus estandartes nas redações dos jornais, outros grupos carnavalescos e as sociedades carnavalescas também faziam as suas exposições dos seus pavilhões nas redações das gazetas. A tentativa de legitimação dos seus desfiles era de todos os grupos carnavalescos. Um exemplo que podemos citar da preocupação em legitimar junto à imprensa é de um pedido de autorização ao chefe da polícia da cidade do Rio de Janeiro, em 1906, feito pelo grupo infantil *Lyra de Ouro da Terra Nova*<sup>39</sup>, recém formado, para o seu primeiro desfile e para poder levar seu estandarte para exposição nas redações dos jornais da capital (Arquivo Nacional, GIFL, 6C171).

Não se pode descartar, porém, que a exibição dos estandartes pode ter virado uma tradição entre os grupos e sociedades carnavalescas, já que a tentativa de legitimação começa

---

<sup>39</sup> O grupo infantil “Lyra de Ouro da Terra Nova” da freguesia de Inhaúma em seu pedido de autorização para desfilar no centro do Rio e expor seu estandarte nas redações dos jornais se denomina como cordão. Como não temos descrições desse grupo nos jornais, apesar de ter sido concedido a licença, não iremos classificar como cordão, já que vimos que cordão também pode ter o sentido de grupo para algumas pessoas.

com as primeiras sociedades carnavalescas seguido pelos primeiros grupos na segunda metade século XIX. Nesse caso, a exibição dos estandartes seguiria, ao mesmo tempo, a tentativa de legitimar um grupo e seguir uma tradição no carnaval do Rio de Janeiro, hipótese que achamos mais provável.

Além de noticiar a exposição dos estandartes de maneira generalizada, os jornais cariocas faziam descrições de alguns deles, sempre com elogios, como pode ser observado no *Jornal do Brasil*, na descrição do estandarte do cordão “Grêmio Carnavalesco Lyra dos Dous Diamantes” no carnaval de 1902:

Os incommensuráveis foliões da Lyra dos Dous Diamantes também vieram hontem, não menos garbosos que os outros, expor no escriptorio do *Jornal do Brasil* o seu riquíssimo estandarte.  
Sobre uma artística combinação de seda encarnada, branca e azul, vê-se um enorme globo e em cima deste um anjo, tocando uma trombeta, tendo na mão esquerda uma Lyra; nas extremidades notam-se de um lado um velho e do outro um palhaço. Todo o desenho é cercado de ramagens e o estandarte guarnecido de franjas prateadas. (*Jornal do Brasil*, 8 de fevereiro de 1902, edição manhã, p.3).

Quando não fazia as descrições, alguns jornais desenhavam os estandartes dos grupos carnavalescos<sup>40</sup>. O cordão “G C Lyra dos Dous Diamantes” além de deixar exposto o seu estandarte na redação do *Jornal do Brasil*, ainda fez uma música em homenagem ao diário:

O que linda noite, noite de luar.  
O ceo azul, azul como anil.  
Eu sou da Lyra, venho do Cattete.  
Cumprimentar o *Jornal do Brasil*.  
(*Jornal do Brasil*, 8 de fevereiro de 1902. edição manhã, p3)

Como vimos no primeiro capítulo, fazer música ou enviar cartões com versos para os jornais era comum entre os cordões e outros grupos carnavalescos, e a imprensa retribuía fazendo a transcrição na edição do dia seguinte. Os grupos também paravam na frente das redações para fazer as suas exibições, e alguns enviavam representantes para cumprimentar os jornalistas, e isso também era noticiado.

Outra fator que ajuda entender o interesse dos jornais, é o fato de que cordões, na década de 1900, dominavam o carnaval nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, isto é, não se podia ignorar a presença deles, e com as grandes sociedades desfilando na terça feira de carnaval, os cordões carnavalescos tornavam-se os protagonistas do carnaval nos dias

<sup>40</sup> Por exemplo, podemos citar a mesma edição do *Jornal do Brasil* que fez a descrição do estandarte do cordão “G.C Lyra dos Dous Diamantes” nas páginas 2 e 3 têm os desenhos dos estandartes dos grupos: Grêmio Carnavalesco Familiar Serpente de Ouro, Sociedade Carnavalescas Filhos do Botafogo, Gremio Carnavalescos Terror da Infância, Club Carnavalesco Amante da Pandega, Grêmio Carnavalesco Flor do Brilho.

anteriores<sup>41</sup>. E essa presença maciça dos cordões nas ruas acabava provocando reações adversas nos jornalistas como vimos, para alguns provocaram repulsa, para outros eram vistos como um verdadeiro carnaval popular. Para alguns defensores dos cordões, a presença desses grupos despertava um sentimento de espanto e admiração, como pode ser visto na crônica do jornal O Paiz, na edição de domingo no carnaval de 1908:

Lá surgem no fim da Avenida, sobresaindo a tudo, os fogos de bengala verdes o rubros dos bumbos e dos pandeiros.

E, como a onda, que quando se aproxima, mais deixa transparecer o rumor da sua queixa, assim o ruído aumenta, torna-se um baralho ensurdecador, e o cordão carnavalesco passa, triunfante, exibindo as suas cantigas exquisitas que falam de amor e de morenas e cantam as agruras do “Perdão, Emilia” e do “Vem cá Bitá”.

(O Paiz, 1 de março de 1908,p.2).

A presença de muitos cordões nas ruas também chama atenção do cronista:

Outro cordão passa, outro mais. E assim, sucessivamente, o Prazer da gloria, o Rei das Chamas, Os Cavalheiros da Lua de praia, o grupo do Chora, Na Rabuda, as morenas de Santo Christo, as Flores da Romã, as Filhas do Sol. E tantos outros, e uma infinidade de outros, passam, regrassam, volvem de novo, de novo, regressam, espalhando por toda a parte, pelas bocas dos cornetas e pelo chocalhar dos pandeiros, a gloria do Momo, o rei da pandega e da loucura.

( O Paiz, 1 de março de 1908, p.2)

Mais uma vez no trecho acima, o cronista mostra o seu espanto e admiração aos cordões carnavalescos, tanto pela quantidade de grupos, como também pelas suas apresentações.

O espaço que os jornais davam aos cordões carnavalescos incomodavam alguns jornalistas que não gostavam desses grupos. O cronista Delgado da revista Tagarela, no seu texto de 1904, reclamava desse espaço:

Nas vésperas e nos dias de carnaval, a imprensa publica, com figurinhas, em columnas e columnas, a noticia e a descripção das sociedades, clubs, grupos e cordões que deliciarão a gente d’ esta cidade ávida de divertimento.

A gente fica a pensar que será um encanto para os ouvidos e olhos o desfilar de todas essas aggremações, tanto mais quanto os nomes dos seus directores- Pafúncio Castanheira, presidente Joaquim Anzóes Pescaria, vice - presidente, etc – não deixam de ser publicados pelos noticiosos jornaes.

É uma decepção! Os cordões, na sua maioria, são marca de barbantes. ( DELGADO, Revista Tagarela, 18 de fevereiro de 1904 p.5)

---

<sup>41</sup> Como já foi dito outros grupos carnavalescos além dos cordões desfilavam nas ruas do centro do Rio de Janeiro. Ranchos, cordões e pequenas sociedades e uma variedade de grupos que não tiveram classificação definida estavam presentes no carnaval carioca. Entretanto, os cordões carnavalescos eram os grupos mais presentes no carnaval da cidade. No levantamento feito por Maria Clementina Pereira Cunha, a pesquisadora identificou entre 1901-1910, 189 cordões contra 98 ranchos, 36 sociedades e 167 grupos indeterminados. (CUNHA, 2001, p.163)

E no parágrafo seguinte, o cronista escreve o que pensava dos cordões:

Indivíduos sujos e maltrapilhos, tendo por fantasias saccos de aniagem ou fatos rotíssimos, e fazendo um barulho ensurdecedor a que o espírito está alheio, são os membros componentes desses cordões que muitas as vezes produzem enormes chavaris, facinorosos e terríveis. Não é de esperar outra coisa...  
Esses cordões, parece-nos, ao envez de virem para a rua, deveriam ir para praia...  
Seria até aceitável um termo.. de ficar em casa, para esses insípidos carnavalescos.  
E a polícia deverá assignar aqui, em público e raso, termo... de examinar melhor e mais escrupulosamente esses cordões, quando lhes concede a necessária licença.  
(DELGADO, Revista Tagarella, 18 de fevereiro de 1904, p.5).

Repare que as críticas ofensivas vão além dos aspectos culturais. É o grupo social que incomoda o cronista. Os integrantes dos cordões são vistos como perigosos e não dignos de saírem nas ruas do centro do Rio de Janeiro.

Entretanto, existiam aqueles que defendiam os cordões, no carnaval de 1902, o jornalista do Jornal do Brasil saiu em defesa dos integrantes do Grupo Carnavalesco Lyra do Estácio, que tinham sofrido repressão da polícia:

Este grupo, que apenas conta um mez de existência, apesar da violência que soffreu antehontem à noite pelo supplente da 7ª delegacia de polícia, não fez interrupção em seus folguedos carnavalescos. Os rapazes que formam o referido Grupo residem no Estacio, onde gozam a estima da vizinhança moradores naquelle bairro, devido a serem moços trabalhadores e ordeiros. (Jornal do Brasil, 9 de fevereiro de 1902, p.6).

Repare que o jornalista chama os integrantes dos grupos de pessoas honestas e trabalhadores. É claro que a nota pode ter sido uma reclamação do grupo ao jornal. E as palavras do jornalista podem não ter sido tão sinceras, porém, isso mostra o poder de diálogo que os cordões tinham com os jornais. A imprensa seria uma proteção contra os abusos policiais.

Se os cordões carnavalescos já eram uma marca do carnaval carioca e a sua presença não podia ser ignorada, era importante criar mecanismos para adequar esses grupos ao momento em que vivia a cidade. A Gazeta de Notícias, em 1906, organizou o primeiro concurso de cordões e grupos carnavalescos da cidade do Rio de Janeiro, chamado de “A Festa dos Cordões”, que foi realizado em frente à redação do jornal na rua do Ouvidor, na segunda de carnaval.



## 2.2 A Gazeta de Notícias e “A Festa dos Cordões”

O objetivo do concurso, segundo a própria Gazeta de Notícias, era disciplinar e melhorar a apresentação dos cordões e dos grupos carnavalescos, por meio de exaltação ao concurso e exagero dos elogios aos desfiles dos grupos, o jornal noticia o sucesso do concurso:

Foi realmente uma cousa inesperada e deslumbrante o que hontem se passou durante a tarde e a noite à porta da nossa redação. A idéa lançada pela *Gazeta de Notícias* de instituir um concurso annual para os cordões, para esses grupos numerosos e incansaveis que animam extraordinariamente o carnaval, sendo que elle começa no sábadado, à noite, até que o último grande club se recolha na madrugada de quarta-feira de cinzas, medrou definitivamente e pode-se considerar, depois que hontem vimos, que os cordões vão passar por uma phase de transformação completa, apresentando-se de ora em diante com desusado brilho e constituindo um carnaval originalíssimo e luxuosos, quase como os dos grandes clubs, que entretanto, ficavam, como até agora, com a primasia nas grandes luctas de Momo.  
(Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, p.1)

Interessante notar o argumento apresentado pela Gazeta para a organização do concurso, fazer as apresentações dos cordões tornarem em um desfile de luxo. Logicamente, os cordões estariam longe de fazer uma apresentação luxuosa, e dificilmente poderiam ser comparados aos grandes clubes, apesar do esforço dos jornalistas da Gazeta de Notícias em destacar a “riqueza” das fantasias de alguns grupos nos desfiles do dia do concurso, como pode ser visto na descrição do cordão S.D Amantes do Sereno:

Não negam nunca o seu bom gosto e chic, apresentou no Carnaval de 1906, ricamente fantasiada de indios e espirituosos palhaços, trazendo a frente um bellissimo estandarte, de setim, com as cores preto, verde e amarello, tendo ao centro bordado a seda frouxa uma Folia, vestida com as cores do estandarte.  
(Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, pg1)

Entretanto, se for levado em consideração um bom número de cordões que tiveram suas descrições feita pela Gazeta, a quantidade de destaque dos luxos das fantasias é muito pequena, considerando também que alguns desses elogios eram feitos para outros grupos que não eram cordões carnavalescos. Um deles que mereceu destaque foi o rancho Club Dançante Rosa Branca, até então chamado apenas de grupo pela imprensa:

Entraram na rua do Ouvidor dando a nota chic pelo seu garbo e pela riqueza dos vestuários. A frente bellissimo estandarte recortado, tendo pendido sobre o pavilhão uma pomba branca recamada de flores artificiaes, com as cores encarnado e verde; um pequeno carro representando uma rica corbeille de cores artífiaes; seguindo-se um índio montado num avestruz e vinte damas ricamente fantasiadas trazendo sobre as vestes blusas artificiaes. (Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, pg1) .

E a descrição continua destacando a saudação que o grupo fez a Gazeta:

Depois das saudações feitas a Gazeta entoaram as seguintes quadras, que cordialmente agradecemos:

Ao concurso da gazeta  
Viemos com lealdade ,  
Mas imploramos justiça  
Com toda a sinceridade.

Abram alas meus senhores  
Nos dêem passagem franca,  
Palmas, palmas, louvores  
A mimosa Rosa Branca

Aos Srs. Henrique Chaves  
Luiz de Castro e João do Rio  
Se apresenta a Rosa Branca  
Ao torneio em desafio  
(Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, pg1).

Nota-se que pela música<sup>42</sup> feita pelo Rosa Branca, que o concurso foi levado com seriedade por alguns grupos, e que isso pode ter incentivado o aprimoramento da qualidade das fantasias de alguns grupos carnavalescos, entretanto, considerar que os cordões passaram a apresentar um desfile luxuosos, parece ser um exagero. É possível que a Gazeta tenha usado esse discurso de elogios às fantasias para influenciar nas futuras apresentações dos cordões carnavalescos, mas a realidade era outra. Outros periódicos, Correio da Manhã, Jornal do Brasil e O Paiz, não adotavam o mesmo discurso. Neles os elogios aos cordões continuavam sendo relativos á alegria dos foliões, seguindo as mesmas expressões de carnavais passados, como “a alma do carnaval”, “rapaziadas alegres” entre outros incentivos.

A própria Gazeta mostrava que as fantasias luxuosas dos cordões ficavam no discurso ao divulgar os grupos carnavalescos vencedores do carnaval, na qual era como requisitos na avaliação, a riqueza e o luxo para o 1ª lugar, e originalidade para o 2ª lugar<sup>43</sup>. No primeiro concurso, o 1ª lugar ficou para o grupo infantil Destemidos da Infância do Livramento e o 2ª para a Papoula do Japão (Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1906, pg.1).

Nenhum dos dois grupos vencedores eram cordões carnavalescos. O grupo infantil Destemidos da Infância do Livramento veio com 4 integrantes tocando clarins abrindo o grupo, na qual segundo a Gazeta tocava “ deliciosas marchas” e em seguida vinha um pequeno carro

<sup>42</sup> A música cita João do Rio que era um dos redatores da Gazeta de Notícias, e participava do juri do concurso.

<sup>43</sup> O 1º colocado ganhava um estandarte do concurso, o 2º ganhava o estandarte escrito menção honrosa. Ainda foram distribuídos 10 coroas artísticas de flores, os vencedores seriam os que apresentassem com bom gosto e originalidade.

alegórico representando um leão de prata puxado por uma criança, e outro carro representando uma urna de prata, sendo esse puxado por bodes. O grupo terminava com um a banda de tambores, com seus integrantes vestidos de marinheiros. Já o segundo colocado, a Papoula do Japão veio com integrantes vestido com roupas características japonesas, fazendo parte do grupo homens, mulheres e crianças.

Até nos prêmios de consolação, dados aos grupos que apresentassem “ bom gosto e originalidade”, os cordões não conseguiam atingir a primeira colocação. O rancho Rosa Branca fica em 1ª lugar nessa categoria, sendo que o melhor cordão colocado ficou em 7ª lugar com o G.R Flor da Primavera. Nos outros anos não foi diferente, os cordões novamente ficavam fora das premiações principais. Em 1907, os três primeiro lugares ficaram com grupos infantis, o Infantes do Barroso em 1º com maior riqueza e luxo, apresentando 8 carros alegóricos (sendo que o 1º representava a imprensa)<sup>44</sup>, os Destemidos da Infância do Livramento ficou em segundo com luxo, apresentando um desfile com carros alegóricos, sendo que o 1ª carro também era em homenagem à imprensa, e em 3º, o Infante da Cidade Nova, com originalidade e encanto, que veio com vinte e oitos crianças, as meninas de dançarinas e os meninos de clowns ( Gazeta de Notícias 12 de fevereiro de 1907, pg.2). Já em 1908, os grupos infantis passaram a ter uma categoria própria, tendo como vencedor o Infantis Barão de S.Felix<sup>45</sup>. Nas outras categorias, o grupo C.C Luz do Povo<sup>46</sup>, com melhor fantasia e o rancho Ameno de Resedá ganhando na originalidade (Gazeta de Notícias, 3 de março de 1908, p.3).

Em 1909, o Club dos Chineses, formado por fantasias de roupas típicas da China foi o grande vencedor do concurso dos grupos (Gazeta de Notícias, 24 de fevereiro de 1909, p.2). Entretanto, pela primeira vez, a Gazeta ofereceu um prêmio extra para o grupo que tivesse a maior votação popular. O prêmio é uma taça de prata, e o concurso foi chamado de Taça da Folia. Dessa vez quem vence é o rancho Ameno de Resedá, com os Grupos dos Carecas ficando em segundo. O Club dos Chineses escolhido pelo júri da Gazeta como melhor grupo fica somente em quinto na votação, mais uma vez os cordões ficam de fora das primeiras colocações.

---

<sup>44</sup> A descrição do desfile do Infante de Barroso está na edição da Gazeta de Notícias de 13 de fevereiro de 1907, nas páginas 1 e 2.

<sup>45</sup> O grupo infantil Barão de S. Felix veio com uma banda de clarins e com a presença da banda da força policial, fantasiadas de dragão, acompanhado de carros com sócios do clube. Além disso, apresentava carros alegóricos, entre eles, a que representava a árvore do outono. ( Gazeta de Notícias, 3 de março de 1908,pg.2). Nota-se que esse grupo infantil segue o modelo das grandes sociedades.

<sup>46</sup> Infelizmente os jornais não trazem as descrições das fantasias utilizadas pelo grupo C. C Luz do Povo no carnaval de 1908, porém nesse ano a Gazeta Notícia noticiou que o grupo desfilou com 40 bumbos, 30 caixas e muitos clarins (Gazeta de Notícias, 19 de fevereiro de 1908,p.4). Já em 1907 a Gazeta noticia que o grupo veio com 4 clarins e vários bumbos e caixas com seus membros vestidos com camisa preta e encarnada e calça branca com uma faixa negra na cintura. Nessas descrições mostra a diferença do grupo em relação aos cordões, devido a presença de vários clarins, e de ausência fantasias características .

Completa a lista dos cinco primeiros o Chuveiro de Prata em terceiro e o Luz do povo em quarto (Gazeta de Notícias, 27 de fevereiro de 1909, p.1).

Se o concurso da Gazeta de Notícias tinha como objetivo a melhoria estética dos cordões, como alega o próprio jornal, e com isso tornaria esse grupo mais aceito pelas elites econômica e intelectual, acaba tendo um efeito inverso. No primeiro momento, a Gazeta de Notícias passa a destacar mais os cordões carnavalescos, as descrições dos desfiles desse grupo passam a ser mais detalhados, se antes restringiam praticamente aos incentivos como “boa rapaziada”, “alegres foliões” entre outros do tipo, agora a Gazeta, por conta do concurso, passa a descrever com mais detalhes os tipos de fantasias do grupo, além de divulgar as suas cores sociais, que correspondiam a do estandarte do ano<sup>47</sup>. Dias antes do carnaval, eram publicadas matérias sobre os preparativos dos cordões<sup>48</sup>, que vinham acompanhadas de informações como a localização da sede e o dia da fundação. Os jornalistas da Gazeta iam às sedes dos cordões e, às vezes, faziam descrições dos seus ensaios, com riqueza de detalhes, como pode ser visto na visita que o jornal fez ao cordão Filhos da Lyra, em 1906:

Dous selvicolas, de tribus inimigas, encontram-se e batem-se peito a peito com a coragem e a lealdade dos nossos aborígenes.

Vislumbram um o rival e logo o silvo agudo se ouve, denunciador de lucta que começa. O atacado enfrenta-o silvando também. Os dous ensaima os primeiros passos, numa dansa estranha. As flechas se cruzam depois, riscando o espaço. Os dous corpos avança,, para depois evitar-se, colleando como serpentes.

Afinal tomba um, fundamente ferido emquanto o outro, com movimentos garciosos, adeja sobre o corpo do vencido, já impellido pela piedade. Approxima-se, até se juntarem as epidermes dos dous rostos, como verificar se o ferimento tornara cadáver o rival. Eis que, porém, se ergue o vencido, refeito do assalto, e se agita e move, acommettendo o vencedor. É a desforra. A lucta, ahi, tem meneios que fariam honra ás mais desenvoltas dansarinas.

E, quando o segundo índio consegue um golpe mais certo, o inimigo se aguacha, como humilhado, eo vulto do outro cresce e se agiganta, dominando-o e agitando o arco em signal de vindcta.

A repulsa é igualmente vigorosa e termina pela queda do primeiro, enquanto os seus filhos da Lyra erguem às alturas os seus cantigos de amor.

A lucta vai recommear ainda, mas um terceiro interpõe o seu corpo, dando fim ás hostilidades.Os dous aborígenes confraternisam por fim e partem, irmanados, sempre ao som do rufar de pandeiros.

Bravissimo.

(Gazeta de Notícias, 25 de fevereiro de 1906, p6)

<sup>47</sup> Alguns cordões colocavam em seus estatutos que as cores das fantasias tinham que seguir a do estandarte. Um exemplo é o estatuto de 1906, do cordão Gremio Carnavalesco Engenho Velho, que foi entregue para chefia de polícia como um dos documentos necessários para poder funcionar durante o ano de 1906. No capítulo 1, artigo 6 e parágrafo 2<sup>a</sup> o texto era: “as cores das phantasias deverão ser a do estandarte e os sócios tem de trazerem um distinctivo em forma de laço”. (Arquivo Nacional, GIF1, 6C171)

<sup>48</sup> Não só dos cordões carnavalescos recebiam a visita, outros grupos como os ranchos também recebiam. Entretanto a maioria das visitas foi na sede dos cordões.

Observa-se que o jornalista mostra uma mistura de espanto e admiração. O repórter também fez a transcrição dos versos que o cordão iria apresentar no carnaval.

A Gazeta sempre destacava a melhoria das fantasias dos cordões, como pode ser visto no trecho abaixo:

A chamada “festa dos cordões” já entrou definitivamente nas tradições carnavalescas do rio. Depois que a intruímos, quase desapareceram os antigos cordões para se transformarem em vistosos grupos dignos de figurar no mais civilizado carnaval. (Gazeta de Notícias, 3 de março de 1908,p1).

Entretanto, os cordões nunca ficavam nas primeiras colocações, e o que era para ser a confirmação do protagonismo dos cordões no carnaval carioca, acaba tendo o sentido inverso. Como já foi visto na música do rancho Rosa Branca no concurso de 1906, alguns grupos carnavalescos passaram não só a se preocupar para desfilar mais também para competir.

Se os cordões não atendiam às expectativas da imprensa de um carnaval mais rico, ou pelo menos com outros tipos de fantasias, e a sua presença era inevitável, a imprensa busca uma alternativa em outro grupo com influência africana, os ranchos carnavalescos.

### 2.3. Cordões e ranchos carnavalescos

Da mesma forma que os cordões, os ranchos tinham no que diz respeito a seus componentes a mesma origem social. Para Maria Clementina Cunha “recrutados nos morros, subúrbios e arrabaldes ou entre profissões braçais” (CUNHA, 2001, p.153). Entretanto, as características de apresentação do grupo no carnaval carioca eram bem diferentes. A presença feminina nos ranchos era uma marca, as chamadas pastorinhas vinham cantando melodias suaves, como foi destacado pelo Jornal do Brasil na passagem do rancho Triumpho da Camélia no carnaval de 1907: “Um bando de gentis mulatinhas com camélias, tesoura, regador e flores, a dansar uns maxixes de massadas, com uma canção suave e melodiosa” (Jornal do Brasil, 11 de fevereiro de 1907). Além disso, em vez dos tambores que tanto infernizavam alguns críticos dos cordões, os ranchos vinham com instrumentos de cordas, como violão e cavaquinhos, e de sopro (CUNHA, 2001, p.153).

Se, no começo da década de 1900, a imprensa não diferenciava os cordões dos ranchos, e tudo entrava na categoria cordão, a partir da segunda metade dessa década essa diferenciação começa ser feita, principalmente de 1908 em diante, a presença dos ranchos era

sempre descritas com elogios carinhosos. No carnaval de 1909, o Jornal do Brasil noticia assim a passagem do rancho Pavão de Ouro:

E o gracioso e mimoso rancho Pavão de Ouro? Referimos-nos ao grande bando de mulatinhas, salerosas e afinadinhas que cantavam uma melopéa enternecedora e logo se foram, ciosas de si próprias, a deliciar o povo por essas ruas afora a receber palmas, muitas palmas.  
(Jornal do Brasil, 21 de fevereiro de 1909, p.4).

É claro que a presença feminina com cantigas suaves acaba despertando o romantismo do repórter, porém, essa característica suave dos ranchos passa a contrapor os desfiles “selvagens dos cordões”, assim chamados pelos seus críticos. A Gazeta que começava em 1906 destacar mais os cordões carnavalescos, passa também, principalmente a partir de 1908, a destacar os ranchos carnavalescos, e esses grupos, começam a dividir espaço com os cordões carnavalescos nas descrições dos seus desfiles.

No começo da década de 1910, os ranchos passam a ter um espaço maior que os cordões nos jornais nas suas apresentações nos dias de carnaval. Se na segunda metade da década de 1900 os jornais davam mais detalhes sobre as apresentações dos cordões carnavalescos, mostrando, por exemplo, os tipos de fantasias, a partir de 1911, isso vai diminuindo, voltando novamente às velhas expressões de incentivos como “valentes foliões” e “rapaziada boa”.

Já os ranchos, chamados por boa parte da imprensa assim, começam a ganhar mais destaques, sendo que entre eles o que mais destacava era o rancho Sociedade Dançante Carnavalesca Ameno de Resedá<sup>49</sup>, do bairro Catete. Como já foi visto esse rancho ganha em 1908 o prêmio da Gazeta de originalidade, em 1909 é novamente vencedor agora na categoria ranchos e cordões, pelo seu bom gosto nas fantasias (Gazeta de Notícias, 29 de fevereiro de 1909, pg.7). Em 1910 é o grande vencedor do concurso da Gazeta, dado pelos jurados. Em 1911 o Ameno de Resedá fica novamente em primeiro lugar pelo júri da Gazeta, ficando em segundo outro rancho, a Sociedade Dançante Flor do Abacate.

Em 1911, o vencedor do concurso da Gazeta, o Ameno de Resedá, vem como tema de desfile “A Corte de Averno”, isto é, uma representação de como seria uma corte no inferno. A Gazeta de Notícias traz com detalhes a apresentação do desfile do Ameno de Resedá, não escondendo a sua admiração. A empolgação era tão grande que a Gazeta utiliza o termo de

---

<sup>49</sup> A Sociedade Dançante Carnavalesca Ameno de Resedá tem como data de sua fundação 17 de fevereiro de 1907 (Gazeta de Notícias, 25 de fevereiro de 1911, p.5)

“escola rancho” para o Ameno de Resedá. A música feita para o desfile tinha título que chamava Caverna Negra, por ser extenso colocaremos aqui apenas um trecho<sup>50</sup>:

A caverna negra  
Em chamma se abriu  
Porque um seu filho  
Do inferno fugiu

E Belzebuth  
Magoado está  
Quem trahiu Zelu (Gazeta de Notícias de 28 de fevereiro de 1911 p. 2).

Cada trecho da música era continuação da parte anterior formando uma encenação, já aí mostra a diferenciação das músicas em relação aos cordões. As fantasias eram todas representando o tema, tinha o Rei da corte de Belzebuth, o bobo do corte, a rainha, a princesa segurando o estandarte do grupo, o príncipe, filhos dos Belzebuth, a bruxa da corte, e uma variedade de fantasias. A Gazeta fazia questão de destacar a riqueza das fantasias.

O prestígio dos ranchos no carnaval como festa popular substituindo os cordões que tinha esse título, crescia tanto que os ranchos S.D.C Ameno de Resedá e S.D Flor do Abacate foram convidados para se apresentarem para o Presidente da República do Brasil Marechal Hermes em 1911, o primeiro a visitar o Presidente foi o Ameno de Resedá:

O Ameno de Resedá foi no domingo gordo saudar o Sr. Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República, em sua residência particular, à rua Guanabara. S. Ex. recebeu os renomados carnavalescos com a maior satisfação. Offerecendo-lhes cerveja, vinhos, licores, refrescos e doces. (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1911, pg. 4).

Curiosamente o Ameno de Resedá, como já foi citado, teve como tema “A corte de Aveno”, o grupo não mudou sua apresentação para o Presidente, e sem nenhum constrangimento cantava:

Salve! O rei do inferno!  
É o nosso Belzebuth  
É o mais pyramidal  
É pae de Zeló (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1911, pg. 4).

---

<sup>50</sup> A música completa e toda descrição do desfile pode ser conferido na edição da Gazeta de Notícias de 28 de fevereiro de 1911 na página 2.

Ao que parece, a saudação ao Rei do inferno não incomodou ao Presidente. O Ameno de Resedá agradeceu tanto que o convite foi estendido para o rancho Flor do Abacate:

Às 7 horas da noite, a Sociedade Flor do Abacate recebeu do Sr. Marechal Hermes da Fonseca honroso convite para exhibir, com sua pompa de sempre, no Palácio Guanabara.

Foi portador do referido convite o 3º sargento Antonio Francisco d Rezende, que foi recebido por toda a Flor do abacate, a qual, attendendo promptamente seguia em demanda ao palácio, entre vivas e aclamações.

Decididamente, os ranchos vão de vento e popa (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1911, pg. 4).

Nota-se a empolgação do jornalista com o crescimento dos ranchos no carnaval carioca. Esses grupos agora passam a ser a alma do carnaval popular, e a saída dos cordões era seguir o modelo e transformar em ranchos. A imprensa incentivava os cordões a mudarem de estilo, com a exaltação aos ranchos, “Os ranchos carnavalescos são estas bellas sociedades, que, com luxo e esplendor vão aos grupos substituíndo os antigos cordões, que imperceptivelmente estão adherindo à ideia do S. Hilário Joviano o introductor deste uso bahiano no Rio de Janeiro” (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1911, pg.4). Observa-se que o cronista busca a origem dos ranchos carnavalescos nos ranchos bahianos, provavelmente devido a sua semelhança. O jornalista vai além, para ele em pouco tempo todos os cordões serão se transformado em ranchos, “O que é verdade, o que já estamos vendo é que daqui a uns cinco annos todos esses cordões estarão transformados em ranchos, dando assim outra feição e maior deslumbramento ao carnaval carioca” (Jornal do Brasil, 28 de fevereiro de 1911, pg. 4).

Para afirmar que os cordões estavam virando ranchos precisaríamos avançar na nossa pesquisa nos jornais fazendo um comparativo com os desfiles dos grupos identificados como cordões na década de 1900 com as apresentações na década 1910, o que extrapola o período de pesquisa do trabalho. Contudo, como já foi dito, os cordões começam a perder espaço na imprensa já no final da década de 1900, e com o crescimento dos ranchos, os cordões vão desaparecendo aos poucos nos jornais já no início na década de 1910, ficando difícil essa comparação.

É importante assinalar que alguns autores, CUNHA (2001) e FERREIRA (2004) (2005), descartam a ideia de que os ranchos seriam a evolução dos cordões, tese defendida por MORAES (1958). Vimos que, no começo da década de 1900, grupos com grande presença de negros e com influência africana eram colocados na mesma categoria, a dos cordões, e que isso vai mudando só na metade da década, havendo a separação entre ranchos e os cordões. Os componentes dos dois grupos carnavalescos continuam sendo, contudo, a mesma origem,



maioria negra vindo dos morros, subúrbios e arredores do centro Rio. Com isso não é difícil de imaginar que, no pensamento dos jornalistas, os cordões iam se transformando em ranchos, já que para eles, todos eram uma coisa só, traçando aí uma escala evolutiva.

Apesar da imprensa já deixar mais nítido a separação entre ranchos e cordões, principalmente na década de 1910, alguns jornalistas ainda tinham alguma dificuldade de fazer essa separação. No carnaval de 1911, o jornal O Paiz descreve assim a passagem do grupo Prazer do Castello:

Com um lindo estandarte passou hontem, em frente à nossa sala de trabalho, o pessoal escovado do Prazer do Castello.

Um grupo de índios servia como comissão de vanguarda e logo após, seguiam-se os “velhos”, os reis dos morcegos, os palhaços e um grande número de foliões vestidos com as cores do rancho.

O resultado da passeata, nem se pergunta: um brilharéco.  
(Jornal O Paiz, 28 de fevereiro de 1911, pg. 2).

Observa-se que as características do grupo são típicas de um cordão carnavalesco, porém, o jornalista chama esse grupo de rancho, mostrando que ainda, para ele, não estava nítida a separação entre rancho e cordão. Essa confusão ajuda entender esse conceito usado de “evolução” no carnaval carioca.

Observa-se que as características do grupo são típicas de um cordão carnavalesco, porém, o jornalista chama esse grupo de rancho, mostrando que ainda, para ele, não estava nítida a separação entre rancho e cordão. Essa confusão ajuda entender esse conceito usado de “evolução” no carnaval carioca.

Um exemplo de dificuldade que existia para diferenciar os ranchos dos cordões, envolve uma música de 1899 (ALENCAR, 1979, p.84) de autoria de Chiquinha Gonzaga, chamada Ó Abre Alas:

Ó abre – alas  
Que quero passar  
Eu sou da Lira  
Não posso negar

Ó abre – alas  
Que eu quero passar  
Rosa de Ouro  
É que vai ganhar

Edigar de Alencar, na sua obra, *O carnaval carioca através da música*, de 1979, defende que a canção foi feita para o cordão Rosa Branca. Sem saber muito bem o motivo da composição, o autor escreve:

Chiquinha Gonzaga, ao que parece a pedido de elementos do Cordão Rosa de Ouro, lança uma composição despreziosa, uma delícia marcha rancho, que seria sucesso em 1889 e a primeira composição especialmente escrita para o carnaval do Rio. A marchinha criaria um gênero e se transformaria um clássico do cancionário do Brasil- Ó abre- Alas. (ALENCAR, 1979, p.84-85).

O livro de Alencar é de 1979, e mesmo depois de tanto tempo do surgimento da música, o autor atribuía a homenagem da canção a um cordão carnavalesco. Na verdade o grupo Rosa Branca era um rancho, como podemos ver na descrição feita pelo *Jornal do Brasil* na passagem do grupo em frente a redação do jornal no carnaval de 1900: “Bahianas gentis e guapas bahianas, a dansar o samba corrector da Lyra”. (*Jornal do Brasil*, 28 de fevereiro de 1900, p.2). Baianas ou pastorinhas eram típicas dos ranchos carnavalescos. Vale lembrar também da citação que fizemos da passagem do Rosa Branca no carnaval de 1906<sup>51</sup>. O Rosa Branca veio com um pequeno carro alegórico. Muitos ranchos também tinham essas características, desfilavam com pequenos carros alegóricos puxados por carneiros ou bodes. Isso mostra a confusão para entender que os ranchos e cordões eram duas formas diferentes de brincar. E quando os jornalistas começavam perceber a diferença, atribuía que uma era a evolução de outra.

Por outro lado, não se pode descartar que alguns cordões carnavalescos tenham mudado de estilo e se transformado em rancho. Um exemplo é o do grupo Sociedade Carnavalesca Chuveiro de Prata, do bairro de Botafogo, fundado em 1900<sup>52</sup>. Em sua apresentação no carnaval de abril de 1912<sup>53</sup>, o *Jornal do Brasil*, elogiou atitude do grupo em trocar os instrumentos de “pancadaria”, por uma orquestra, isto é, passar a utilizar os instrumentos usados nos ranchos carnavalescos, do tipo de cordas e sopro. Elogiou também a mudança da música do grupo que deixava de cantar as chulas e cândidos, que segundo o jornalista eram banais, para cantar melodias com poesia e beleza, passando a destacar que “ao lado dos demais ranchos, o Chuveiro de Prata, passou a ocupar lugar distinto, em perfeito destaque” (*Jornal do Brasil*, 9 de abril de 1912, p.5).

<sup>51</sup> Ver a página 57-58 do trabalho.

<sup>52</sup> Sociedade Carnavalesca Chuveiro de Prata foi fundado em março de 1900, no bairro de Botafogo ( *Gazeta de Notícias*, 23 de janeiro de 1907, p.3)

<sup>53</sup> Ver a explicação do motivo que o Rio de Janeiro teve dois carnavais ( fevereiro e abril) em 1912 na página 13 do trabalho.

O Chuveiro de Prata realmente era um cordão carnavalesco, analisando o seu desfile no carnaval de 1907, noticiado pela Gazeta de Notícias, fica claro isso, “a frente do cordão o Chuveiro traz sempre grande bando de rainhas, de diabos e grande números de caboclos” (Gazeta de Notícias, 23 de janeiro de 1907, pg.2).

O exemplo do Chuveiro de Prata serve para não descartar que alguns grupos podem ter se transformado em ranchos, porém, por ter verificado apenas esse exemplo, apesar do período curto de pesquisa na década de 1910, e tendo como base as pesquisas mais atuais, (FERREIRA (2004) (2005) CUNHA (2001), não iremos trabalhar com a hipótese que a maioria dos cordões se transformou em ranchos, e com isso, descartamos o conceito de evolução do carnaval.

Vários fatores, a nosso entender, contribuíram para a diminuição dos cordões carnavalescos já na década de 1910. Uma delas é a exaltação que os ranchos recebiam pela imprensa, ganhando o espaço que outrora era dos cordões nas descrições dos desfiles. A campanha dos jornais, divulgando a transformação dos cordões em ranchos sempre aliando isso a melhoria do carnaval, também é um fator de influência. A primeira colocação dos ranchos nos concursos da Gazeta também é outro fator, e o surgimento dos ranchos Ameno de Resedá e Flor do Abacate tão exaltados na imprensa por suas inovações, trazendo enredo contado pelas músicas e fantasias, acaba impressionando e trazendo admiração dos moradores dos morros e subúrbios. Também tem a forte presença feminina nos ranchos, incentivando as mulheres a se interessar em entrar nesses grupos, por isso não é de se estranhar os números de ranchos que surgem na década de 1910.

A presença feminina, o apoio e campanha da imprensa, o fascínio pelo Ameno de Resedá e Flor do Abacate, o convívio social com os integrantes dos grupos, sem dúvida, serviram de atração para que jovens foliões vissem e identificassem nos ranchos uma boa brincadeira de participar diretamente do carnaval carioca.

Existe ainda um outro fator que contribuiu para a diminuição dos cordões na década de 1910: a perseguição das autoridades policiais.

## 2.4 Os cordões e o chefe de Polícia Alfredo Pinto Vieira

Apesar dos números de licenças serem bastante altos para os cordões carnavalescos desfilarem no carnaval na década de 1900, e isso pode ser conferido na imprensa, na lista que

elas divulgavam na sexta e sábado que antecedia o carnaval<sup>54</sup>, algumas medidas tomadas pela chefia de polícia do Rio de Janeiro a partir de 1908, comandada pelo Alfredo Pinto Vieira de Mello<sup>55</sup>, tinham uma nítida intenção em atingir os cordões carnavalescos.

A primeira dessas medidas foi à proibição dos apitos nos desfiles nos grupos carnavalescos. Os apitos eram típicos nos cordões. Eram usados pelos fantasiados de índios para abrir o grupo ou como encenação de um conflito entre dois índios, como vimos na descrição que o jornalista Gazeta fez ao cordão Filhos da Lyra no carnaval de 1906. A Gazeta de Notícias, que promovia o concurso dos cordões, chegou a sair em defesa desses grupos, elaborando uma crítica dura, ridicularizando o prefeito e o chefe de polícia:

Decididamente o carnaval é o bicho mais resistente de que há noção no mundo desde o período da pedra lascada. Imaginem o prefeito desta cidade e o respeitável Dr. Alfredo Pinto, chefe de polícia, ambos dispostos a acabar com elle. Quem duvidaria da sua morte? Os dous chefes, ambos de óculos, um com os vidros myope, que exaggeram os tamanhos, outro como os vidros pretos, que escurecem tudo- de collaboração para matar a alegria! Como resistir? (Gazeta de Notícias, 29 de fevereiro de 1908, pg1).

A alegação usada pelo chefe de polícia para a proibição do apito, segundo a própria Gazeta, era de que nos cordões o apito confundiria com os apitos de pedidos de socorros. A Gazeta não acreditava nessa justificativa, para o jornal, a proibição dos apitos era para prejudicar os cordões:

Nunca se confundiu, não foi possível, nunca jamais, em tempo algum confundir um apito alarmante, insistente, com um apito de cordão.  
A questão não é do instrumento, é de que toca. Por esse processo, a Prefeitura e a Polícia podiam com toda razão estabelecer um imposto colossal sobre o plano, porque alguns desses instrumentos não são pianos, são realmente instrumentos de supplicio.  
Mas o caso não era para isso, era para atrapalhar, para estorvar, para manietar o movimento dos cordões. (Gazeta de Notícias, 29 de fevereiro de 1908, pg.1)

A Gazeta tocou no ponto importante, o problema não era o apito, e sim quem o usava. Infelizmente, a imprensa não entra mais em detalhes e não sabemos se a ordem foi colocada em prática, porém, acreditamos que a orientação da proibição do apito tenha continuado já que, em

<sup>54</sup> O carnaval oficialmente começava aos domingos, entretanto os grupos carnavalescos iam buscar os seus estandartes que ficavam expostos nas redações dos jornais no sábado. A retirada desses estandartes era acompanhada por todos os membros dos grupos, com batucadas e fantasias transformando o sábado em mais um dia de carnaval.

<sup>55</sup> Alfredo Pinto Vieira de Melo foi nomeado chefe de polícia do Rio de Janeiro pelo presidente Afonso Pena, ficando no cargo de novembro 1906 até junho 1909. Foi nomeado ministro da justiça no governo do presidente Epitácio Pessoa em 1919. Em 1921 foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Eleitoral. <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=197>

1911, o Jornal do Brasil, divulga uma circular com orientações da chefia de polícia para os policiais oficiais, inferiores e praças. No seu artigo 15º consta a proibição do apito:

Art. 15 – Não permitir o uso de apitos por “cordões” e grupos carnavalescos ou mascaradas avulsos, apreendendo esses apitos e entregando-as à autoridade. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1911, p.7).

É interessante notar o destaque que a palavra “cordões” recebeu no artigo, mostrando que esses grupos eram os grandes alvos da fiscalização.

Os cordões não ficavam alheios das discussões, e nesses conflitos procuravam mecanismos para dialogarem com as autoridades policiais. Na visita que o Jornal do Brasil fez a sede do cordão Gremio Carnavalescos Filhos do Chuveiro de Ouro, nos preparativos para o carnaval de 1908, mostra através da descrição da música, que o grupo tinha uma letra em homenagem ao chefe de polícia Alfredo Pinto:

Tres meninas acompanham  
Nossas lutas a reverencia  
Ao Dr chefe de polícia  
Fazem a sua continência. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1908, p.4)

A mensagem tinha que ter um interlocutor, no caso a imprensa. Na continuação da música, uma homenagem ao jornal do Brasil:

Viva o Jornal do Brasil  
Viva a Imprensa imparcial  
Viva a família operária  
Viva o Deus do carnaval. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1908, p.4)

Agradar a imprensa era a certeza que a homenagem chegaria ao chefe de polícia Alfredo Pinto. Na música, o cordão fez questão de ressaltar, que era formado de trabalhadores.

Em outra medida, o chefe de polícia Alfredo Pinto Vieira, em 4 de janeiro de 1909, envia uma circular para os delegados da cidade do Rio de Janeiro, pedindo mais rigor na investigação dos membros pertencentes aos grupos carnavalescos, principalmente aos cordões, para a concessão de licença de funcionamento dos grupos carnavalescos durante o ano e nas saídas nos dias de carnaval:

Recomendo –vos que tenha mais severo escrúpulo nas informações necessária a concessão de licenças para o funcionamento de clubs em geral ou de sociedade e grupos carnavalescos que pretendam sahir nos dias destinados a taes folguedos, convicto que, os denominados cordões, sejam compostos de pessoas sem profissão

conhecida e que os requerentes, assignem termo de responsabilidade nessa delegacia. (Arquivo Nacional, GIF, 6C251)

Reparem mais uma vez atenção especial em relação aos cordões. Nessa mesma circular, aparece uma proibição, e, agora sim, diretamente aos cordões, que é da fantasia de índios, como justificativa de serem provocadores de brigas:

Devereis também declarar formalmente aos ditos requerentes que resolvi proibir a exibição nesses cordões de indivíduos fantasiados de índios, as quais são, quasi sempre, os promotores de desordem e de acidentes na via pública. (Arquivo Nacional, GIF, 6C251).

É interessante notar a proibição das fantasias de índios, já que os cordões carnavalescos vinham com variedades de fantasias, entretanto, como vimos, *índios* e *velhos* tinham um papel importante nos cordões. Eles vinham puxando os grupos, e, em muitos cordões, os índios faziam parte da coreografia de apresentação do grupo. Mais uma vez, o chefe de polícia tenta atingir diretamente uma das características importantes dos cordões, as fantasias de índios.

A circular é datada em 4 de janeiro. No dia 6 do mesmo mês, a Gazeta de Notícias questiona a validade da proibição, na coluna chamada “Aqui..”, o cronista cita o artigo 72 da constituição para questionar a arbitrariedade da lei:

Lá está no art.72 que ninguém é obrigado a fazer nem deixar de fazer sinão o que for determinando por lei. Por isso, não é licito matar ninguém – pois que há uma lei que o proíbe – mas é perfeitamente permitido sair, no carnaval (e até, penso eu, em qualquer tempo) vestido de índio. De índio ou de outra couza, que não seja indecente. (Gazeta de Notícias, 6 de janeiro de 1909, p.1)

Observa-se que o cronista interpretava que o chefe de polícia tinha proibido a fantasia por achar indecente. O jornalista questiona o motivo de justamente a fantasia de índio ter sido proibida entre tantas que existentes, e ainda faz uma defesa que ela era a única que ele achava engraçada. Questiona também o perigo dessa medida, já que abria caminho para a proibição de outras.

No dia 9 de janeiro, o Jornal do Brasil, através de uma charge, ironiza a decisão da proibição da fantasia de índio. Na charge em questão, um policial comunica ao chefe de polícia Alfredo Pinto que um índio queria falar com ele. O chefe manda prendê-lo imediatamente, entretanto, o índio, na verdade, tratava-se do Senador Índio do Brasil perguntando se podia sair à rua. (Jornal do Brasil, 9 de janeiro de 1909, p.1).

A imprensa tratou a proibição das fantasias de índios com uma medida arbitrária. Ao que tudo indica, tanto a imprensa quanto a população, tentaram no período, entender os motivos da proibição, que conseguiu desagradar muitas pessoas. O Correio da Manhã, em uma pequena nota chamada “os índios e a polícia”, questionava que muito se falava da proibição só que sabia pouco sobre ela, e destacava que o jornal vinha recebendo dezenas de reclamações, reprovando a proibição. Entretanto, vai ser a mesma edição do Correio da Manhã, que começa a entender melhor o motivo da proibição. O periódico defende que algumas pessoas fantasiadas de índio vinham provocando excessos no carnaval carioca e as autoridades deveriam tomar algumas medidas restritivas. A primeira sugerida pelo jornal, era a proibição de usos de animais selvagens, como cobras e camaleões, que para o jornal colocava em perigo a população, já que qualquer pessoa poderia ser picada. Outra seria a proibição no excesso da fantasia, que poderia permitir esconder armas do tipo faca e canivete, e até revólveres. Entretanto, o jornal faz um apelo ao chefe de polícia, aplicando essas restrições, a fantasia de índio poderia ser liberada:

Pois bem, consinta o dr. Alfredo Pinto no livre transito dos índios, com a condição de que elles trarão apenas como arma e como emblema um frágil arco de canna, que não sirva para dar pancada em ninguem e algumas flechas de ... flechas adornadas com as pennas dos inditosos perús que os nossos “ maitre d’ hotel” nos forem servido assado daqui até o próximo carnaval. ( Correio da Manhã, 10 de janeiro de 1909, p4).

O artigo defende também a proibição dos apitos, considerados irritantes, além dos passos e letras de capoeira. Nesse caso, era nítida a ligação dos capoeiras com a bandidagem. Nota-se que algumas dessas medidas que o Correio da Manhã propõe atingem diretamente os cordões carnavalescos, como a proibição do apito e de animais comuns nos índios dos cordões, além da preocupação com o excesso de fantasia que poderia esconder armas, ligando aos capoeiras. Como já foi visto, muitas vezes, os integrantes dos cordões eram associados aos capoeiras. Na verdade, o Correio da Manhã, não defendia a exclusão dos cordões carnavalescos, entretanto, como já foi dito, os jornais entraram em campanha para tentar “civilizar” esses grupos. Inclusive esse periódico, tinha um concurso popular, juntamente com a loja de venda de tecidos e fantasias de carnaval, A Fortuna, para eleger o melhor estandarte entre os cordões e ranchos carnavalescos que ficavam expostos na redação.

Diante da repercussão negativa e pressão da imprensa, o chefe de polícia da Cidade do Rio de Janeiro, volta atrás de sua proibição, e permite a saída das fantasias de índios. No dia 26 de janeiro, o Jornal do Brasil noticia que o chefe de polícia em reunião com o Sr. J. dos Santos Guimarães, o Sr. Pereira Braga e o Sr Alfredo Macedo, não impediria a saída de pessoas fantasiadas de índio. Infelizmente, não sabemos que eram os dois últimos presentes na reunião,

porém, o Sr J. dos Santos Guimarães, era dono da loja A Fortuna, como já foi dito, casa especializada em artigo de carnaval. Isso mostra que o questionamento da proibição da fantasia de índios desagradou muitas pessoas, seja por sentir o direito violado, ou por interesses comerciais. A alegação do chefe de polícia era que a proibição tinha como objetivo manter a ordem pública, devido ao perigo que alguns fantasiados provocavam utilizando parte das fantasias como arma. O Jornal do Brasil não anunciou as medidas para combater o excesso de fantasia que poderia se utilizada como armas, ou que facilitasse a esconder os armamentos, como faca e revólver, medida defendida pelo Correio da Manhã. No entanto, veremos adiante, que parte dela foi tomada. Já outra medida defendida pelo jornal foi colocada em prática: a proibição do uso de cobras e jacarés nos cordões carnavalescos, com a alegação que o uso desses animais ia contra a civilização.

No Correio da Manhã, na parte dos classificados, a loja “A Fortuna” divulga um anúncio informativo aos cordões sobre a liberação do uso da fantasia de índios:

Aos cordões carnavalescos.

O proprietário da casa FORTUNA tem a maxima satisfação em participar aos seus amigos e freguezes que o exmo. sr. dr. Alfredo Pinto, digno chefe de policia desta Capital, permite que os sócios dos cordões carnavalescos tomem parte nas passeatas dos mesmos fantasiados de índio, com até, aqui, sendo apenas proibida a exhibição de animaes e de qualquer objecto dos quaes costumam fazer uso, fabricado em condições de servir de arma. (Correio da Manhã, 26 de janeiro de 1909. p.8)

Observa-se que a loja anuncia outra medida adotada pelo chefe de polícia, a fiscalização de objetos na fantasia que poderiam servir de armas. É interessante notar que o anúncio é diretamente dirigido aos cordões carnavalescos, mostrando claramente que as medidas tinha um objetivo, atingir esse grupo.

É importante entender quais os motivos que levaram o chefe de polícia Alfredo Pinto a tomar medidas que atingiam diretamente os cordões carnavalescos. Acreditamos que um deles tem a ver com próprio preconceito que esses grupos sofriam por parte da sociedade, os cordões representavam o carnaval antigo que muitos queriam esquecer. As fantasias de índios e o africanismo estavam longe de representarem o carnaval moderno, do modelo francês, digno para alguns, de uma nova fase que passavam o Rio de Janeiro, a de modernização da cidade. Da mesma forma, a associação que os cordões tinham com os capoeiras, trazia um olhar de desconfiança, principalmente para as autoridades. Aliado a isso, existiam os conflitos em que alguns desses cordões se envolviam, algumas vezes fatais, acendiam ainda mais o sinal de alerta nas fiscalizações nesses grupos.



## 2.5 Conflitos entre os cordões carnavalescos

A preocupação em controlar os cordões, seja através da imprensa, incluindo o concurso da Gazeta, ou das autoridades policíacas, não pode ser resumida à questão estética dos seus desfiles, representando um carnaval que para muito não era digno de país civilizado. Existia também a preocupação com a ordem pública. O preconceito em ver os grupos com a maioria dos seus componentes negros, trazia sempre a associação aos malandros e aos capoeiras, ampliando essa aflição. Esse receio, por outro lado, também foi construído através de base factuais. As rivalidades entre alguns cordões existiam e geravam conflitos. As brigas mais violentas eram notícias nas páginas policíacas dos jornais cariocas. Uma delas foi noticiada em 1899, o Jornal do Brasil relata uma briga envolvendo dois cordões em frente à fábrica de cerveja da Guarda Velha:

A's 9 ½ horas da noite, ao som de um fandango offensivo do grupo Estrela do Engenho Velho, entrou no jardim daquela fabrica o grupo carnavalesco Filhos das Chammas.

Os grupos, na fôrma do costume, enfrentaram –se para os devidos cumprimentos, quando o estandarte do Grupo Estrela do Engenho Velho, foi arrebatado pelos do grupo contraio e inutilizado compeltamente.

Travou-se, então, grande conflicto, no qual sahio ferido com uma profunda facada na verilha, do lado esquerdo, Joaquim Leandro de Souza, de 20 anos de idade, cor preta, padeiro, empregado na padaria Aragão, á rua Barão de Itapagipe n.39.

Com guia do delegado de 6ª circumscripção urbana foi recolhido em abidante hemorragia ao Hospital da Misericordia, sendo gravíssimo o seu estado. ( Jornal do Brasil, 13 de fevereiro de 1899, p.1)

O motivo da briga relatado pela imprensa seria uma tentativa do cordão Filhos da Chama de inutilizar o estandarte do Estrela do Engenho Novo. É difícil afirmar que tudo começou por causa do pavilhão. Talvez a iniciativa de danificá-lo tenha sido uma consequência de uma rivalidade antiga, seja por qual motivo.

O estandarte era o grande símbolo dos grupos carnavalescos de todos os tipos. Como vimos, os grupos, sejam eles as grandes sociedades, clubs, ranchos, cordões e outros tipos não definido pela imprensa, faziam questão de colocá-lo em exibição nas redações de jornais, sem dúvida, um motivo de orgulho.

Cada ano o estandarte vinha com uma decoração diferente, e era comum entre os cordões desfiles de pavilhões dos anos anteriores. As cores dos estandartes do ano representavam as cores do grupo, e assim definia as cores das fantasias. Com tudo isso, não é estranho imaginar que pegar ou danificar o estandarte de um cordão rival seria sinônimo de valentia, e, no caso de quem perde, de humilhação.

Entender a rivalidade entre alguns cordões vai além desse trabalho, seria preciso um estudo mais completo, não só baseado na imprensa mais também nos arquivos policiais. As rixas existiam, seja por uma tentativa de hegemonia dos grupos no bairro, no trabalho, ou rixas particulares entre os sócios, ou por qualquer outro motivo fúteis. Repare que no relato da confusão o repórter cita que é comum o cumprimento entre os cordões, um sinal de respeito e harmonia. Isso mostra que os conflitos aconteciam, pelo menos acreditamos que na maioria das vezes, por causa de rixas entre alguns grupos, não eram uma coisa generalizada.

Um exemplo de motivo que pode ocasionar uma briga, vem do mesmo dia do conflito anterior citado. Agora o confronto aconteceu entre os cordões Flor da Primavera e o Estrela de Diamante:

Já estavam serenados os ânimos quando outro conflito surgiu, travado entre os grupos Flor da Primavera e Estrela de Diamante, sendo que, devido a uma pequena questão particular entre dois sócios, esta generalizou-se, chovendo em pouco tempo copos e garrafas para todos os lados.

Neste conflito sahio ferido Juvenal Marques, sócio do grupo Flor da Primavera, que se achava fantasiado de *velho*.

Marques recebeu um ferimento no frontal do lado esquerdo e outro em uma pálpebra. (Jornal do Brasil. 13 de fevereiro de 1899, pg1).

Dessa vez a reportagem foi um pouco mais específica, indicando que o confronto teve o início devido as desavenças entre dois sócios dos grupos, que acabou envolvendo todos. Algumas vezes a imprensa destacava as rivalidades entre os cordões, a Gazeta de Notícias ao noticiar uma briga na Praça da República envolvendo os cordões Estrela de Ouro de Villa Isabel e o Cravinho de Ouro no carnaval de 1910, já destacava que esses grupos se estranhavam nas ruas desde 4 anos atrás, sendo que dessa vez chegando ao conflito. O relato da briga feito pelo jornal mostra que os dois grupos ficavam se provocando, através dos seus batuques e danças:

Achando margem para explodir os seus ódios, os dois grupos se desafiaram, a dançar desesperadamente enquanto que a pancadaria tocava ensurdecedoramente.

Em dado momento, já cansados, de se olharem de frente, chegaram os turbulentos a vias de facto, originando-se um serio conflito, em que foi forçado a entrar o C. Filhos do Castello de Ouro, que passava na ocasião e que foi atacado e envolvido pelos beligerantes. (Gazeta de Notícias, 8 de fevereiro de 1910, p.2).

Sobrou até para cordão Filhos do Castello de Ouro, que passando ao local acabou entrando na briga. Nesse conflito, o integrante Fuão Azevedo<sup>56</sup> do Estrela de Ouro, acabou baleado e falecendo. Vários integrantes dos três grupos foram presos. A Gazeta de Notícias

---

<sup>56</sup> Fuão Azevedo tinha 31 anos, era branco e trabalhava em uma fábrica de tecidos. (Gazeta de Notícias, 8 de fevereiro de 1910, p.2)

lamentava o ocorrido, reclamava das autoridades uma fiscalização nos cordões, lembrando que esses dois grupos já haviam se estranhado nos carnavais anteriores. O jornal lembrava que no tempo do chefe de polícia Dr. Alfredo Pinto, esse tipo de confronto não acontecia, já que nessa época existia uma fiscalização mais rígida na saída das sedes para os desfiles, com os integrantes dos cordões sendo revistados. Caso a polícia encontrasse alguma arma, era apreendida. Realmente relatos de conflitos graves na imprensa envolvendo os cordões no período do chefe de polícia Alfredo Pinto não aparecem nos jornais cariocas, mostrando um aperto na fiscalização.

Na verdade, a fiscalização na saída dos grupos carnavalescos das suas sedes para os festejos de carnaval já acontecia antes da chefia de Alfredo Pinto. Entretanto, ao que parece, essa fiscalização anterior tinha algumas falhas. Na famosa briga no carnaval de 1902, ocorrida no bairro Botafogo entre o cordão Gremio Carnavalesco Flor da Primavera e o cordão Gremio Carnavalesco Filhos da Estrella dos Dous Diamantes, que provocou a morte de dois integrantes do último grupo, sendo que um por tiro e outro por facada, os sócios desse cordão entrevistados pelo Jornal do Brasil reclamavam da polícia a falta de fiscalização na saída da sede do cordão rival, o G.C Flor da Primavera, informando ao repórter que no caso deles a polícia apareceu na sede para revistar a saída do grupo, não encontrando nenhuma arma. (Jornal do Brasil, 11 de fevereiro de 1902, edição manhã,p.2). Independente se a reclamação dos sócios do G.C Filhos da Estrella dos Dous Diamantes foi apenas uma suposição, o próprio conflito mostra que a fiscalização tinha falhas.

Essa briga sem dúvida foi o conflito entre os cordões que teve a maior repercussão, ajudando a piorar a fama de brigões entre esses grupos. Os jornais cariocas repercutiram não só a briga como os enterros das vítimas. O Jornal do Brasil foi o que mais cobriu a tragédia. Com o título de “Riso e Sangue”, o diário trouxe durante três dias detalhes sobre o acontecimento. Se a imprensa até 1902 evitava chamar diretamente um grupo de cordão, nesse caso, não teve dúvida, a briga aconteceu entre dois cordões carnavalescos, apesar disso, não houve ofensa, ironia ou revolta contra esses grupos na cobertura da imprensa. E o que chama mais atenção foi à maneira respeitosa em que o Jornal do Brasil tratou o conflito, sempre se solidarizando com o grupo G.C Filhos da Estrella dos Dous Diamantes que perdeu dois integrantes.

A briga aconteceu quando os sócios G.C Filhos da Estrella dos Dous Diamantes iam de Botafogo para a sua sede na Glória quando foram atacados na Rua Marques de Abrantes, no Flamengo, pelo grupo G.C Flor da Primavera, de Laranjeiras, que estava armado de navalhas e facas e um revólver. Na briga dois integrantes do grupo G.C Filhos da Estrella dos Dous

Diamantes morreram, Antonio Angelino Gonçalves, vulgo Boi, foi morto por um tiro no peito, e Jorge Nunes dos Santos morto por facada<sup>57</sup> (Correio da Manhã, 10 de fevereiro de 1902, p.2).

O que ficou também marcado nesse conflito, além da brutalidade, foi o enterro das vítimas. O cordão Filhos da Estrella dos Dous Diamantes recebeu a solidariedade de vários grupos carnavalescos que saíram em cortejo pelas ruas de Botafogo até o cemitério São João Batista. Forma os casos do Club Lyra Dous diamantes, Destemidos do Catete, Teimosos da Glória, Club Carnavalescos Maças de Ouro, Club Triumpho do Dous Diamantes, Filhos do Poder de Ouro, Grupo Carnavalescos Rainha das Chamas e Sociedade Carnavalescas Estrella dos Dous Diamantes. Todos esses grupos foram com seus estandartes e instrumentos tocando em ritmo lento (Jornal do Brasil, 11 de fevereiro de 1902, edição da manhã, p.2). Um fato chamou atenção do jornalista do O Paiz, os grupos iam fantasiados no cortejo: “Nota curiosa: os membros dos grupos carnavalescos que constituíam a romaria fúnebre iam fantasiados, rufando caixas e pandeiros, de um modo exquisitamente funebre” (O Paiz, 11 de fevereiro de 1902, p.3).

Na terça de carnaval, o cordão Sociedade Carnavalesca Estrella de Dous Diamantes em desfile pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, homenageia a S.C Filhos Estrella de Dous Diamantes, se apresentando com uma música feita para o grupo:

Os Filhos da Estrella  
Mataram em Botafogo  
Os feridos foi a faca  
E os mortos foi a fogo

Botamos luto  
Na nossa bandeira  
Mataram dois irmãos  
Foi á traiçoeira

Vamos botar luto  
Na nossa bandeira  
Mataram nossos irmãos  
Dos Filhos da Estrella. (Jornal do Brasil, 12 de fevereiro de 1902, edição da manhã, p.3)

Segundo o Jornal do Brasil, o cordão S.C Estrella de Dous Diamantes foi o criador da S.C Filhos da Estrella dos Dous Diamantes, entretanto, não se pode descartar que o último tenha sido criado em homenagem ao primeiro.

---

<sup>57</sup> Antônio Angelino Golçalves, vulgo boi, tinha 21 de anos de idade, cor “parda”, trabalhava como masseira em padaria. Era cabo de esquadro 1ª regimento de cavalaria da Guarda Nacional. Jorge Nunes Santos, de cor “parda”, solteiro, tinha 23 anos e trabalhava de pedreiro. (Jornal do Brasil, 9 de fevereiro de 1902, edição da manhã, p.2).

Como já foi dito, é difícil determinar os motivos que começavam as rixas entre alguns cordões. A preocupação que as autoridades tinham em controlar a saída desses grupos era real, e não pode ser vista apenas por preconceito, entretanto, caracterizar os cordões somente pelas brigas não é apropriado. Não se sabe que os cordões eram os grupos carnavalescos que mais se envolviam em confusões. Entretanto, se considerarmos a grande quantidade de cordões que desfilaram no carnaval carioca na década de 1900, e compararmos com as brigas noticiadas pela imprensa, chegaremos à conclusão que a maioria dos cordões carnavalescos estava nas ruas para diversão, e não para confusão.

## Conclusão

No final do capítulo 2 foi discutido os conflitos entre os cordões. Apesar das brigas, algumas delas sangrentas, defendemos que não seria apropriado classificar os cordões como grupos carnavalescos violentos. No entanto, alguns cordões pareciam que estavam prontos para guerra, e faziam questão de mostrar nas músicas. O cordão Triunpho da Saúde, depois de buscar o seu estandarte na redação do Jornal do Brasil, em 1907, saiu entoando os seguintes versos:

Onde vaes Triumpho  
Eu vou passar  
Eu sou Guerreiro  
Quero Guerrear. (Jornal do Brasil, 7 de fevereiro de 1907, p.10).

Outros mostravam a valentia pelos nomes, como é o caso do cordão Endiabrados da Piedade, que no carnaval de 1909 veio cantando a seguinte música:

Eu hei de amar  
Hei de querer  
Eu hei de amar  
Até morrer. (Jornal do Brasil, 18 de fevereiro de 1907, p.2)

Como pode os valentes Endiabrados da Piedade, cantar música de amor? Sim, os cordões cantavam muito sobre amor, e as preferidas eram as morenas e as mulatas. O cordão Sociedade Carnavalesca Rainha da Glória, em 1907, desfilou cantando:

Meu barco de ouro  
Meu reino de prata  
Navega morena  
Navega mulata (O Paiz, 6 de fevereiro de 1907, p.2)

Esses são os cordões, difíceis de entender. Os valentes foliões gostavam de cantar músicas apaixonadas. Isso mostra, como é complexo entender o universo dos cordões carnavalescos. Se basearmos pelos adjetivos da imprensa como “valentes” e “destemidos”, por exemplo, e compararmos com os títulos ou com algumas músicas de valentia, não teríamos dúvidas: os cordões eram grupos carnavalescos que estavam prontos para a guerra.

Foi justamente isso que queríamos evitar, esse tipo de classificação que os cordões carregam até hoje. Tentamos mostrar que os cordões eram grupos carnavalescos que estavam presentes para participarem das festas, e não aterrorizar a sociedade. As rixas existentes dos

grupos iam além dos dias de folias, que mostravam acima de tudo, os conflitos do cotidiano. É essas relações sociais que vão pautar parte da imprensa e das autoridades policiais. Sem dúvida que os aspectos culturais contam, entretanto, os aspectos sociais têm que ser considerados. O entrudo era a brincadeira preferida no carnaval, passa a ser combatido quando os pobres começam a brincar com igualdade de condições com outros foliões. A fantasia do diabinho era a alegria das pessoas, tornaram-se odiados quando os negros passaram a usar. Os velhos cabeçudos alegravam a todos, até que os negros dos cordões passaram a se fantasiar. Parte da imprensa noticiava o fim das fantasias de Velhos, só que nas descrições de alguns cordões, lá estavam eles. Os cordões não incomodavam alguns intelectuais ou a elite econômica apenas por representarem um carnaval antigo, mais também pela classe social que representavam os seus integrantes. Negros, mulatos, pobres, antigos moradores do centro do Rio de Janeiro, esses eram os formadores dos cordões. São todos aqueles que eram tratados com desconfiança por parte da sociedade.

Apesar do todo clima negativo, os cordões estavam presentes no carnaval carioca, e dominavam as ruas nos dias de folia. Nesse conflito, precisavam usar táticas, e os fizeram. Aproximaram-se da imprensa. Imitaram as grandes sociedades com suas sedes e estatutos, porém, mantinhas as suas características nos desfiles. Mostra-se aí o poder de diálogo. Negociavam com a polícia obedecendo as suas normas, ou para alguns, demonstravam obedecer. A aproximação com imprensa serviu de escudo contra os abusos das autoridades policiais. Garantiu o domínio nas páginas dos diários, perdendo apenas na quarta de cinzas para as grandes sociedades.

Se os cordões sabiam que tinham a simpatia de parte da imprensa, o outro lado tinha o mesmo pensamento. A imprensa aproveitou essa aproximação para tentar conduzir os cordões. O maior exemplo é o concurso, A festa dos cordões, da Gazeta de Notícias, surgido em 1906. Que deixava claro o objetivo: “civilizar os cordões”. Os primeiros prêmios eram dados para os grupos que se apresentassem luxuosamente. Os cordões carnavalescos teriam que ser “dignos” de desfilarem em uma cidade que estava conhecendo o progresso.

O que parecia ser o início de um novo predomínio dos cordões, agora “adaptados” para ter o reconhecimento de todos, aconteceu justamente ao contrário. Os cordões não mudaram as suas características. Os prêmios eram conquistados pelas sociedades carnavalescas, que imitavam as grandes sociedades. Apesar da Gazeta insistir que os cordões estavam apresentando um carnaval com luxo, essa não era a realidade. Até premiação por originalidade a Gazeta criou, possivelmente para mudar algumas fantasias dos cordões. Nesse, os cordões também não ficavam na primeira colocação.

Essa mesma imprensa que ajudou no predomínio dos cordões na década de 1900, será a mesma que ajudará no seu desaparecimento. E tinha um aliado inconsciente: os ranchos carnavalescos. Se os cordões não mudavam, os ranchos seriam o modelo. O surgimento do rancho Ameno de Resedá, em 1906, contribuiu ainda mais para isso. O Ameno de Resedá inovava. Trazia enredo para os seus desfiles. Músicas e fantasias tinham que acompanhar o enredo. A imprensa passou a ver nos ranchos carnavalescos, como uma forma “civilizada” para os negros e pobres brincarem o carnaval. A presença das mulheres com seus cantos suaves, a banda de música com instrumentos de sopro e o jeito mais calmo de desfilar, fazia a imprensa e as elites intelectuais e econômicas amenizarem o seu olhar de desconfiança nesses grupos formados por pobres e negros. Os ranchos eram o exemplo a ser seguido. A imprensa passou a ter um papel fundamental. Os cordões começam a dividir o espaço nos jornais com os ranchos no final da década de 1900. Já no começo da década de 1910, os ranchos predominavam.

Acreditamos que a imprensa que reconhecia os cordões carnavalescos como os verdadeiros representantes do carnaval popular, na verdade defendia o direito da classe social que fazia parte desses grupos, de brincar o carnaval. Nesse caso, era preciso conduzir o modo de apresentações dos cordões carnavalescos para serem “dignos” do momento em que vivia a cidade. Os cordões não atenderam as expectativas, porém, representantes do mesmo grupo social dos cordões se aproximavam, pelo menos em parte, do carnaval desejado pela imprensa, os ranchos carnavalescos. A defesa dos direitos da classe pobre de brincar carnaval estaria representada pelos ranchos carnavalescos.

Essa foi a relação entre a imprensa e os cordões na década de 1900. Os jornais ajudaram os cordões a ter o predomínio da década de 1900, porém, contribuíram para o seu desaparecimento na década seguinte.

No entanto, se ampliarmos o universo dos cordões carnavalescos, observaremos que esses grupos não representavam apenas uma tentativa de resistência de uma cultura. Os cordões carnavalescos representavam para os pobres, a oportunidade de participar de uma festa que eles sabiam que tinham o direito de brincar. Se não eram mais nos cordões, brincaram em outro grupo que se identificavam socialmente e culturalmente: os ranchos carnavalescos.

Pegaremos novamente o exemplo de Oséas João de Oliveira<sup>58</sup>, citado por Jota Efege<sup>59</sup> no seu livro Figuras e coisas do carnaval. Oséas na sua adolescência saiu nos cordões Filhos da Estrela, O Terror do Castelo, Destemidos da Favela e outros, cita EFEGÊ (1982,p.278).

---

<sup>58</sup> Ver a página 25 do trabalho.

<sup>59</sup> Jota Efege contou a história de Oseas João Oliveira baseado na reportagem do jornal O Globo de 26 de Janeiro de 1980. No ano da reportagem, Oséas desfilava na velha Guarda do Império Serrano, e estava preste de completar 80 anos. O valente folião garantiu que estaria presente no desfile daquele ano da sua escola de coração.



Quando os cordões foram desaparecendo, o folião ingressou no rancho Flor de Abacate do bairro que ele morava, no Catete. E quando as escolas de samba começaram a ganhar o espaço dos ranchos, lá estava ele. Ingressou no Prazer da Serrinha, hoje Império Serrano.

A história de Oséas e a presença das escolas de samba do Rio de Janeiro são os maiores exemplos que os negros, pobres, trabalhadores braçais, moradores das favelas, subúrbios e arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro conseguiram vencer a batalha do carnaval.

## Referências

### 1.Periódicos

Correio da Manhã (Rio de Janeiro, 1901-1912)

FON FON! (Rio de Janeiro, 1907-1912)

Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro, 1898-1912)

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro, 1898-1912)

Kosmos ( Rio de Janeiro, 1904-1909)

O Malho ( Rio de Janeiro, 1902 – 1912)

O Paiz (Rio de Janeiro, 1898-1912)

Revista da Semana ( Rio de Janeiro, 1900- 1912)

Tagarela ( Rio de Janeiro, 1902- 1904)

### 2.Documentos

Arquivo Nacional ( GIFI, 6C249), ( GIFI,6C171), (GIFI, 6C251), ( GIFI, 6C249),

### 3.Livros, artigos e dicionários.

ALENCAR, Edigar de. *O carnaval carioca através da música*. 3ª ed. Rio de Janeiro: INL, 1979.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Editora Global, 2012.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Luiz Sérgio. A turma da lira: sobrevivência negra no Rio de Janeiro pós- abolicionista. *Revista do IPHAN* nº 25, 1997, p.327-333.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado federal, Conselho Editorial, 2003.

EFEGÊ, Jota. *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: Editora FUNARTE, 1982.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. *O livro de Ouro do carnaval Carioca Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novô Diccionário da Língua Portuguêsa*. Lisboa: Editora Tavares, vol. II, 1889.

\_\_\_\_\_. *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, vol. II, 1913.

MORAES, Eneida. *História do Carnaval Carioca*. Nova Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *O Carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed.rev. Campinas, Editora da UNICAMP, 2004.

SANTUCCI, Jane. *Cidade Rebelde: As revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

#### 4.Sites e artigos citados.

<http://www.dicionariompb.com.br/renato-almeida/biografia>. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Texto referente a biografia do Folclorista Renato Almeida.

<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=197>; Texto referente a biografia ao Chefe de Policia da cidade do Rio de Janeiro ( 1907-1909) Alfredo Pinto Vieira.

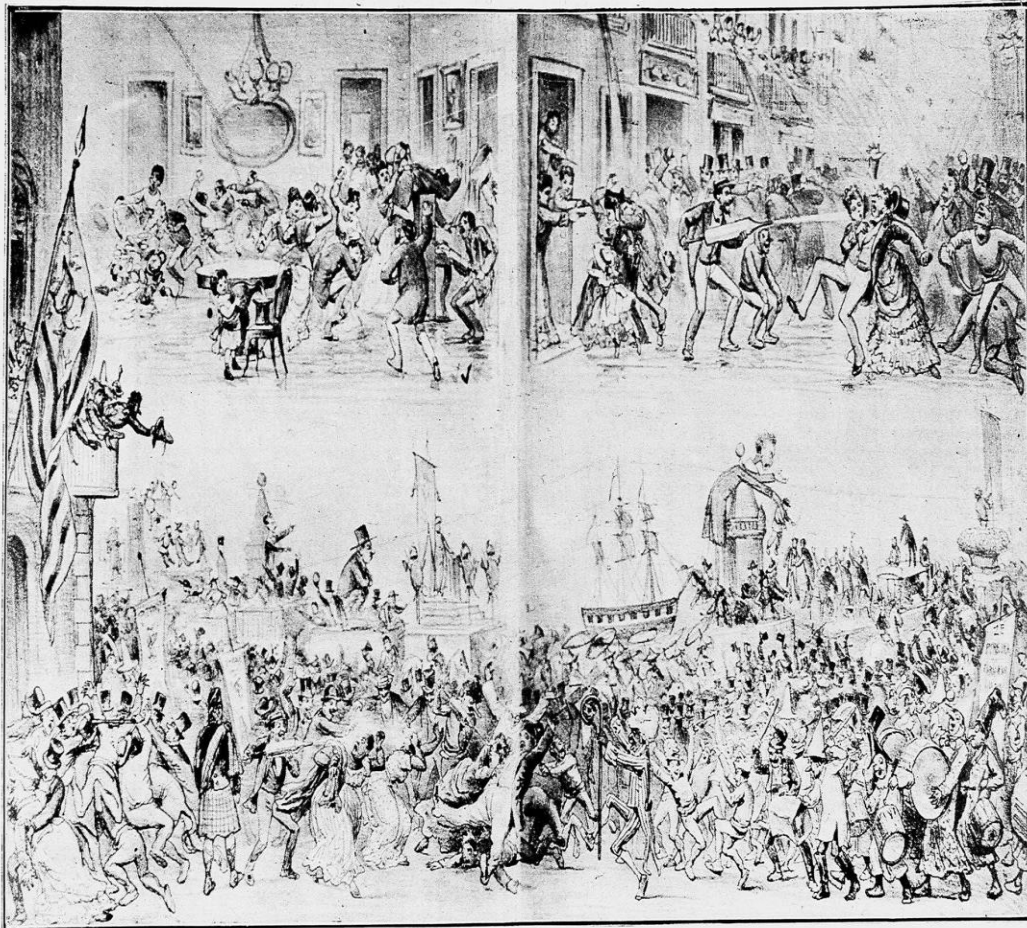
CANTO, Tafenes do. Letra de professora: A educação brasileira oitocentista nos escritos de Nisia Floretas e nas cartas de Ina Von Binzer. XI Encontro Estadual de História; ANPUHRS, 23 a 27 de julho de 2012, FURG, Rio Grande do Sul, p.608-6019. Artigo referente a professora Ina Von Binzer.

MONTEIRO, Débora Paiva. O mais querido “fora da lei”: um estudo sobre o entrudo na cidade do Rio de Janeiro (1889-1910). XIV Encontro Regional da ANPUH Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 19 a 23 de Julho de 2010. Unirio. Artigo referente ao Entrudo.

## Anexo 1

## CARNAVAES PASSADOS

REVISTA DA SEMANA

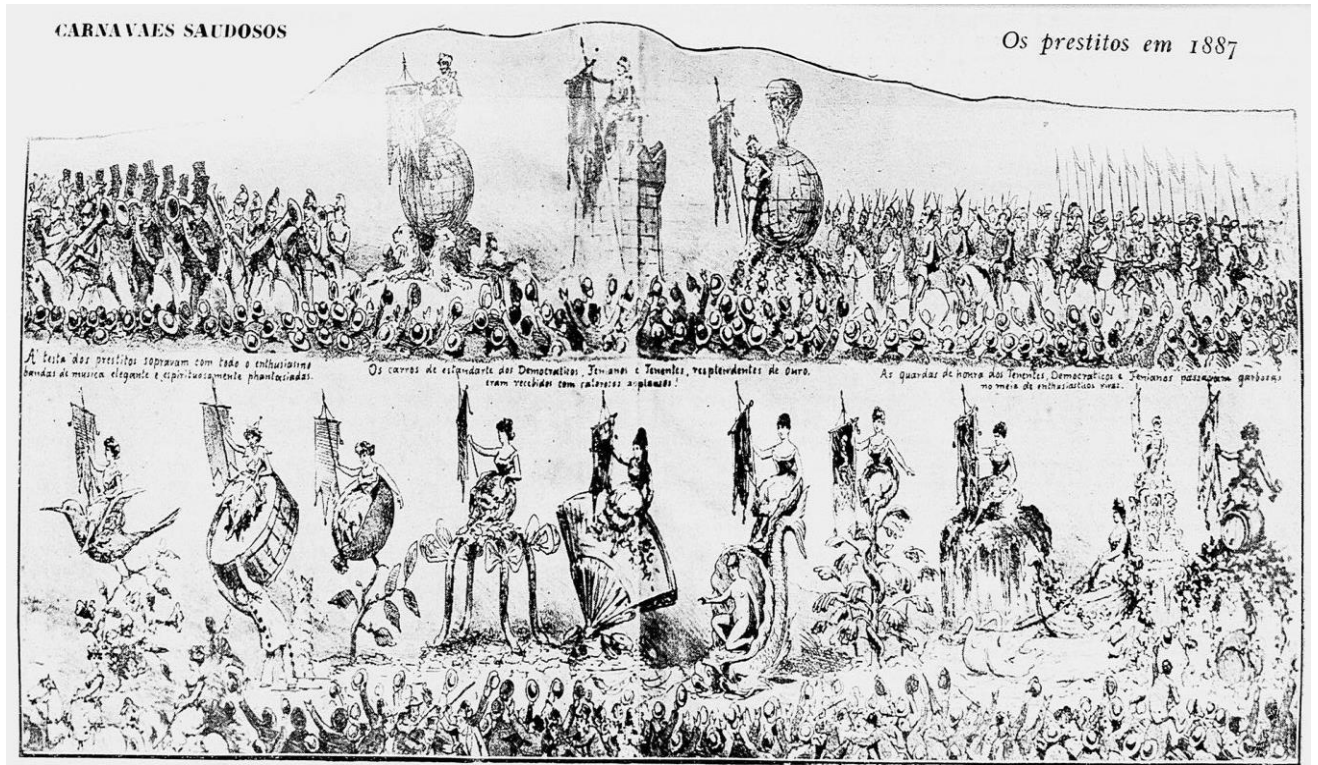


A REVISTA DA SEMANA revive hoje duas paginas da «Revista Illustrada» em que o lapiz do saudoso Angelo Agostini fixou aspectos dos refulgentes carnavaes de outr'ora. Refere-se esta pagina ao entrudo e aos prestitos destumbrantes do anno de 1880.—A pagina no verso reproduz os carros de maior successo nos prestitos dos Democraticos, Penianos e Tenentes em 1887.

60

<sup>60</sup> A Revista da Semana, na edição de 17 de fevereiro de 1912, publica algumas ilustrações do caricaturista e desenhista Angelo Agostini, que eram publicadas na Revista Illustrada no século XIX. O primeiro quadro representa o entrudo familiar. O segundo, o entrudo das ruas. O terceiro representa as grandes sociedades desfilando, e a população jogando o entrudo nas ruas. O quarto representa as grandes sociedades desfilando, agora, com os grupos carnavalescos populares também nas ruas nos dias de folia. ( Revista da Semana, 17 de fevereiro de 1912).

Anexo 2



61

<sup>61</sup> Ilustrações de alguns carros de críticas apresentados pelas grandes sociedades carnavalescas no ano carnaval de 1887. (Revista da Semana, 17 de fevereiro de 1912).

## Anexo 3

## Fantasias presentes nos cordões carnavalescos



62



63

d'oiro a chispar



64



65

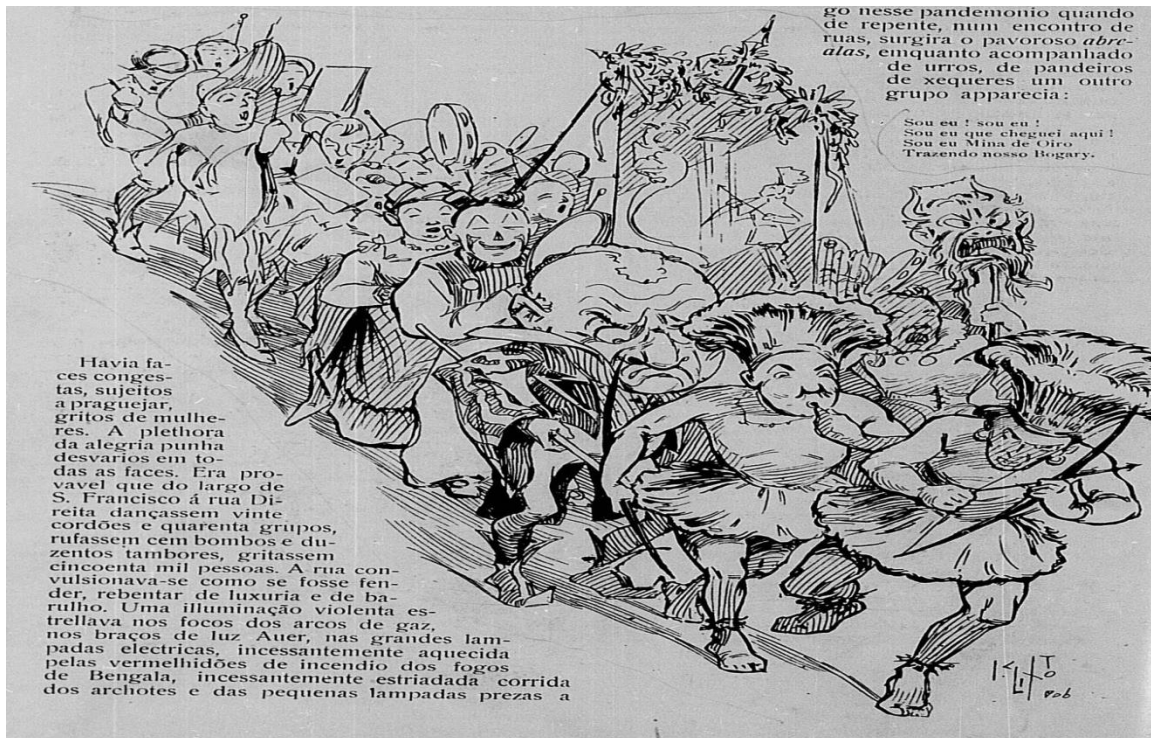
<sup>62</sup> Fantasia Rei do Inferno ( Elogio ao cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906)

<sup>63</sup> Fantasia de índio com o seu tradicional apito (Elogio ao cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906)

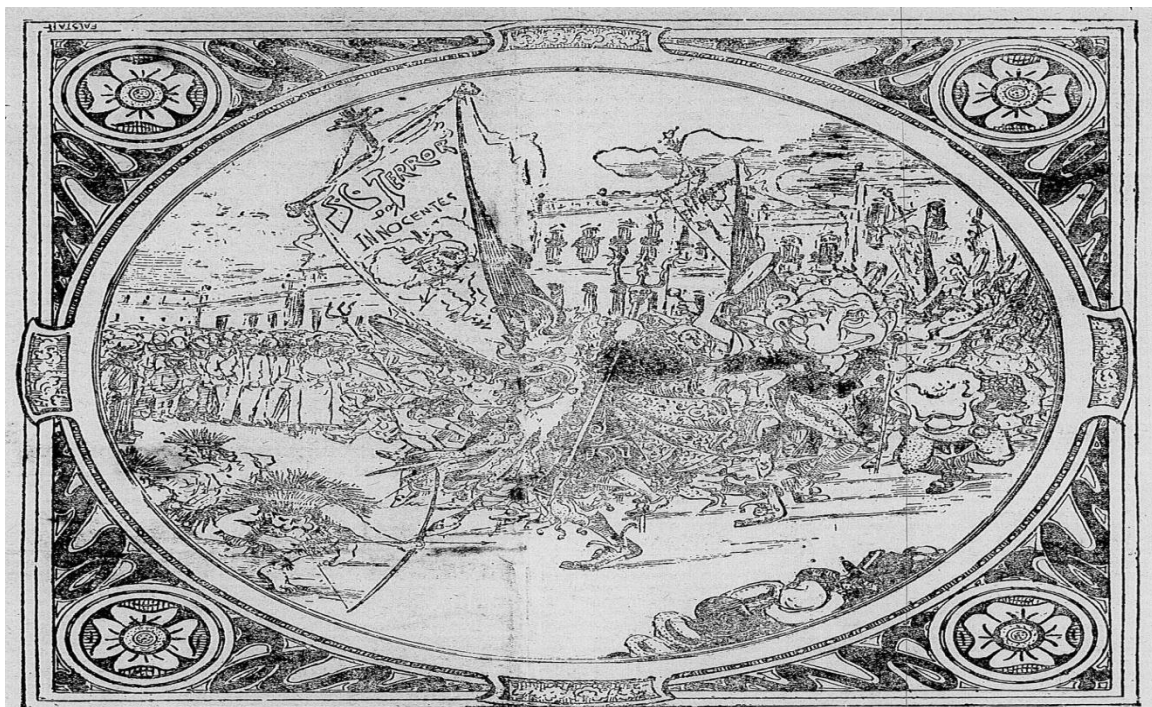
<sup>64</sup> Fantasia do Velho (Elogio ao cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906)

<sup>65</sup> Fantasia de pai João (Revista Fon Fon, 18 de fevereiro de 1909)

## Anexo 4



66



Um cordão carnavalesco na actualidade

67

<sup>66</sup> Ilustração de um cordão carnavalesco com as suas fantasias ( Elogio ao Cordão, Revista Kosmos, fevereiro de 1906).

<sup>67</sup> Ilustração de um cordão carnavalesco (Gazeta de Notícias, 5 de março de 1906, Suplemento Illustrado)







**○ CHEFE E OS «INDIOS»** — Raspem-se!... Não quero vêr nem um só no Carnaval!...  
( Os INDIOS ) — Está bão seu chefe, por isto não é preciso virar... bicho!...

69

**CARNAVAL-1909**  
**AOS CORDÕES CARNAVALESÇOS**

**Os índios nos cordões**

O proprietário da casa FORTUNA tem a máxima satisfação em participar aos seus amigos e freguezes que o exmo. sr. dr. Alfredo Pinto, digno chefe de polícia desta Capital, permite que os socios dos cordões carnavalescos tomem parte nas passeiadas dos mesmos fantasiados de índios, como até aqui, sendo apenas prohibida a exhibição de animaes e de qualquer objecto dos quaes costumam fazer uso, fabricado em condições de servir de arma.

**VIVA O CARNAVAL CARIOCA**  
**O PRIMEIRO CARNAVAL DO MUNDO**

Viva também a casa FORTUNA que possui o mais lindo e completo sortimento e é a que vende mais barato:

**A' FORTUNA**  
**PRAÇA II DE JUNHO**  
J. dos Santos Guimarães.

70

## Anexo 7

<sup>69</sup> Charge ironizando a decisão do Chefe de Polícia Alfredo Pinto sobre a proibição das fantasias de índios para o carnaval de 1909. A charge apresenta o seguinte diálogo:

“Raspem-se ! ... Não quero vêr nem um só no carnaval!..

(Os índios)- Está bão seu chefe, por isto não é preciso virar... bicho!”(Revista ilustrada, 10 de Janeiro de 1900)

<sup>70</sup> Anúncio da casa de artigos carnavalescos comunicando aos cordões que as fantasias de índios poderão sair. (Gazeta de Notícias, 20 de Janeiro de 1909, p.8).



71

## Anexo 8

<sup>71</sup> As pastorinhas do rancho C. D. C Ameno de Resedá ( O Malho, 12 de fevereiro de 1910)



ENDIABRADOS DE S. CHRISTOVAM — *Grupo de socios.* — LYRA DE S. CHRISTOVAM —  
*Grupo de socios*

72

## Anexo 9

<sup>72</sup> Fotos dos sócios dos cordões Endiabrados de *S. Christovam* e do cordão *Lyra de S. Christovam*. (Gazeta de Notícias, 4 de março de 1911)



G. C. Caprichosos de Santa Thereza <sup>73</sup>



C. C. Flor do Cajú <sup>74</sup>

Anexo 10

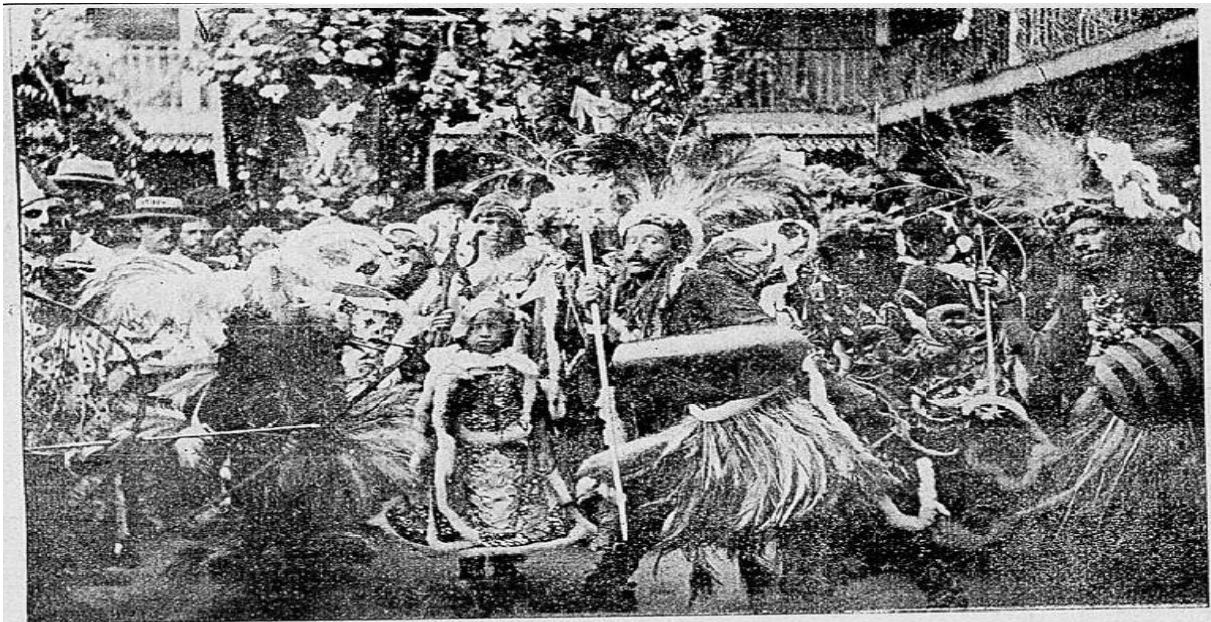
<sup>73</sup> Estandarte do Cordão G.C Caprichosos de Santa Thereza ( Revista da Semana, 18 de fevereiro de 1909)

<sup>74</sup> Estandarte do cordão C.C Flor do Cajú ( Revista da semana, 18 de março de 1906)



Rio de Janeiro—Sociedade Carnavalesca Chuveiro de Prata

75



Rio de Janeiro — Grupo Carnavalesco Flor das Morenas, na terça-feira de Carnaval

76

<sup>75</sup> Cordão S.C Chuveiro de Prata ( Revista da Semana, 11 de março de 1906)

<sup>76</sup> Cordão G. C Flor das Morenas ( Revista da Semana, 19 de março de 1905)